

UNIVERSIDADE VILA VELHA – ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

**OS USOS E OS SIGNIFICADOS DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS
PELOS JOVENS NATIVOS DIGITAIS: UM ESTUDO
EXPLORATÓRIO COM ESTUDANTES DE ESCOLAS DO ENSINO
MÉDIO DA CIDADE DE VITÓRIA-ES**

ANA PAULA BARBOZA DE VARGAS SCHUSTER

VILA VELHA
OUTUBRO / 2017

UNIVERSIDADE VILA VELHA – ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

**OS USOS E OS SIGNIFICADOS DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS PELOS
JOVENS NATIVOS DIGITAIS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO COM
ESTUDANTES DE ESCOLAS DO ENSINO MÉDIO DA CIDADE DE VITÓRIA-
ES**

Dissertação apresentada à Universidade Vila Velha, como pré-requisito do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política, para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia Política.

ANA PAULA BARBOZA DE VARGAS SCHUSTER

VILA VELHA
OUTUBRO / 2017

Catálogo na publicação elaborada pela Biblioteca Central / UVV-ES

S395u

Schuster, Ana Paula Barboza de Vargas.

Os usos e os significados das redes sociais digitais pelos jovens nativos digitais: um estudo exploratório com estudantes de escolas do ensino médio da cidade de Vitória-ES. / Ana Paula Barboza de Vargas Schuster – 2017.

113 f.: il.

Orientadora: Manuela Vieira Blanc.

Dissertação (mestrado em Sociologia Política) - Universidade Vila Velha, 2017.

Inclui bibliografias.

1. Sociologia Política. 2. Jovens. 3. Socialização. 4. Redes sociais on-line. I. Blanc, Manuela Vieira. II. Universidade Vila Velha. III. Título.

CDD 306.2

ANA PAULA BARBOZA DE VARGAS SCHUSTER

**OS USOS E OS SIGNIFICADOS DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS
PELOS JOVENS NATIVOS DIGITAIS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO
COM ESTUDANTES DE ESCOLAS DO ENSINO MÉDIO DA CIDADE
DE VITÓRIA-ES**

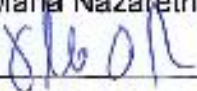
Dissertação apresentada à Universidade
Vila Velha, como pré-requisito do
Programa de Pós-Graduação em
Sociologia Política, para obtenção do
grau de Mestra em Sociologia Política.

Aprovada em 02 de outubro de 2017.

Banca Examinadora:



Profa. Dra. Maria Nazareth Bis Pirola (UFES)



Prof. Dr. Pablo Ornelas Rosa (UVV)



Profa. Dra. Manuela Vieira Blanc (UVV)
Orientadora

Aos meus pais, Jair e Augusta, que me deram a vida.
Ao meu esposo Marcelo por me permitir a realização deste sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia.

Aos meus pais, Jair e Augusta, que diante de todas as dificuldades, me deram condições e incentivo para caminhar nos estudos, me ensinando exemplos de dignidade, respeito e solidariedade e mostrando-me sempre o valor do estudo, do trabalho e da humildade.

À minha orientadora e professora Dr^a Manuela Vieira Blanc, que me ajudou a construir e concretizar este trabalho.

Aos membros da banca, professora Dr^a Maria Nazareth Bis Pirola e professor Dr^o Pablo Ornelas Rosa, pela generosidade em aceitar participar das bancas de qualificação e defesa, dando importantes contribuições para o enriquecimento deste trabalho.

Ao meu esposo, Marcelo, meu grande amor e incentivador das minhas conquistas, que me permitiu a realização deste mestrado, me encorajando e secando minhas lágrimas nos momentos difíceis.

Aos meus familiares, que entenderam a minha ausência e torceram para o meu sucesso.

Aos verdadeiros amigos que o mestrado me presenteou, Liliam, Ilza, Thiago, Filipe, Thyago, Ramiro e Uggere, pela parceria e pelo carinho que sempre me deram. Com certeza, o companheirismo de vocês foi fundamental durante a minha caminhada até aqui.

E a todos aqueles que, de alguma forma, estiveram e estão próximos a mim, fazendo esta vida valer cada vez mais a pena, o meu muito obrigada.

"Não deve haver limites para o esforço humano. Somos todos diferentes. Por pior que a vida possa parecer, sempre há algo que podemos fazer em que podemos obter sucesso. Enquanto houver vida, haverá esperança."

Stephen Hawking

RESUMO

SCHUSTER, Ana Paula Barboza de Vargas. Universidade Vila Velha – ES, outubro de 2017. **Os usos e os significados das redes sociais digitais pelos jovens Nativos Digitais: um estudo exploratório com estudantes de escolas do Ensino Médio da cidade de Vitória-ES.** Orientadora: Manuela Vieira Blanc.

Considerando o uso das redes sociais digitais pelos jovens usuários de internet que acabam se utilizando dessas redes para se comunicar e interagir com outras pessoas, objetiva-se nesta pesquisa avaliar o uso das redes sociais digitais por jovens estudantes do Ensino Médio e analisar a relação entre esses comportamentos com os processos significativos de socialização, identificando como as redes sociais digitais são usadas como ferramentas de interação social pelos jovens na sociedade contemporânea. Para tanto, foi realizado um estudo bibliográfico sobre juventude, identidade, escola, socialização, formas de interação social, novas tecnologias da informação e sobre redes sociais digitais a fim de promover uma análise teórica que serviu de base para a realização de um estudo exploratório dos jovens com idades entre 15 e 17 anos da cidade de Vitória-ES. A atuação no campo da pesquisa se formalizou a partir da realização de entrevistas baseadas num roteiro estruturado com perguntas abertas, que foram dirigidas aos jovens estudantes de escolas públicas e privadas da cidade de Vitória-ES com o propósito de conferir os seus comportamentos nas redes sociais digitais. Estes jovens são caracterizados como Nativos Digitais por terem acesso desde pequenos às tecnologias digitais e ao mundo virtual, passando a ter uma grande facilidade no manuseio dessas novas tecnologias. Já os pais e professores desses jovens são caracterizados como Imigrantes Digitais por terem conhecido as tecnologias digitais já na fase adulta e por isso tiveram que incorporar tardiamente em suas vidas as novas tecnologias e o sistema virtualizado. Assim, o comportamento dos jovens diante do mundo virtual é motivo de preocupação para pais e professores por estes não compreenderem suas atitudes, o que causa um certo estranhamento pelo modo como lidam com as novas tecnologias. Desse modo, observa-se que os jovens analisados usam com bastante frequência as redes sociais digitais para interagir dentro do mundo virtual com outros jovens, o que permite concluir que eles continuam usando as redes sociais digitais para interagir e jogar jogos virtuais, porém eles quase não colocam fotos pessoais, não revelam informações sobre a sua vida pessoal, não expõem suas opiniões e não divulgam a sua rotina diária. A rede social para eles é usada mais como uma rede de contatos para marcar encontros virtuais ou presenciais.

Palavras-chave: Jovens. Socialização. Redes Sociais Digitais. Comportamento. Novas Tecnologias.

Title: The uses and meanings of digital social networks by digital native youngsters: an exploratory study with high school students from the city of Vitória-ES.

ABSTRACT

Considering the use of digital social networks by young internet users who end up using these networks to communicate and interact with other people, this study aims to evaluate the use of digital social networks by young high school students and analyze the relationship between these behaviors with meaningful socialization processes, identifying how digital social networks are used as tools of social interaction by young people in contemporary society. For this purpose, a bibliographic study was carried out on youth, identity, school, socialization, ways of social interaction, new information technologies and digital social networks in order to promote a theoretical analysis that was the basis for an exploratory study of the young people aged 15 to 17 years old from the city of Vitória-ES. The research activity was formalized by conducting interviews based on a structured script with open questions that were directed to the young students of public and private schools of the city of Vitória-ES in order to check their behaviors in digital social networks. These young people are characterized as Digital Natives for having access since childhood to digital technologies and to the virtual world, being very easy for them to handle these new technologies. However, the parents and teachers of these young people are characterized as Digital Immigrants for having known the digital technologies in the adult stage and for that reason they had to incorporate late in their lives the new technologies and the virtualized system. Thus, the behavior of young people in the virtual world is a matter of concern for parents and teachers because they do not understand their attitudes, which causes a certain estrangement for the way they deal with the new technologies. Therefore, it can be observed that the young people analyzed use digital social networks quite often to interact within the virtual world with other young people, which leads to the conclusion that they continue to use digital social networks to interact and play virtual games, but they almost do not post personal photos, do not reveal information about their personal life, do not expose their opinions and do not disclose their daily routine. The social network for them is used more often as a network of contacts to make virtual or face-to-face appointments.

Keywords: Young people. Socialization. Digital Social Networks. Behavior. New Technologies.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentual de pessoas que possuíam telefone celular entre 2005 e 2014.....	66
Gráfico 2 - Percentual de pessoas que utilizaram a Internet entre 2013 e 2014.....	67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. O SER JOVEM E A SUA INTERAÇÃO NAS RELAÇÕES SOCIAIS MODERNAS	25
1.1 JUVENTUDE E PLURALIDADE.....	26
1.2 A ESCOLA COMO ESPAÇO DE SOCIABILIDADE	34
1.3 A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA E A RELAÇÃO ENTRE OS INDIVÍDUOS ..	40
2. AS FORMAS DE COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO DIANTE DAS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO	47
2.1 OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E SUA EVOLUÇÃO	49
2.2 AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E A SUA EXPANSÃO PELO MUNDO	52
2.3 TECNOLOGIAS DIGITAIS E NOVAS FORMAS DE INTERAÇÃO	56
2.4 AS REDES SOCIAIS DIGITAIS COMO MEIO DE INTERAÇÃO E DE INFLUÊNCIA SOCIAL.....	73
3. OS JOVENS E AS NOVAS TECNOLOGIAS	84
3.1 OS NATIVOS E OS IMIGRANTES DIGITAIS	85
3.2 AS DIFERENÇAS DE COMPORTAMENTOS ENTRE NATIVOS E IMIGRANTES DIGITAIS.....	94
3.3 OS NATIVOS DIGITAIS E SUA RELAÇÃO COM OS JOGOS <i>ON-LINE</i> ...	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	104
ANEXO	110
APÊNDICE	111

INTRODUÇÃO

De acordo com Castells (2011), o final do século XX e o início do XXI foi marcado por um intervalo na história, no qual proporcionou um momento de transformação de paradigmas. O desenvolvimento da tecnologia da informação trouxe para a vida do sujeito contemporâneo várias transformações, o que modificou a forma como as pessoas passaram a viver. Assim, “pela primeira vez na história, a mente humana é uma força direta de produção, não apenas um elemento decisivo no sistema produtivo”. (CASTELLS, 2011, p. 69)

Com isso, o crescimento e a expansão das novas tecnologias da informação passaram a influenciar a vida em sociedade, trazendo para as relações sociais novas formas de interação através de um processo mais dinâmico e moderno. Deste modo, a forma como as pessoas passaram a se relacionar modificou a maneira de ver o mundo, causando uma mudança radical no âmbito da comunicação. “Estamos, sem dúvida, entrando numa revolução da informação e da comunicação sem precedentes que vem sendo chamada de revolução digital”. (SANTAELLA, 2010, p. 70)

Assim, novas formas de comunicação foram introduzidas provocando uma nova transformação cultural, na qual a virtualidade passou a existir tornando-se uma característica essencial das relações modernas. As novas tecnologias da informação provocaram um abismo geracional muito grande, causando diferenças na forma de pensar e agir entre aqueles que nasceram antes da era da internet e aqueles que cresceram num mundo digital.

Os jovens se apropriaram das novas tecnologias e passaram a se utilizar dela para viver dentro de uma nova sociedade que tem como base a tecnologia, fato este que modificou a maneira de pensar do jovem contemporâneo com relação aos seus antecessores. Mediante isso, Prensky (2010, p. 66) destaca que “o ambiente e a cultura em que as pessoas são criadas afetam e até mesmo determinam muitos de seus processos de pensamento”.

Dentro desse contexto, Prensky (2010) caracteriza os jovens nascidos no século XXI de “Nativos digitais” e aqueles que nasceram antes da era da internet como “Imigrantes digitais”. Com isso, novas formas de pensar e agir surgiram em contraposição às formas de pensamento daqueles que conheceram as novas tecnologias, em especial a internet, depois de adultos.

Tendo em vista que na virada do século XX para o XXI, presencia-se aquilo que Santaella (2010) chamou de Revolução Digital, conforme relacionamos anteriormente, esse estudo se mostra importante justamente porque visa verificar a incidência dessa mudança entre os nativos digitais matriculados em escolas públicas e privadas da cidade de Vitória-ES.

No entanto, inicia-se o estudo com a hipótese de que os jovens Nativos Digitais atuam nas suas redes sociais digitais se exibindo através de fotos e selfies, fazendo relatos descritivos de sua rotina diária e expressando seus pensamentos e opiniões.

O estudo tem como objetivo observar o uso das redes sociais digitais pelos jovens usuários de internet que acabam se utilizando dessas redes para se comunicar e interagir com outras pessoas. Tal motivação se fez presente mediante a minha experiência como professora de jovens estudantes do Ensino Médio ao observar o comportamento deles nas redes sociais digitais e a preocupação dos pais destes jovens com relação a essa atuação.

Pelo exposto, esta pesquisa tem por objetivo avaliar o uso das redes sociais digitais por jovens estudantes do Ensino Médio e a relação entre esses comportamentos com os processos de socialização. Para tanto, a pesquisa pretende responder o seguinte problema: Como as redes sociais digitais servem como ferramenta no processo de socialização dos jovens em idade escolar?

Após um levantamento bibliográfico sobre a formação das identidades juvenis, foi realizada uma pesquisa acerca do comportamento dos jovens sobre a sua atuação nas redes sociais digitais e como isso se reflete nos seus processos de comunicação e socialização.

O trabalho se encontra estruturado em três capítulos, nos quais serão abordados as juventudes como fase da vida, o desenvolvimento dos meios de comunicação e as novas formas de interação propiciadas pela tecnologia, e a maneira como esses jovens se comportam mediante o uso das redes sociais digitais.

Com isso, no capítulo 1 será abordada as definições de juventude e a caracterização do ser jovem, além de discutir sobre esta fase da vida na construção da identidade do jovem a partir dos processos de socialização vivenciados por ele. O público jovem a ser analisado nesta pesquisa são jovens estudantes do Ensino Médio de escolas públicas e privadas da cidade de Vitória, no Estado do Espírito Santo.

Já no capítulo 2, será abordada a importância dos meios de comunicação diante da interação entre os indivíduos a partir de um histórico evolutivo das mídias até o surgimento da internet, que possibilitou a criação das redes sociais digitais, sendo considerada a mais nova forma de interação humana desde o início do século XXI. Será analisada também a maneira como os jovens analisados nesta pesquisa se utilizam das redes sociais digitais como espaço de sociabilidade.

E, por fim, no capítulo 3 será abordado o interesse dos jovens contemporâneos pelas novas tecnologias a fim de promover uma nova forma de sociabilidade que acaba por influenciar nas relações sociais juvenis mediante a interação entre os seus semelhantes, facilitada pelas redes sociais digitais. Tal comportamento juvenil provoca um estranhamento de seus antecessores com relação a forma como esses jovens lidam com o novo mundo tecnológico.

Também no capítulo 3 será abordada a questão dos nativos e imigrantes digitais, conceituando-os a partir de suas diferenças comportamentais e sobre o surgimento dos jogos *on-line* como uma nova forma de interação, fazendo parte das práticas atuais dos jovens analisados neste trabalho.

Os dados aqui apresentados foram coletados através da realização de 12 entrevistas, gravadas em áudio, a partir de um roteiro estruturado com

perguntas abertas, aplicado individualmente com jovens estudantes de 15 a 17 anos de idade da cidade de Vitória-ES entre os meses de abril e maio do ano de 2017. Deste modo, ao tratar de uma entrevista realizada individualmente, Gil (2008) destaca que

Essas entrevistas são muito utilizadas em estudos exploratórios, como o propósito de proporcionar melhor compreensão do problema, gerar hipóteses e fornecer elementos para a construção de instrumentos de coleta de dados. Mas também podem ser utilizadas para investigar um tema em profundidade, como ocorre nas pesquisas denominadas qualitativas. (GIL, 2008, p. 114)

Esta pesquisa apresenta um caráter qualitativo, pois tem o objetivo de identificar a construção da identidade do jovem mediante seus atos. No entanto, Goldembeg (2004, p. 53) afirma que “os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos”.

Além disso, Goldenberg (2004, p. 21), citando Franz Boas, afirma que “o objetivo do pesquisador é compreender a vida do indivíduo dentro da própria sociedade em que vive”. Compreensão esta que resulta de uma investigação científica traduzida por estatísticas e percepções dos atores que fazem parte deste delimitado campo amostral.

A coleta de dados se deu através da realização de entrevistas individuais com 12 jovens estudantes do Ensino Médio de escolas públicas e privadas de diferentes bairros da cidade de Vitória-ES, que foram identificados aqui com codinomes a fim de preservar a identidade de cada um. Ao todo foram entrevistados 6 meninos e 6 meninas, cujos codinomes se chamam João, Bruno, Paulo, Carla, Ruan, Maria, Luis, Ana, Brunela, Amanda, Carolina e Pedro.

O primeiro jovem entrevistado foi o João, estudante do Colégio Salesiano Nossa Senhora de Vitória, que é uma escola privada localizada no Forte de São João. Tem 16 anos, está no 2º ano do Ensino Médio e mora no bairro Centro com seus pais, seus dois irmãos e sua avó. Possui acesso à internet *wi-fi* em casa através do computador, do *tablet* e do *smartphone*, sendo este

último também com internet 4G. As redes sociais digitais as quais ele está conectado são o WhatsApp, o Facebook e alguns aplicativos de jogos digitais.

O segundo jovem foi o Bruno, também estudante do Colégio Salesiano Nossa Senhora de Vitória, localizado no Forte de São João. Ele tem 15 anos, está no 1º ano do Ensino Médio e mora no bairro Jardim da Penha com a sua mãe e a sua irmã. Dispõe de internet *wi-fi* em casa e na casa dos amigos e possui acesso através dos equipamentos como *notebook*, *tablet* e *smartphone*, este último também com internet 4G. Ele está conectado somente ao *Twitter* e ao *WhatsApp* como rede social digital.

O terceiro jovem foi o Paulo, que também é estudante do Colégio Nossa Senhora da Vitória, localizado no Forte de São João. Tem 16 anos, está no 1º ano do Ensino Médio e mora no bairro Barro Vermelho com o pai. Possui acesso à internet *wi-fi* em casa através do computador e da televisão e na escola e na rua através do *smartphone*, sendo este último também com internet 4G. Com relação às redes sociais digitais, ele está conectado ao *Twitter*, ao *Facebook* e ao *Instagram*.

A quarta jovem a ser entrevistada foi a Carla, que é estudante da Escola Estadual de Ensino Médio Professor Fernando Duarte Rabelo, localizada no bairro de Santa Helena. Tem 16 anos, está no 1º ano do Ensino Médio e mora no bairro Resistência com seus pais. Possui acesso à internet *wi-fi* em casa através do *notebook* e do *smartphone*, sendo que no *smartphone* ela não possui internet 4G. Deste modo, o acesso à internet pelo *smartphone* se dá somente em ambientes com *wi-fi* gratuitos. Ela está conectada às seguintes redes sociais digitais: *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *Snapchat*. Esta jovem atua como jovem aprendiz no CESAM¹ (Centro Salesiano do Adolescente Trabalhador) de Vitória-ES, localizado dentro do Colégio Salesiano Nossa

¹ Inicialmente o CESAM foi nomeado como Centro Salesiano do Menor. Atualmente, pelo fato de ser uma instituição formadora que participa do Programa da lei da aprendizagem, teve a sua nomenclatura substituída por Centro Salesiano do Adolescente Trabalhador.

Senhora da Vitória, exercendo a função de auxiliar administrativo no contraturno escolar.

O quinto jovem foi o Ruan, que é estudante da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Desembargador Carlos Xavier Paes Barreto, localizado no bairro de Santa Lúcia. Tem 16 anos, está no 1º ano do Ensino Médio e mora no bairro Jesus de Nazareth com sua mãe e sua irmã. Possui acesso à internet *wi-fi* em casa através do computador e do *smartphone*. Deste modo, o acesso à internet pelo *smartphone* se dá somente em casa e nos ambientes com *wi-fi* gratuitos, já que ele não possui internet 4G. Ele utiliza somente o *Facebook*, o *Capstrike* e o *WhatsApp* como redes sociais digitais. Este jovem também atua como jovem aprendiz no CESAM de Vitória-ES, localizado dentro do Colégio Nossa Senhora da Vitória, exercendo a função de auxiliar administrativo no contraturno escolar.

A sexta jovem entrevistada foi a Maria, que é estudante da Escola Estadual de Ensino Médio Colégio do Espírito Santo, localizado no Forte de São João. Tem 17 anos, está no 3º ano do Ensino Médio e mora no bairro Romão com seus pais. Ela possui acesso à internet *wi-fi* em casa através do *notebook* e do *smartphone*, sendo este último também com internet 4G, e está conectada às seguintes redes sociais digitais: *Snapchat*, *Instagram*, *WhatsApp*, *Facebook* e *Twitter*.

O sétimo jovem foi o Luiz, estudande do Centro Educacional UP, que é uma escola privada localizada no bairro de Jardim da Penha. Tem 17 anos, está no 3º ano do Ensino Médio e mora do bairro Santa Marta com os pais, seus dois irmãos e os avós. Possui acesso à internet *wi-fi* em casa através do computador e do *smartphone*, porém este último é usado mais para ouvir música, apesar de ter acesso à internet 4G. As redes sociais digitais as quais está conectado são o *Facebook*, o *WhatsApp* e alguns aplicativos de jogos virtuais *on-line*.

A oitava jovem entrevistada foi a Ana, que é estudante do IFES - Instituto Federal do Espírito Santo, localizado no bairro de Jucutuquara. Tem 15 anos,

está no 2º ano do Ensino Médio e mora no bairro Mata da Praia com seus pais e sua irmã. Ela possui acesso à internet *wi-fi* em casa no computador, na televisão e no *smartphone*, e também na escola e no curso de inglês pelo *smartphone* com internet 4G ou *wi-fi*. Com relação às redes sociais digitais, ela está conectada ao *Snapchat, WhatsApp, Facebook, Twitter e Instagram*.

A nona jovem entrevistada foi a Brunela, que também é estudante do IFES - Instituto Federal do Espírito Santo, localizado no bairro de Jucutuquara. Tem 17 anos, está no 2º ano do Ensino Médio e mora no bairro Taboazeiro. Possui acesso à internet *wi-fi* em casa, na casa da avó e na escola através do *notebook* e do *smartphone*, sendo este último também usado com acesso à internet 4G. E está conectada às seguintes redes sociais digitais: *Instagram, Facebook e Twitter*.

A décima jovem foi a Amanda, que é estudante do Colégio particular SEB COC do bairro de Jardim da Penha. Ela tem 16 anos, está no 2º ano do Ensino Médio e mora também no bairro Jardim da Penha. Possui acesso à internet *wi-fi* em casa através do *notebook, tablet e smartphone* e também nos lugares públicos que disponibilizam a rede sem fio por meio do *smartphone*, sendo este também usado com acesso à internet 4G. As redes sociais digitais as quais está conectada são: o *Snapchat, o Instagram e o WhatsApp*.

A décima primeira jovem entrevistada foi a Carolina, estudante do Centro Educacional UP, que é uma escola privada localizada no bairro de Jardim Camburi. Tem 15 anos, está no 2º ano do Ensino Médio e também mora de Jardim Camburi. Possui acesso à internet *wi-fi* em casa através do *notebook* e do *smartphone*, na rede sem fio disponibilizada no shopping e na praça pública próximo à sua casa por meio do *smartphone*, sendo este também com internet 4G. Ela está conectado às seguintes redes sociais digitais: *WhatsApp, Facebook, Twitter e Instagram*.

E o décimo segundo e último entrevistado foi o Pedro, que é estudante do Colégio Estadual de Ensino Médio Professor Renato José da Costa Pacheco,

localizado no bairro de Jardim Camburi. Tem 15 anos, está no 1º ano do Ensino Médio e mora no bairro Enseada do Suá. Possui acesso à internet *wi-fi* em casa através do computador e do *smartphone*, sendo este último também muito utilizado na rua com internet 4G. As redes sociais digitais as quais ele está conectado são: *Facebook, WhatsApp e Snapchat*.

Vale destacar que as instituições escolares nos serviram apenas em função do acesso aos jovens interlocutores, nos permitindo uma relativa variabilidade de perfis. Portanto, o que nos interessa aqui é saber como as redes sociais digitais servem no processo de socialização entre os jovens estudantes do Ensino Médio. Com isso, foram entrevistados jovens moradores de diferentes bairros da cidade de Vitória-ES e que estudam em escolas localizadas nos bairros de Forte de São João, Jucutuquara, Santa Lúcia, Santa Helena, Jardim da Penha e Jardim Camburi.

De acordo com os dados do Censo Demográfico de 2010, apresentados no site da Prefeitura de Vitória-ES, os bairros de Forte de São João e Jucutuquara são considerados bairros periféricos por possuírem, entre outros fatores, a maioria dos moradores com renda mensal de 2 a 5 salários mínimos. Já os bairros de Santa Lúcia, Santa Helena, Jardim da Penha e Jardim Camburi são caracterizados como bairros de classe média e média-alta, por terem a maioria de seus moradores uma renda mensal de mais de 5 a 10 salários mínimos. (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA-ES, 2013)

No bairro Forte de São João, foram entrevistados jovens que estudam no Colégio Estadual do Espírito Santo e no Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória. Já no bairro Jucutuquara, foram entrevistados jovens que estudam no IFES - Instituto Federal do Espírito Santo. Nos bairros de Santa Lúcia e Santa Helena as entrevistas foram realizadas com jovens de escolas públicas, como a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Desembargador Carlos Xavier Paes Barreto e a Escola Estadual de Ensino Médio Professor Fernando Duarte Rabelo, respectivamente. Já no bairro de Jardim da Penha, as entrevistas foram realizadas com jovens estudantes do Centro Educacional Up e do SEB COC Vitória. E no bairro de Jardim Camburi foram entrevistados

jovens estudantes do Centro Educacional Up e da Escola Estadual de Ensino Médio Renato Pacheco. No ANEXO se encontra um mapa da cidade de Vitória-ES no qual se encontra a disposição dos limites e o distanciamento entre os bairros citados acima.

É importante destacar que nem todos os jovens entrevistados moram no mesmo bairro onde estudam. A grande maioria deles vivem e estudam em bairros diferentes, porém próximos. O deslocamento de casa para a escola é realizado em parte de carro, pelos pais e/ou vans, e parte de transporte público coletivo. Foi observado que há diferenciações entre os estudantes de escolas públicas e privadas, já que os alunos de escolas públicas em sua maioria utilizam o transporte público para chegar até a escola onde estudam e os alunos de escolas privadas são levados por seus pais ou por vans particulares.

Inicialmente, as primeiras entrevistas foram realizadas no Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória, localizada no bairro Forte de São João. As entrevistas nesta escola foram concedidas mediante a exposição dos objetivos deste trabalho em uma reunião com os diretores, na qual pude explicar a importância das entrevistas para o desenvolvimento da minha pesquisa. Assim, a partir da autorização da direção do colégio e da direção geral da Obra Salesiana, foi permitido que eu realizasse as entrevistas sem que houvesse nenhum impedimento por parte da instituição.

Dentro do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória existe também uma obra de assistência social chamado CESAM - Centro Salesiano do Adolescente Trabalhador, que desenvolve ações socioeducativas de formação aos adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade, preparando-os para o mercado de trabalho juntamente com outras empresas associadas ao Programa da Lei de Aprendizagem. Os jovens atendidos por este programa atuam como aprendizes de auxiliar administrativo no seu contraturno escolar dentro da instituição salesiana e em algumas empresas da Grande Vitória-ES, e são beneficiados com todos os direitos trabalhistas mediante um contrato de 23 meses para desempenhar a função de jovem aprendiz.

Assim, para a realização das entrevistas nesta instituição, foi pedido ao diretor que ele selecionasse alguns estudantes com perfis diferentes com relação ao uso das redes sociais. Deste modo, foram selecionados 3 estudantes do Ensino Médio no Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória e 2 jovens aprendizes também selecionados pela gerente do CESAM. Deste modo, foi realizado o agendamento de duas datas (09/05 e 17/05) para a realização das entrevistas, que se realizaram em uma sala separada dentro da instituição, na qual eu ficava sozinha com o jovem.

Após as entrevistas com os alunos do Colégio Salesiano, foi pedido aos estudantes entrevistados que indicassem outros amigos de escolas diferentes com quem eu pudesse entrevistar, e eles me indicaram repassando seus contatos por telefone. E assim, entrei em contato com cada um desses jovens por telefone, pedi para conversar com um de seus responsáveis, expliquei o propósito da pesquisa e perguntei se eles poderiam autorizar uma entrevista com seus filhos.

Essas entrevistas foram realizadas nas residências dos jovens, em datas e horários agendados por seus responsáveis, a fim de marcar um encontro para a realização das entrevistas. Nesses encontros, primeiramente foi realizado novamente uma conversa com os pais, explicando o quê e como seria realizada a entrevista, mostrando-lhes o roteiro estruturado com as perguntas, a fim de me permitirem a execução da entrevista com seus filhos e o registro de suas falas gravadas em áudio. Essas entrevistas foram realizadas nas salas de suas residências, na qual eu me encontrava sozinha com o jovem, sem que houvesse participação e/ou intromissão dos seus pais.

É importante destacar que, antes de cada entrevista, foi realizada uma conversa, deixando claro que “a entrevista terá caráter estritamente confidencial e que as informações prestadas permanecerão no anonimato” (GIL, 2008, p. 116). E que todas as informações coletadas serviriam de grande importância para o desenvolvimento da pesquisa, pois, para que a entrevista seja desenvolvida adequadamente, é necessário antes de mais nada uma conversa sobre o tema, na qual

o entrevistador deve explicar a finalidade de sua visita, o objetivo da pesquisa, nome da entidade ou das pessoas que a patrocinam, sua importância para a comunidade ou grupo pesquisado e, particularmente, a importância da colaboração pessoal do entrevistado. (GIL, 2008, p. 116)

Em todas as entrevistas houve o consentimento dos pais e dos jovens entrevistados para que fosse realizada a gravação do áudio através de um gravador, pois, de acordo com Gil (2008, p. 119), “o modo mais confiável de reproduzir com precisão as respostas é registrá-las durante a entrevista, mediante anotações ou com o uso do gravador.” Os áudios gravados foram posteriormente transcritos para que as falas pudessem ser materializadas em palavras, contextualizando assim as respostas dos jovens na entrevista, pois “a gravação eletrônica é o melhor modo de preservar o conteúdo da entrevista” (GIL, 2008, p. 119).

As entrevistas foram realizadas a partir da aplicação de um roteiro estruturado com 43 perguntas abertas a fim de melhor obter informações sobre os usos e os significados que os jovens fazem das redes sociais digitais. Com isso, esse estudo caracteriza-se, de acordo com Gil (2008, p. 113), como uma entrevista estruturada, pois “desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados”.

As perguntas do roteiro estruturado foram formuladas e realizadas seguindo a mesma ordem para todos os jovens entrevistados, exatamente como estão no roteiro. Porém, em algumas ocasiões, houve a necessidade de explicar melhor o significado de algumas perguntas, como por exemplo quando foi perguntado “Que tipo de postagem você não confia?”. Portanto, sendo uma entrevista estruturada de caráter metódico, Gil (2008) destaca que nas entrevistas estruturadas,

as questões devem ser feitas exatamente como estão redigidas no formulário e na mesma ordem. O único momento em que se pode modificar esse procedimento é quando o informante não entende a pergunta. (GIL, 2008, p. 117)

Todas as entrevistas se realizaram nos meses de maio e junho de 2017 e o tempo de duração de cada entrevista foi em média entre 30 e 40 minutos. Os dados coletados pelas entrevistas com os jovens foram utilizados para servir de

base para analisar o comportamento desses interlocutores a fim de mapear suas representações sobre o uso que fazem das redes sociais digitais.

Os dados coletados serviram para trazer ao contexto do trabalho acadêmico informações específicas que podem aprofundar a pesquisa até a individualidade e assim buscar uma compreensão maior sobre o impacto causado pelas redes sociais digitais na vida do indivíduo e da sua relação junto ao grupo, levando em consideração a complexidade do jovem e do desenvolvimento de sua identidade. Com isso, ao dizer que o pesquisador realiza um modelo descritivo que melhor explica os dados coletados, Becker (1999) destaca que

o estágio final de análise no campo consiste na incorporação de descobertas individuais ao modelo generalizado do sistema ou da organização social em estudo ou de alguma parte desta organização. (BECKER, 1999, p. 58)

Tal pesquisa pretende levantar conceitos e opiniões, a partir de uma entrevista com esses estudantes a fim de analisar seus comportamentos nas redes sociais digitais e procurar entender a forma como são construídas suas identidades no ambiente virtual.

Deste modo, a pesquisa permitirá um contato direto com jovens, vivenciado através de um momento específico para a realização da entrevista, destacando assim o que eles pensam sobre si mesmos, suas ideias e seus princípios morais a partir da sua interação nas redes sociais digitais. A análise dos dados nos dará uma melhor compreensão sobre a identidade construída por eles e o que pensam sobre a forma como atuam nas redes sociais digitais. Com isso, Becker (1999) destaca que

No estágio de análise pós-trabalho de campo, o observador prossegue de forma mais sistemática na operação da construção do modelo. Considera o caráter de suas conclusões e decide sobre o tipo de evidência que poderia causar sua rejeição, derivando testes posteriores através da dedução de consequências lógicas e da avaliação sobre se os dados sustentam as deduções ou não. Ele considera hipóteses alternativas razoáveis, e avalia se a evidência as refuta ou não. Finalmente, ele completa seu trabalho de estabelecimento de interconexões entre modelos parciais, de modo a ultimar uma síntese global que incorpore todas as conclusões. (BECKER, 1999, p. 62)

Os procedimentos propostos servem para afirmar os objetivos analisados a fim de entender os usos e os significados que as redes sociais digitais assumem nos processos de socialização dos jovens. Assim, a pesquisa se fez presente a partir da realização inicial de uma pesquisa bibliográfica juntamente com a coleta dos dados produzida através de entrevistas estruturadas por um roteiro de perguntas. Esse procedimento me permitiu analisar a centralidade do uso das redes sociais digitais para o estabelecimento de redes de relações e conhecer o comportamento dos jovens estudantes do Ensino Médio da cidade de Vitória-ES, refletindo sobre o uso e os significados que as redes sociais digitais assumem na vida desses jovens.

1. O ser jovem e a sua interação nas relações sociais modernas

O mundo moderno trouxe muitas mudanças na vida das pessoas e foi com o aparecimento das novas tecnologias da informação que tudo passou a ser mais prático e rápido através do uso de computadores. Com isso, os jovens passaram a dominar essas novas tecnologias e foram se apropriando dela, conectando pessoas e instituições do mundo inteiro através da internet. Assim, o jovem contemporâneo, nascido no final do século XX e início do século XXI, que teve acesso desde pequeno a equipamentos cada vez mais modernos tornando-se um usuário massivo dessas novas tecnologias, é o ator principal deste estudo.

Com o surgimento da internet, a comunicação em rede permitiu o compartilhamento e a disseminação de conteúdos variados, se tornando palco de grandes mudanças sociais, principalmente na forma como nos relacionamos. Com isso, tem-se a criação das redes sociais digitais, que “são agrupamentos complexos instituídos por interações sociais apoiadas em tecnologias digitais de comunicação” e que passaram a fazer parte da vida de todos. (RECUERO, 2009, p. 13)

As redes sociais digitais mostram-se cada vez mais presentes na vida das pessoas, principalmente no cotidiano do jovem contemporâneo. Sendo assim, os jovens da atualidade são considerados como os usuários da internet, denominados por Marc Prensky (2001) como Nativos Digitais. E é através da internet, com computadores e aparatos tecnológicos cada vez mais modernos, que os jovens fazem uso das redes sociais digitais e se projetam dentro de um ambiente sócio-virtual de maneira que possam se inserir neste mundo e colocar na rede imagens e pensamentos.

Este trabalho parte de uma reflexão sociológica sobre o comportamento dos jovens com relação ao uso que eles fazem das redes sociais digitais e os significados que essas redes têm em suas vidas como uma ferramenta de expansão das suas redes de relações. Com isso, a rede social é usada como

espaço de expressão, legitimando assim uma identidade em construção, aplicado através do uso frequente da mídia social digital *Facebook*.

1.1 Juventude e pluralidade

A juventude é uma fase transitória da vida que compreende o final da infância e o início da vida adulta. Tal período da vida é vivenciado dentro da família e da escola, no qual se aprende os valores morais, éticos, culturais e sociais para se viver em sociedade. É nesta fase de vivências múltiplas que os indivíduos desenvolvem a sua personalidade devendo, como afirma Erikson (1976, p. 86), “tornar-se pessoas inteiras por direito próprio e isto durante uma fase do desenvolvimento caracterizada por uma diversidade de mudanças no crescimento físico, no amadurecimento genital e na consciência social.”

Com o desenvolvimento da sociedade moderna, a definição do que é ser jovem passa por muitas transformações, principalmente no comportamento dos indivíduos, que vivenciam experiências múltiplas. Assim, Galland (1997) apud Blanc (2009, p. 38) afirma que “vivenciamos contemporaneamente uma passagem de um modelo de identificação a um modelo de experimentação.” Desta forma, hoje, a construção da identidade de cada indivíduo é caracterizada pela reflexão do seu comportamento diante de cada experiência vivida ao longo do tempo.

Bourdieu (2003, p. 151) ao comentar sobre o período da juventude diz que “as divisões entre as idades são arbitrárias.” Deste modo, ele afirma que as relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas, pois a classificação do que é ser jovem ou velho se constrói socialmente a partir do momento em que a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável.

Além disso, Bourdieu (2003), também afirma que existem duas juventudes. Tais juventudes se diferenciam, a partir dos jovens de mesma idade biológica, como aqueles pertencentes às classes populares que se encontram no mercado de trabalho, atuando como trabalhadores (com as responsabilidades de um adulto); e aqueles pertencentes às famílias burguesas que se encontram

somente nas escolas, atuando como estudantes (que se especializam tecnicamente para o mercado de trabalho, obtendo títulos e ocupando posições privilegiadas).

Deste modo, a escola passa a ser um importante lugar que, ao se manter inserido no sistema escolar, acaba se apropriando dele a fim de conferir títulos, colocando o jovem numa condição privilegiada na sociedade. Assim, Bourdieu (2003, p. 154) conclui que “as “duas juventudes” não representam outra coisa senão os dois pólos, os dois extremos de um espaço de possibilidades oferecidas aos “jovens”.”

Porém, de acordo com Peralva (1997), o trabalho de Philippe Ariès (1960), marca o momento em que a sociedade passa a ter uma consciência maior no processo de constituição da modernidade. Com isso, somente no final do século XIX, a partir de uma ação socializadora promovida pelo Estado, que as crianças e os jovens pertencentes às classes populares passaram a ser inseridas no processo de escolarização. Tal mudança foi significativa para separar os adultos das crianças e dos jovens, que a partir de agora se encontram em condição de aprendiz.

É a partir do momento em que o Estado toma a si, de forma voluntária e sistemática, múltiplas dimensões da proteção do indivíduo, entre elas e sobretudo a educação, é quando a escola se torna, no século XIX, instituição definitivamente obrigatória e universal, escapando à iniciativa aleatória e intermitente da sociedade civil que a racionalidade moderna se torna também imperativo universal. (PERALVA, 1997, p. 16)

Com isso, as mudanças nas relações de trabalho e o prolongamento da escolarização para os jovens de todas as classes se tornaram importantes mudanças sociais que influenciaram profundamente a classificação das fases específicas da vida, promovendo uma distinção entre o vínculo que liga infância, juventude e a idade adulta na era moderna. (PERALVA, 1997)

Contudo, Abramo (2005) em seus estudos sobre a juventude brasileira, afirma que atualmente a teoria de Bourdieu se pluralizou, na qual passou a se falar de juventude como algo múltiplo, pois

Se há tempos atrás todos começavam seus textos a respeito do tema da juventude citando Bourdieu, alertando para o fato de que “juventude” podia esconder uma situação de classe, hoje o alerta inicial é o de que precisamos falar de *juventudes*, no plural, e não de *juventude*, no singular, para não esquecer as diferenças e desigualdades que atravessam esta condição. (ABRAMO, 2005, p. 43)

Em seu livro “Retratos da juventude brasileira”, Abramo (2005) organiza vários artigos a partir de análises de uma pesquisa nacional sobre as diversas faces da juventude brasileira, delimitando a faixa etária entre 15 e 24 anos para caracterizar o jovem brasileiro. De fato, em sua pesquisa a autora constata que

O grupo de idade tomado na pesquisa, de 15 a 24 anos, é o que vem se tornando convenção, no Brasil, para abordagem demográfica sobre juventude, pois corresponde ao arco de tempo em que, de modo geral, ocorre o processo relacionado à transição para a vida adulta. (ABRAMO, 2005, p. 45)

Porém, no ano de 2009 foi publicada pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) uma pesquisa realizada em 2008 sobre *Juventude e Políticas Sociais no Brasil* e apresentada durante a Conferência Nacional da Juventude (CNJ), em Brasília do mesmo ano, que decidiu pela ampliação da faixa etária do jovem brasileiro para 29 anos. Com isso, uma nova faixa etária foi criada para os jovens brasileiros – de 15 a 29 anos –, adotando assim o mesmo recorte etário com que trabalham a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), o Conselho Nacional de Juventude (Conjuve) e a proposta do Estatuto da Juventude discutido pela Câmara dos Deputados.

Portanto, de acordo com os dados da Projeção Populacional do IBGE – Revisão 2008, publicados pela pesquisa do IPEA (Castro, 2009, p. 29), a juventude então passa a ser dividida em subgrupos “de 15 a 17 (jovem-adolescente), de 18 a 24 anos (jovem-jovem) e de 25 a 29 anos (jovem-adulto)”, sendo bastante recente a adoção desse recorte etário no âmbito das políticas públicas. Já o recorte etário para o período da infância é definido desde o nascimento até os 14 anos, para os adultos é dos 30 aos 59 anos e para os idosos é de 60 anos ou mais. (IBGE, 2008)

Tal ampliação da faixa etária que compreende a juventude se configurou devido a uma tendência geral dos países a buscar instituir políticas públicas de

juventude, sendo justificado através do aumento da expectativa de vida da população brasileira e da grande dificuldade dos jovens desta geração em ganhar autonomia perante as mudanças e exigências no mundo do trabalho. (CASTRO, 2009)

Com isso, a juventude é caracterizada como um período de oportunidades para o ensaio ao erro e experimentações a fim de construir gradativamente sua identidade social e profissional. Deste modo, o jovem é colocado numa situação de moratória social, definida por Castro et al. (2009) como

um crédito de tempo concedido ao indivíduo que protela sua entrada na vida adulta e possibilita experiências e experimentações que favorecerão seu pleno desenvolvimento, especialmente em termos de formação educacional e aquisição de treinamento. (CASTRO et al., 2009, p. 26)

Trata-se então, de um período compreendido entre a infância e a idade adulta, onde a pessoa já não é mais criança fisicamente, não possui mais tantas características do comportamento infantil, e passa a ter uma certa autonomia no meio social, sendo visto como um indivíduo que tem sua própria opinião crítica sobre as coisas do mundo, experimentando ser e viver comportamentos de um adulto, sem se comprometer com as responsabilidades de um adulto.

No entanto, Margulis e Urresti (2008) destacam que a diferenciação social, as distintas classes e os segmentos sociais caracterizam diferentes juventudes. *“Por eso conviene hablar de juventudes o de grupos juveniles antes que de juventud”*. (MARGULIS e URRESTI, 2008, p. 14). Pois, não só as classes sociais diferenciam os jovens, mas também a sua condição social e cultural.

Frente a eso, sociedad de clases, diferencias económicas, sociales, políticas, étnicas, raciales, migratorias, marcan profundas desigualdades en la distribución de recursos, con lo cual la naturaleza misma de la condición de joven en cada sector social se altera. (MARGULIS e URRESTI, 2008, p. 14)

Margulis e Urresti (2008) destacam que a juventude não é mais bipartida, conforme afirmou Bourdieu (2003), a juventude agora passa por diferenciações em diversos segmentos. *“La condición histórico-cultural de juventud no se*

ofrece de igual forma para todos los integrantes de la categoría estadística joven". (MARGULIS, 1994;2008, p. 16)

Dessa forma, os jovens das classes médias e altas possuem maior oportunidade para os estudos, pois estão inseridos num contexto social protetor no qual são menos exigidos para se inserirem no âmbito do trabalho. Por serem menos cobrados pela família, eles prorrogam cada vez mais a sua entrada para o mercado de trabalho e também para as responsabilidades da vida adulta como casar e ter filhos, ampliando a sua condição de jovem. (MARGULIS e URRESTI, 2008)

Por outro lado, os jovens das classes mais populares se inserem na vida escolar por um tempo determinado, pois se exige deles uma antecipada entrada no mercado de trabalho a fim de contribuir financeiramente na casa onde vivem junto com seus pais. Com isso, esses jovens acabam por adentrar no contexto laboral ocupando cargos mais pesados e pouco remunerados. Essa condição de não poder desfrutar de um tempo maior para ser jovem, faz com que esse jovem antecipe também obrigações familiares, como casar e, conseqüentemente, ter filhos. Em virtude disso, acabam carecendo de tempo e dinheiro para viver um período relativamente despreocupado com a rapidez do tempo. (MARGULIS e URRESTI, 2008)

Ser joven, por lo tanto, no depende sólo de la edad como característica biológica como condición del cuerpo. Tampoco depende solamente del sector social a que se pertenece, con la consiguiente posibilidad de acceder de manera diferencial a una moratoria, a una condición de privilegio. (MARGULIS e URRESTI, 2008, p. 19)

Dayrell (2003) também destaca que não há um único modo de ser jovem. Existem, portanto, variadas formas de ser jovem, nas quais o jovem constrói seu modo de ser, apresentando especificidades marcantes da sua condição de vida. Com isso, o autor enfatiza a noção de juventudes – no plural – compreendendo as variadas formas existentes de ser jovem e relacionando essa pluralidade à noção de um sujeito social.

Deste modo, Charlot (2000) apud Dayrell (2003, p. 42) define o sujeito social como “um ser humano aberto a um mundo que possui uma historicidade; é portador de desejos, e é movido por eles, além de estar em relação com outros seres humanos, eles também são sujeitos”. Além disso, o jovem também é um ser social que possui uma origem familiar, que ocupa um determinado lugar na sociedade e que está inserido nas relações sociais. (DAYRELL, 2003)

Para Charlot (2000) apud Dayrell (2003), o ser humano é uma construção e sua essência não está dentro dele mesmo, está na posição especial que este ser ocupa no mundo das relações sociais. Deste modo, o ser humano se origina como um ser biológico, cultural e social, que são dimensões totalmente relacionadas entre si, se desenvolvendo com base nas relações que ele tem com o outro no meio social no qual está inserido.

Dayrell (2003) também destaca a maneira de compreender a juventude como condição de transitoriedade. Deste modo, o jovem é um “vir a ser”, no qual suas ações no presente só terão sentido quando ele se tornar adulto, encarando assim uma maneira negativa de considerar a juventude como uma fase da vida, negando a existência do presente vivido.

Essa concepção está muito presente na escola: em nome do “vir a ser” do aluno, traduzido no diploma e nos possíveis projetos de futuro, tende-se a negar o presente vivido do jovem como espaço válido de formação, assim como as questões existenciais que eles expõem, bem mais amplas do que apenas o futuro. (DAYRELL, 2003, p. 41)

Contudo, Elaine Müller (2006) cria o termo “adultez” para caracterizar o jovem na condição de transitoriedade, cujo objeto investigativo de seus estudos trata do período de transição da juventude à idade adulta sob o enfoque da Antropologia das Idades da Vida. Dessa forma, a autora destaca que pode-se pensar na forma de associar o jovem como um não-mais-criança e o ainda-não-adulto, representando uma fase intermediária de transição entre a infância e a idade adulta. (MÜLLER, 2013)

Desta maneira, Müller (2009, p. 112) acaba concluindo que “as idades são construídas cultural e socialmente, nunca deixando de ter uma base natural.”

Assim, a autora destaca que, ao abordar a idade enquanto construção social e cultural, é possível perceber que a base natural é composta de relações naturais através de aspectos políticos (luta entre diferentes idades), sociais (critério classificador de uma cultura), ideológicos (valores adquiridos) e referenciais (relações de reciprocidade). Deste modo, a autora destaca que

A característica das idades de serem relacionais, desta forma, diz respeito não somente ao fato de que cada idade se constroi *em relação* às demais, mas também ao fato de que *o posicionamento dos sujeitos em seu curso da vida diz respeito à perspectiva através da qual eles percebem e definem as idades da vida.* (MÜLLER, 2009, p.115)

Portanto, definir o momento exato que se inicia e se acaba a juventude é um tanto quanto complicado, pois a condição etária não reflete o que aquele indivíduo entende de si. Müller (2006, p. 4) também considera que as juventudes são plurais, “por saber que não há muitas coisas em comum entre um jovem índio, um agricultor, um filho de um banqueiro ou um morador afro-descendente de uma favela além de suas idades.”

Em outras palavras, não é o fato de indivíduos que habitam mundos sociais completamente diferentes terem a mesma idade que fará com que eles façam parte de um mesmo grupo. Existem muitas outras construções sociais e categorias classificatórias importantes, como classe, etnia ou cor, implicando nas identidades individuais e coletivas. (MÜLLER, 2006, p. 5)

Com isso, é possível dizer que a condição de ser jovem implica na identificação que este jovem tem com as pessoas do seu convívio, obtendo os mesmos anseios e ideais do grupo a que pertence, tendo a família e a escola como instituições socializadoras e disciplinadoras. (MÜLLER, 2006)

Este estudo tem como interlocutores um conjunto de jovens com idades entre 15 e 17 anos, estudantes do Ensino Médio de escolas públicas e particulares da cidade de Vitória, no Estado do Espírito Santo. Os jovens entrevistados são moradores de diferentes bairros da cidade de Vitória-ES e a maioria deles se deslocam para outros bairros onde estão localizadas as escolas que estudam. Observe o mapa dos bairros da cidade de Vitória-ES que está em ANEXO.

Todos os jovens entrevistados possuem computador e internet *wi-fi* em casa e estão conectados a várias redes sociais. Todos eles também possuem *smartphones* que, além de funcionar como telefones celulares, viabilizam a conexão da internet via *wi-fi* tanto em casa como na casa dos amigos e na escola. Somente 2 jovens entrevistados (Luiz e Ana) não possuem internet 4G nos seus smartphones. Eles se conectam à internet somente pelo computador ou por *wi-fi* de suas casas e dos lugares que disponibilizam este serviço.

A internet, em geral é usada pelos jovens entrevistados para fazer pesquisas escolares, ler notícias, manter contato com os amigos e com familiares, acessar e interagir nas redes sociais digitais e participar de jogos virtuais *on-line*. Ao todo foram 12 entrevistados que responderam perguntas sobre o uso que fazem das redes sociais digitais, como se comportam e de que forma essas redes de relacionamentos atuam em suas vidas.

Todos eles possuem seus perfis cadastrados em algumas das redes sociais digitais mais utilizadas, como o *Snapchat*, o *Instagram*, o *WhatsApp*, o *Twitter* e o *Facebook*. E boa parte deles também faz uso de aplicativos de jogos digitais *on-line*.

Assim, para os jovens contemporâneos, atores deste estudo, a internet se torna mais um espaço de sociabilidade, usada como ferramenta para o estabelecimento de relações. Essas relações são definidas através dos atores sociais e suas conexões, que constroem representações identitárias no ciberespaço e a partir daí passam a ter relações de identificação uns com os outros. (RECUERO, 2009)

Recuero (2009, p. 25) define os atores sociais como “espaços de interação, lugares de fala, construídos pelos atores de forma a expressar elementos de sua personalidade ou individualidade”. Com isso, percebe-se que as relações sociais se estabelecem no processo comunicativo a partir da expressão identitária que cada um exercita no ciberespaço, sendo este um espaço privado e, ao mesmo tempo, público.

Com isso, Recuero (2009) destaca que há uma apropriação dos espaços onde esses perfis estão alocados para expressar o eu. Sibilia (2003), no entanto, chama de “imperativo da visibilidade” a necessidade de exposição pessoal da sociedade atual. Esse imperativo decorre da junção entre o público e o privado, característico do mundo global, que intensifica o individualismo e a visibilidade, realizada através de uma socialização mediada pelo computador.

Dessa maneira, Efimova (2005) apud Recuero (2009, p. 27) no entanto afirma que “é preciso ser “visto” para existir no ciberespaço. É preciso constituir-se parte dessa sociedade em rede, apropriando-se do ciberespaço e constituindo um “eu” ali”. Ou seja, é necessário que haja a visibilidade entre os atores para que exista uma interação no ciberespaço.

Portanto, a atuação dos atores analisados neste estudo é realizada através de um ambiente virtual propiciado pela internet, no qual “há um processo permanente de construção e expressão de identidade por parte dos atores no ciberespaço” (RECUERO, 2009, p. 26). Essa atuação é conferida aos jovens contemporâneos que se relacionam através das redes sociais digitais, como por exemplo o *Facebook*, constituindo assim laços sociais no qual a percepção do outro é de extrema importância para a interação humana.

Assim, as redes sociais digitais utilizadas pelos jovens são consideradas espaços de socialização. Além disso, a forma como esses jovens atuam no processo de interação social virtual é caracterizada hoje como uma nova forma de socialização da juventude contemporânea.

1.2 A escola como espaço de sociabilidade

A relação entre os jovens, na condição de estudantes dentro de uma escola, promove um sentimento de reconhecimento entre eles e é a partir da convivência em grupos que se estabelece uma relação de identificação e de confiança. Desse modo, “a aprendizagem das relações sociais serve também de espelho para a construção de identidades coletivas e individuais”. (BRENNER et al., 2005, p. 177)

A partir de uma visão contemporânea com relação ao jovem e a escola no Brasil, Sposito (2005) destaca que

A moderna condição juvenil na sociedade ocidental sempre foi caracterizada pela manutenção de relações importantes, embora diversas, entre duas agências primordiais da reprodução social: a família e a escola. [...] a escola torna-se, então, elemento importante para assegurar a reprodução cultural e social dos diversos grupos e classes. (SPOSITO, 2005, p. 89)

Deste modo, é com a instauração de uma política social a favor de uma escolarização para todos os jovens, independente da sua classe social, que a escola realiza uma socialização entre os indivíduos promovendo a interação entre eles, facilitando seu convívio social e reproduzindo a cultura dos vários grupos sociais ali presentes. (SPOSITO, 2005)

Assim, a função da escola, além de promover o ensino dos jovens, promove também a interação entre os indivíduos na sociedade, a fim de obter uma boa convivência entre eles socializando-os e buscando prepará-los profissionalmente para exercer funções no mercado de trabalho. Dessa forma,

A instituição escolar, ao se expandir, surge também como um espaço de intensificação e abertura das interações com o outro e, portanto, caminho privilegiado para a ampliação da experiência de vida dos jovens que culminaria com sua inserção no mundo do trabalho. (SPOSITO, 2005, p. 90)

A escola, portanto, tem por missão socializar o indivíduo atuando junto com a família e funcionando como espaço de construção de si e de preparação para a vida adulta. Com isso, o processo de socialização se torna uma construção conjunta entre a família e a escola para que o jovem consiga construir sua identidade sob experiências sociais vividas. (SPOSITO, 2005)

Deste modo, colocando a questão da interação social no âmbito da escola, Mascarenhas (2012) se utiliza das teorias de Simmel e Goffman para tentar compreender as relações sociais construídas no ambiente escolar através de uma pesquisa de campo na qual acaba por inferir que

A escola pode ser pensada como um microcosmo da sociedade, onde se pode encontrar variados tipos sociais e também valores e representações presentes na sociedade mais ampla. É um espaço que reúne indivíduos que pertencem e circulam por diversos mundos

sociais e trazem para a vivência escolar toda a experiência e os conteúdos decorrentes deste multipertencimento. (MASCARENHAS, 2012, p. 255)

A escola, compreendida como uma comunidade ou grupo social, é o espaço onde se compartilha uma mesma cultura, sendo o local no qual o indivíduo aprende a se relacionar com os demais e a conhecer os aspectos culturais, os valores e as normas de uma sociedade. Esse espaço de socialização não se refere somente à escola, mas em todo o entorno do ambiente social em que o indivíduo vive: seu bairro, sua cidade ou seu país. (MASCARENHAS, 2012)

Assim como a escola, o ambiente familiar também é considerado como um espaço de socialização, espaço este no qual a família realiza os ensinamentos sobre os valores éticos e morais que um indivíduo precisa ter para viver em sociedade. Portanto, se “a socialização é o processo através do qual as crianças, ou outros novos membros da sociedade, aprendem o modo de vida da sociedade em que vivem” (GIDDENS, 2008, p. 27), a escola é um dos seus espaços fundamentais, constituindo assim, o principal canal de transmissão de uma cultura através do tempo e das gerações.

Portanto, é a partir do convívio social que o indivíduo passa a moldar a sua identidade através da incorporação de costumes e linguagens adquiridos no meio em que vive. E o período da vida em que o indivíduo passa dentro da escola permite que ele participe dos processos de integração cultural e incorpore práticas quotidianas que acabam auxiliando na sua construção identitária, compartilhando experiências distintas e contribuindo para a integração de uma mesma comunidade. (ABRANTES, 2003)

Com isso, as práticas sociais, ocorridas nos ambientes de interação, influenciam no comportamento e conseqüentemente na formação identitária do jovem estudante que se encontra dentro de um processo de socialização propiciado pela escola. Deste modo, Abrantes (2003) afirma que

Numa perspectiva construtivista, considera-se que, no decorrer das práticas quotidianas, os indivíduos vão incorporando linguagens e disposições que lhes permitem adquirir uma identidade e integrar-se numa comunidade ou grupo social. Neste sentido, o percurso escolar (processo de socialização por excelência) é marcado não por uma

interiorização passiva de normas e valores, mas pela participação cultural e consequente construção de identidades e estratégias (a subjetivação), através de processos de integração, exclusão e distinção. (ABRANTES, 2003, p. 94)

Considerando o ambiente e este processo reflexivo, a escola proporciona a interação social entre os jovens e influencia nos seus processos identitários, sendo um ambiente de construção de si e de relações com os outros. Porém, a relação entre a formação de identidades e a instituição escolar se torna complexa, pois muitos jovens passam a definir suas identidades através de suas predileções de lazer e de consumo, desvalorizando assim a importância da escola nos processos de construção identitária. (ABRANTES, 2003)

Nas sociedades contemporâneas, o universo juvenil (os gostos, as práticas, as identidades) não goza apenas de ampla aceitação; constitui uma referência cultural na arte, no consumo, nos estilos de vida. Mais, o desenvolvimento de uma “cultura do momento” – suportada pela intensificação e imprevisibilidade das mudanças, as lógicas mediáticas e publicitárias (afoitas em criar mitos e necessidades de consumo) [...] – acrescenta uma *aura imediatista* aos tempos atuais. (ABRANTES, 2003, p. 109)

Com isso, a escola nem sempre é vista como um ambiente acolhedor, verificando assim um distanciamento de objetivos entre os atores envolvidos. A escola, neste caso, tem por efeito distrair os jovens e fazê-los a cultivar uma força coletiva para tentar burlar as normas impostas por ela. (ABRANTES, 2003)

De acordo com Sposito (2005), a relação entre escola e os seus atores não figuram como excelentes, mas também não são totalmente ruins para a maior parte dos jovens. Eles consideram que a instituição escolar não possui interesse por seus problemas, o que faz com que os jovens, em sua maioria do Ensino Médio, se sintam desmotivados pelos estudos.

Segundo Dubet (1998) apud Sposito (2005, p. 94), os alunos secundaristas dizem que “a grande dificuldade é se ‘motivar’, conseguir dar sentido aos estudos”. Pois eles são obrigados a construir por si mesmos as suas experiências sociais que lhes são impostas, confrontando diversas orientações antagônicas.

Todavia, os jovens não vão simplesmente à escola: apropriam-se dela, atribuem-lhe sentidos e são transformados por ela. Se parte deles sente o processo de escolaridade como uma imposição, uma violência, a que se resiste ou que se abandona, para outros esse processo é um suporte fundamental na construção do percurso de vida e do projeto identitário. Em qualquer dos casos, a escola constitui hoje uma das instituições fundamentais em torno das quais os jovens estruturam as suas práticas e discursos, os seus trajetos e projetos, as suas identidades e culturas. (ABRANTES, 2003, p. 93)

Para muitos jovens a escola é um ambiente prazeroso e transformador, fazendo parte do seu cotidiano e contribuindo para o processo de formação identitária. Nela, os jovens aprendem a viver em sociedade, respeitando as diferenças culturais e são preparados para a vida profissional. Porém, nem todos os jovens frequentam a escola com o objetivo de se inserir e participar ativamente da comunidade escolar. Mesmo sabendo que a escola é transformadora e que proporciona um grande crescimento cultural e social na vida do indivíduo, uma parte deles não se interessa em fazer parte dela, pois veem o percurso escolar como uma obrigação imposta pela família. (ABRANTES, 2003)

Deste modo, percebe-se que a escola ainda continua sendo importante para uma grande maioria dos jovens, porém com estruturas engessadas e impositivas, provocando uma crise de incompreensão entre ambas as partes. Assim, “a realidade escolar baseia-se na divisão rígida e distanciamento entre dois grupos – alunos e professores – com práticas e interesses divergentes”. (ABRANTES, 2003, p. 108)

Num cenário em que a escola continua a ser pensada e organizada pelos princípios modernistas da racionalidade e do individualismo, da burocracia e do anonimato, dos saberes formais e abstratos, as redes de sociabilidade geradas na escola são, muitas vezes, vistas como consequências inesperadas da ação ou mesmo como entraves ao processo de aprendizagem [...]. (ABRANTES, 2003, p. 107)

De acordo com Sposito (2005), o desinteresse do jovem pela escola ocorre principalmente nas classes menos favorecidas e com menor renda, pois eles destacam experiências de discriminação, humilhação e desrespeito no ambiente escolar, reiterando as práticas desiguais da estrutura social brasileira. A escola, neste caso, atua como espaço de tensões e situações de sofrimento principalmente para o jovem estudante de escola pública.

Assim, a crise no ambiente escolar que atinge as classes mais carentes acentua a dificuldade que esses jovens têm de assimilar os conteúdos escolares em condições de extrema precariedade na rede pública de ensino a partir da ausência de grandes expectativas dadas pelos seus gestores. (SPOSITO, 2005)

Com isso, sob a perspectiva do futuro, esses jovens acabam por ver positivamente na escola somente um ambiente de compreensão da realidade social em que vivem, de preparação para o acesso ao trabalho e como muito importante para fazer amigos. A escola como espaço preparatório de ascensão social, para eles, está eliminada dentro das suas expectativas de vida. (SPOSITO 2005)

Contudo, Abrantes (2003) destaca em sua pesquisa que os vínculos afetivos entre os atores envolvidos no cotidiano escolar tendem a tornar as experiências vividas mais gratificantes, incentivando o aluno a atravessar as barreiras sociais e avançar pelo caminho estudantil a fim de modificar sua atual condição social.

Sobretudo para os jovens das classes desfavorecidas, face à vertigem sempre presente do insucesso e do abandono, ditada por inúmeras dinâmicas escolares, estruturais e culturais, essas relações privilegiadas com professores ou funcionários estabelecem um elo de ligação efectivo e afectivo ao habitualmente estranho e distante mundo da escola, tendo muitas vezes um papel decisivo como suporte-base de projectos e trajectos escolares. (ABRANTES, 2003, p. 108)

Assim, para a geração do século XXI predominantemente urbana, que é o público analisado neste estudo, independente da classe social e da sua opinião sobre a estrutura escolar, valorizaria a sociedade escolarizada, reconhecendo na escola como um centro de referência para os processos identitários, um lugar incentivador e possibilitador de uma melhor condição no mundo e um importante espaço de socialização que caracteriza a sua vida cotidiana. (SPOSITO, 2005)

Muitos jovens atribuem um sentido projectivo à escola, uma necessidade ou garantia para a vida profissional futura, mas não um sentido intrínseco, um interesse por si próprio. Procuram obter o máximo de classificações e qualificações, com o mínimo de

investimento. Esta apropriação instrumental do saber escolar é uma construção social bastante sedimentada, sendo incentivada quer pelo sistema de ensino, quer por grande parte das famílias. (ABRANTES, 2003, p. 98)

Entretanto, para ambos os casos, a escola é considerada hoje uma instituição formadora e disseminadora de práticas e discursos, no qual se aplica ensinamentos para a formação social e cultural dos indivíduos, além de intervir na sua construção moral e ética, atuando e promovendo as relações entre eles e funcionando como um ambiente de formação de identidades. Neste sentido, “a escola enquanto comunidade local, regida por diversas dinâmicas sociais, se mantém como um pólo fundamental de estruturação identitária nas sociedades contemporâneas”. (ABRANTES, 2003, p. 111)

Portanto, o espaço de socialização escolhido para este estudo é o ambiente escolar, pois ali se encontra uma variedade de atores que, além de interagirem presencialmente, se utilizam de outros meios de comunicação para comunicar-se entre si, como por exemplo as redes sociais digitais. O objeto de estudo desta pesquisa está voltada para o uso das redes sociais digitais pelos jovens estudantes do Ensino Médio, analisando o seu comportamento mediante o estabelecimento de uma construção identitária.

Segundo os dados coletados na pesquisa, o uso de telefones celulares é proibido durante o período das aulas. Nas escolas públicas, os alunos possuem conexão com a internet em horários estipulados e no espaço das salas de informática. Já nas escolas privadas, além do acesso às salas de informática em horário alternado, há também a conexão com a rede sem fio, esta última permitida somente na hora do recreio.

1.3 A formação identitária e a relação entre os indivíduos

Todo indivíduo possui uma identidade. E essa identidade revela as características adquiridas por uma pessoa dentro de um ambiente social. A formação da identidade de um indivíduo se dá na interação que este possui com aqueles que compartilham das mesmas idéias e possuem características comuns. Ao longo da vida, os indivíduos constroem as suas identidades de

acordo com o que experimentam no meio social e conseguem se identificar perante a sua cultura. (GIDDENS, 2002)

Na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal. (HALL, 2000, p. 106)

Com isso, cada indivíduo, em seu processo de formação, constrói a sua identidade a partir do que ele aprende e experimenta ao se relacionar com os outros num ambiente de socialização. Porém, é um processo que vai se desenvolvendo durante um longo período na vida do indivíduo. Deste modo, “as identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.” (HALL, 2000, p. 108)

Assim, Hall (2000) acaba utilizando o termo “identidade” para

significar o ponto de encontro, o ponto de *sutura*, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. (HALL, 2000, p.111)

Já para Giddens (2008, p. 29), “a identidade está relacionada com os entendimentos que as pessoas têm acerca de quem são e do que é importante para elas.” Ou seja, a identidade de uma pessoa é marcada pelo sentimento de pertencimento, onde o indivíduo é alguém, sendo marcado também por sua diferenciação perante o outro.

Dessa forma, a pessoa pode atribuir características diferentes e pertencer a grupos diferentes, fazendo com que ela transite por grupos distintos no decorrer da vida, como sendo advogado e casado, ao mesmo tempo, isso de acordo com as experiências vividas ao longo de sua vida. Assim, Giddens (2008, p. 29) destaca que “o facto de se ter múltiplas identidades sociais reflecte as muitas dimensões da vida de uma pessoa.” Ou seja, os atributos

são atribuídos à identidade de uma pessoa ao longo de suas experiências de vida.

Com isso, Giddens (2008, p. 30) afirma que “a negociação constante do indivíduo com o mundo que o rodeia ajuda a criar e moldar a sua noção de identidade.” Deste modo, entende-se que a identidade é multifacetada e instável, ou seja, uma identidade que pode variar de acordo com o tempo. Sendo assim, Giddens (2008, p. 30) esclarece que “o mundo moderno força-nos a descobrir-nos a nós próprios. Como seres humanos e auto-conscientes, criamos e recriamos as nossas identidades a todo momento.” Portanto, como o tempo é inconstante no decorrer da vida das pessoas, as identidades se tornam variáveis, se ajustando a cada momento vivenciado.

Zanatta (2011, p. 43), destaca que “na modernidade, o processo de alteração do eu se dá pelo processo reflexivo, procurando conectar mudanças pessoais e sociais, para servir de subsídio na construção e exploração da identidade”. Para o autor, a modernidade proporcionou o surgimento de uma reflexão das atitudes do eu perante a sua relação com os demais, colocando o indivíduo como um elemento importante a ser considerado, uma vez que nas culturas tradicionais a individualidade não era relevante.

Ao mesmo tempo, Giddens (2002) afirma que

As instituições modernas diferem de todas as formas anteriores de ordem social quanto a seu dinamismo, ao grau em que interferem com hábitos e costumes tradicionais, e a seu impacto global. No entanto, essas não são apenas transformações em extensão: a modernidade altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência. A modernidade deve ser entendida num nível institucional; mas as transformações introduzidas pelas instituições modernas se entrelaçam de maneira direta com a vida individual, e portanto com o eu. (GIDDENS, 2002, p. 9)

Portanto, o autor nos remonta a uma ideia de que as transformações do mundo moderno causam impactos na vida das pessoas, alterando a dinâmica nas relações pessoais e também interferindo na construção identitária dos indivíduos. Ou seja, as transformações do mundo moderno interferem na forma como os indivíduos irão se relacionar diante das mudanças sociais e também

na forma como as identidades são formadas. Deste modo, o eu é alterado, explorado e construído como parte de um processo reflexivo, realizando assim a mudança pessoal e social da pessoa. Com isso, Giddens (2002, p. 37) afirma que

A reflexividade da modernidade se estende ao núcleo do eu. Posto de outra maneira, no contexto de uma ordem pós-tradicional, o eu se torna um *projeto reflexivo*. Transições nas vidas dos indivíduos sempre demandaram a reorganização psíquica, algo que era frequentemente ritualizado nas culturas tradicionais na forma de *ritos de passagem*. Mas em tais culturas, nas quais as coisas permaneciam mais ou menos as mesmas no nível da coletividade, geração após geração a mudança de identidade era claramente indicada – como quando um indivíduo saía da adolescência para a vida adulta. (GIDDENS, 2002, p. 37)

Assim, a identidade do sujeito se origina a partir do meio social em que vive, através das experiências vividas nos processos de interação com os outros indivíduos pertencentes a uma mesma sociedade. A participação dos indivíduos é regida pelas regras que regem a vida social, e, uma vez que essas regras existem, elas acabam influenciando nas interações pessoais, prevendo representações das situações de interação. (GIDDENS, 2002)

Com isso, a construção do sujeito social se realiza a partir da ação interativa entre os indivíduos, na qual estão subordinadas ao reconhecimento e aceitação por parte dos envolvidos na interação, possibilitada basicamente pela linguagem. Deste modo, a teoria de George Herbert Mead afirma que o indivíduo possui um *self* ao definir um nível reflexivo de autonomia diante do controle colocado pelas regras sociais e a capacidade de tomada de decisões pessoais e políticas. Sua origem, segundo Mead, “advém do encontro de um indivíduo com o outro, no interior do processo de socialização, o que é frequentemente denominado relação interpessoal”. (SANT’ANA, 2005, p. 25)

“Para Mead, o *self* abrange a dimensão reflexiva do sujeito, nascida da comunicação significativa com os outros, que o capacita a tomar a si mesmo como um objeto.” (SANT’ANA, 2005, p. 21) E isso diferencia os indivíduos dos animais, pois ao promover no sujeito a capacidade de reflexão cognitiva sobre o processo de interação social, o permite perceber-se, analisar-se e tomar as decisões oferecidas dentro de um conjunto de experiências significativas.

Deste modo, Sant'Ana (2005) destaca que

O principal mecanismo de formação (do self) nasce em um processo em que o indivíduo adota a titude e o papel do outro experimentando ocupar esse outro lugar, revelador de si mesmo e do outro. Ao entrar no ponto de vista do outro, o indivíduo conhece uma possibilidade de compreensão de si mesmo, a expectativa do outro em relação a si, o que o conclama a uma resposta compartilhada, mesmo que minimamente. (SANT'ANA, 2005, p. 25)

Sendo assim, o *self* se constitui através da organização reflexiva na atitude dos outros em concordância ao processo de reflexão individual dentro dos padrões do comportamento social que o indivíduo está envolvido. Ou seja, o indivíduo só possui um *self* quando, em comparação aos *selfies* dos outros, ele internaliza e externaliza as experiências vividas com os outros. (ZANATTA, 2005). Deste modo,

[...] existem no *self*, duas formas distintas e complementares de expressar-se, através do *eu* e o *mim*. Este último representa a atitude adaptativa que temos perante o mundo organizado incorporado à nossa conduta social, ou seja, representa a pessoa que tem consciência de pertencimento a um grupo social e age dentro das normas deste grupo. O *eu*, por sua vez, funciona como processo de representação imaginativa que temos de nós mesmos; pode ser entendido pela figura do sujeito que age e, só depois de ter atuado, toma consciência de sua ação. Isto é, o eu age e provoca a reflexão por parte do mim que, por sua vez, reage na forma de *eu* novamente. O *eu* representa a consciência espontânea da individualidade. Já o *mim* representa a parte da individualidade que foi configurada ou moldada pela sociedade. (ZANATTA, 2011, p. 44)

Assim, na medida em que as dinâmicas do *self* se manifestam conscientemente através da experiência do indivíduo na sociedade, elas acabam se interrelacionando em uma conversação entre o eu e o mim, favorecendo a reflexão que está presente nos atos sociais. Zanatta (2011, p. 46) destaca que, “é importante conhecer as identidades do *self* e do outro para, depois de identificada a situação, saber qual “eu” estamos assumindo”. Ou seja, o reconhecimento do outro e de nós mesmos através dos outros influencia na conduta de cada um de nós.

Com base em Strauss, Zanatta (2011) destaca que as identidades são situacionais, pois elas dependem do processo de interação, ao mesmo tempo que as identidades acompanham o desenvolvimento do indivíduo. Desse

modo, as transformações da identidade podem ser vistas através de uma análise da passagem de *status* na descrição, ao menos teórica, das vidas de homens e mulheres, sendo o *status* uma identidade temporária ao longo do processo de interação.

Sendo assim, o comportamento assumido nos orienta diante dos demais e, conseqüentemente, projeta sobre as outras pessoas expectativas e normas sobre a origem dos aspectos sociais. Deste modo, percebe-se que a identidade se constitui e se reconstrói com a evolução do tempo e nos espaços sociais no qual a pessoa transita. Em suma, Zanatta (2011, p. 52) conclui que não existe uma única forma identitária, “a identidade nunca se apresenta como dada, mas construída nas determinações históricas demandadas pela sociedade.”

Para Thompson (1998, p. 181), a natureza do eu e as experiências cotidianas vivenciadas a partir do desenvolvimento das sociedades modernas se modificam, pois “o processo de formação do *self* se torna mais reflexivo e aberto, no sentido de que os indivíduos dependem cada vez mais dos próprios recursos para construir uma identidade coerente para si mesmos”.

Com isso, na sociedade moderna, a atitude do eu perante as interações sociais incide diretamente no comportamento do outro e, conseqüentemente, no relacionamento de todos os indivíduos da sociedade em geral. O eu é influenciado pelas ações dos outros e isso incide no modo de ser socialmente do indivíduo. Deste modo, Giddens (2002) destaca que

O eu não é uma entidade passiva, determinada por influências externas; ao forjar suas auto-identidades, independente de quão locais sejam os contextos específicos da ação, os indivíduos contribuem para (e promovem diretamente) as influências sociais que são globais em suas conseqüências e implicações. (GIDDENS, 2002, p. 9)

Assim, há um reflexo das ações sobre os indivíduos, no qual a reflexividade nos comportamentos humanos se torna uma característica que define toda a ação rotineira do indivíduo. E com a modernidade, ao manter-se em contato com os outros, esse reflexo tornou-se a base da reprodução do sistema de

interações sociais, no qual o pensamento e a ação estão retratados entre si. (GIDDENS, 2002)

A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter. [...] Todas as formas de vida social são parcialmente constituídas pelo conhecimento que os atores têm delas. (GIDDENS, 1991, p. 39)

Dessa forma, mediante a percepção que o indivíduo tem do meio social em que ele participa, onde suas práticas são modificadas pelas relações humanas, a sua relação com o outro também é alterada constantemente. E as transformações sociais ocorridas influenciam diretamente nas atitudes que os indivíduos realizam sobre suas vidas, afetando e modificando nosso modo de viver em sociedade. Portanto, Giddens (2007) destaca que

Vivemos num mundo de transformações, que afetam quase todos os aspectos do que fazemos. Para bem ou para mal, estamos sendo impelidos rumo a uma ordem global que ninguém compreende plenamente mas cujos efeitos se fazem sentir sobre todos nós. (GIDDENS, 2007, p. 17)

No entanto, as transformações ocorridas na vida dos indivíduos pelo mundo globalizado, reforça a ideia de que agora vivemos todos num único mundo, no qual as distâncias são encurtadas pela tecnologia e as relações humanas são cada vez mais intensas e ampliadas, promovendo uma interação entre diferentes culturas num espaço curto de tempo. Deste modo, Hall (2006) destaca que passou a existir uma grande influência externa sobre as culturas nacionais e que, com isso, as identidades culturais se enfraqueceram através das infiltrações sofridas por outras culturas, dificultando a permanência de uma identidade cultural pura.

Assim, a sociedade moderna transforma a relação do jovem com o mundo, alterando a forma como ele se identifica através das relações sociais e culturais vivenciadas a partir do ambiente escolar. E é através do surgimento das novas tecnologias da informação que os espaços de socialização, em especial a escola, são modificados pelas práticas da juventude ao adquirir conhecimentos que interferem na construção de suas identidades.

2. As formas de comunicação e interação diante das novas tecnologias da informação

A interação entre os indivíduos sempre aconteceu através de formas de comunicação que o sujeito passou a se utilizar a fim de expressar seus pensamentos e opiniões. Desta forma, variados meios de comunicação fizeram com que as relações sociais se tornassem mais interativas com o passar do tempo. “Toda comunicação requer a existência do outro, do mundo, do alheio, do não-eu, por isso todo discurso é dialógico e polifônico [...]”. (SIBILIA, 2016, p. 58)

Como a linguagem e a cultura são características inatas aos indivíduos e ao ambiente social a que ele pertence, o ser humano se utilizou da tecnologia para produzir e desenvolver novas formas de comunicação, a fim de proporcionar uma interação cada vez maior nas relações sociais (PERLES, 2007). Assim, Castells (2011, p. 67) define tecnologia como “o uso de conhecimentos científicos para especificar as vias de se fazerem as coisas de uma maneira reproduzível”.

Com isso, após a linguagem oral, a comunicação entre os indivíduos teve na escrita seu primeiro grande avanço tecnológico. A escrita promoveu o processo comunicativo através da construção de mensagens que expressavam idéias e informações e serviam como meio para a transmissão de conhecimentos a outros povos e culturas, além de exercer poder sobre outros povos também. Com isso, a interação deixou de ser direta e passou a ter uma dimensão maior, pois as idéias foram concretizadas na forma de palavras. E foi com o desenvolvimento da escrita na forma impressa que os meios de comunicação tiveram seu grande avanço, “[...] já que a mensagem escrita pode ser levada de um para outro lugar.” (PERLES, 2007, p. 6)

Contudo, Thompson (1998) afirma que, em todas as sociedades, os seres humanos sempre se ocuparam da produção e da troca de informações, desenvolvendo cada vez mais novos meios a serem utilizados para o intercâmbio da comunicação entre os indivíduos. Assim, o desenvolvimento da

produção, do acesso e do intercâmbio de informações sempre foi uma ação incessante para o ser humano.

Desde as mais antigas formas de comunicação gestual e de uso da linguagem até os mais recentes desenvolvimentos na tecnologia computacional, a produção, o armazenamento e a circulação de informação e conteúdo simbólico têm sido aspectos centrais da vida social. (THOMPSON, 1998, p. 19)

Com o surgimento das novas tecnologias da informação a partir da década de 1970, desenvolveu-se o computador e logo depois a internet a partir da conexão de vários computadores interligados em rede. A comunicação via internet transformou completamente a interação humana, pois agora o mundo todo está conectado, não existindo mais fronteiras que até então impediam e/ou dificultavam as relações sociais. (CASTELLS, 2011)

Portanto, é no final do século XX e início do século XXI que os meios de comunicação passaram a ser mais dinâmicos e rápidos através da tecnologia digital, fato este que possibilitou a comunicação em rede entre os indivíduos. A partir daí, surge a troca de mensagens através de *e-mails*, que são emitidos e recebidos *on-line* quase que em tempo real, podendo ser remetidos para mais de um destinatário, armazenados e modificados a qualquer momento, além de anexar arquivos de imagens, vídeos e *softwares*. “[...] agora tudo acontece em tempo real: na velocidade do instante, que é simultâneo para todos os usuários do planeta”. (SIBILIA, 2016, p. 88)

As interações sociais mediadas pelo computador transformaram a forma como as pessoas passaram a se relacionar umas com as outras. E foi com o surgimento dos sites de redes sociais, que a interação entre os indivíduos através da troca de mensagens instantâneas provocou uma grande mudança no comportamento das pessoas. Deste modo, Sibilía (2016) destaca que

os sujeitos contemporâneos - sobretudo os mais jovens - publicam suas informações, fotos, vídeos na internet, por exemplo, sem nenhuma inquietude com relação à defesa da própria privacidade, e nem com a de seus amigos, inimigos, parentes e colegas que também costumam habitar suas confissões transmidiáticas. (SIBILIA, 2016, p. 110)

Deste modo, Setton (2010) afirma que os jovens legitimam um espaço de criação de sentidos e de uma cultura jovem, pois de acordo com Martín-Barbero, a juventude mantém distintas relações com as novas tecnologias. Com isso, é importante observar que “as novas gerações têm familiaridade com os controles remotos, telefones celulares e, sobretudo, com as mídias e seus programas interativos”. (SETTON, 2010, p. 108)

a utilização das tecnologias da informação e da comunicação (TICs), os variados instrumentos de interação como blogs, *chats* ou ferramentas de conversação instantâneas, como o MSN Messenger, oferecem oportunidades aos jovens de escreverem, lerem e criarem novas linguagens. (SETTON, 2010, p. 79)

Neste sentido, o trabalho apresentado nos permite compreender a evolução dos meios de comunicação até o surgimento da internet e analisar a maneira como os jovens entrevistados se apropriam das novas tecnologias e interagem através das novas mídias digitais, a exemplo das redes sociais digitais, como o *Facebook*.

2.1 Os meios de comunicação e sua evolução

O indivíduo para viver em sociedade sentiu a necessidade de melhorar a comunicação com o seu semelhante de forma que ele pudesse se expressar e entender o que o outro está expressando para que, de fato, se realize uma comunicação. Perles (2007, p.1) destaca que “A linguagem, a cultura e a tecnologia são elementos indissociáveis do processo de comunicação”. Assim, a linguagem e a cultura são considerados os elementos inatos ao sujeito e ao ambiente social a que ele pertence, e a tecnologia como um “mecanismo que possibilite ao homem executar suas tarefas fazendo uso de algo exterior ao seu corpo.” (PERLES, 2007, p. 4)

As primeiras formas de comunicação humana surgiram, portanto, através de uma linguagem oral e, conseqüentemente mais tarde, na forma de linguagem escrita. No entanto, respeitando a época, é com a passagem da linguagem oral para escrita que a comunicação conseguiu avançar no tempo e no espaço. E foi a partir da necessidade dos indivíduos em alcançar maiores distâncias ao transmitir suas mensagens, que a escrita foi inventada por volta do século IV

antes de Cristo, sendo desenvolvida, primeiramente, através da transformação de unidades de sons em letras e logo depois com a criação do alfabeto. (PERLES, 2007)

A escrita abriu um espaço de comunicação desconhecido pelas sociedades orais, no qual tornava-se possível tomar conhecimento das mensagens produzidas por pessoas que encontravam-se a milhares de quilômetros, ou mortas há séculos, ou então que se expressavam apesar de grandes diferenças culturais ou sociais. A partir daí, os atores da comunicação não dividiam mais necessariamente a mesma situação, não estavam mais em interação direta. (LÉVY, 2011, p. 116)

De fato, a escrita fez com que a ação comunicativa dos atores, que até então agiam através de um processo de interação direta, fosse substituída por palavras que transmitiam mensagens a longa distância ou que concretizavam informações que revelavam pensamentos ou fatos ocorridos dentro de uma determinada cultura. (LÉVY, 2011)

No entanto, a escrita acabou se consolidando como meio de comunicação quando passou a ser reproduzida na forma impressa logo após o surgimento do papel, que foi inventado pelos chineses para substituir as superfícies de pedra, os papiros e os pergaminhos de couro que eram até então utilizados. Com isso, as cartas, os jornais e os livros foram reproduzidos em papel e passaram a entreter e a informar vários povos, aumentando o número de informações que transitavam pelo mundo através dos serviços de correio terrestre e marítimo. (BURKE, 2002)

Somente no século XVI, com o desenvolvimento da escrita na forma impressa, que se deu a criação da máquina impressora, fato este que marcou uma época. Desenvolvida para atender ao número crescente de leitores da época, Johann Gutenberg criou a impressora

como um modo de garantir o suprimento de textos para atender sua crescente demanda no final da Idade Média, uma época em que o número de homens e mulheres alfabetizados estava aumentando. (BURKE, 2002, p. 173)

Diante deste evidente e justificado aumento no número de livros impressos e consequentemente de leitores, tem-se a necessidade da criação de bibliotecas

para o armazenamento, a organização e a consulta pública dos livros impressos. Para tanto, foi preciso realizar a construção de prédios específicos para abrigar uma enorme quantidade de livros e fornecer ao público leitor um espaço adequado para a leitura. Assim, a construção desses prédios permitiu que a população tivesse acesso aos livros em um só lugar, pois

a existência de livros impressos facilitou mais do que nunca a tarefa de encontrar informações – desde que antes se encontrasse o livro certo. Para isso, foi preciso compilar catálogos para grandes bibliotecas, particulares ou públicas. (BURKE, 2002, p. 176)

De certo, Lévy (2011, p. 258) destaca que “o escrito, depois o impresso, trazem uma possibilidade de extensão indefinida da memória social”, fazendo com que o poder de ação intelectual de um povo seja impulsionado pela quantidade cada vez maior de conhecimentos adquiridos através das leituras impressas.

Com o desenvolvimento intelectual dos seres humanos a partir dos novos conhecimentos adquiridos através dos livros, tem-se a realização de pesquisas científicas a fim de proporcionar novas descobertas para a ciência e para o mundo. Deste modo, tem-se a necessidade de aprimorar as formas de comunicação entre as culturas. Assim, de acordo com Thompson (1998),

o desenvolvimento dos meios de comunicação se entrelaçou de maneira complexa com um número de outros processos de desenvolvimento que, considerados em sua totalidade, se constituíram naquilo que hoje chamamos de ‘modernidade’. (THOMPSON, 1998, p. 12)

Os meios de comunicação nos remetem ao uso de novas formas de ação e de interação com o meio social, propiciando novos tipos de relações sociais e novas formas de se relacionar com o outro e consigo mesmo, pois ao fazer o uso dos meios de comunicação, os indivíduos “entram em formas de interação que diferem dos tipos de interação face a face que caracterizam a maioria dos nossos encontros cotidianos”. (THOMPSON, 1998, p. 14)

Para tanto, é no campo da relação entre os jovens e os novos meios de comunicação digitais que este estudo se dedica, analisando o quão é significativo o uso dessas novas tecnologias para os processos comunicativos

de interação e sociabilização na sociedade moderna, sobretudo entre os jovens.

Deste modo, o estudo realizado com os jovens estudantes de Vitória-ES nos mostra o quanto os meios de comunicação são importantes na vida desses jovens. Eles interagem e se comunicam através da internet como usuários com grande participação dentro das mídias digitais. Assim, “a importância dos meios de comunicação de massa como veículo de integração cultural e o crescimento do consumo de massa contribuem para essa juvenização”. (PERALVA, 1997, p. 23)

Peralva (1997), no entanto, destaca o processo de juvenização como uma valorização da juventude associada às novas formas de envelhecimento, que redefinem os valores e os estilos de vida não somente de uma única faixa etária específica, mas para as várias fases da vida que os indivíduos atravessam. Assim, a promessa de uma juventude eterna se revela como base fundamental para os processos que constituem os mercados de consumo.

2.2 As novas tecnologias da informação e a sua expansão pelo mundo

Foi nos Estados Unidos, na década de 1970, com a formação do Vale do Silício, que se formou um dos pontos cruciais e motivadores do crescimento e da concepção das novas tecnologias da informação, onde as novas tecnologias da informação tiveram o seu desenvolvimento inicial. Tal desenvolvimento se deu a partir do investimento maciço de grandes empresas na produção de equipamentos de alta tecnologia e em pesquisas científicas avançadas. (CASTELLS, 2011)

Além disso, o Estado da Califórnia se tornou o lugar de destino para a contratação de inúmeros engenheiros e estudantes de tecnologia que, atraídos pela oferta de emprego em várias empresas do ramo tecnológico, manteve esse ambiente inventivo em constante produção e evolução. Deste modo, ao tratar da inicialização das pesquisas no campo tecnológico, Castells (2011) destaca que

[...] foi no Vale do Silício que o circuito integrado, o microprocessador e o microcomputador, entre outras tecnologias importantes, foram desenvolvidos, e é lá que o coração das inovações eletrônicas bate há quarenta anos, mantido por aproximadamente 250 mil trabalhadores do setor de tecnologia da informação. (CASTELLS, 2011, p. 99)

É exatamente com os estudos no Vale do Silício que o mundo passou a ser mais tecnológico e a se comunicar mais facilmente através das inovações eletrônicas cada vez mais modernas, provocando assim uma revolução no campo das comunicações. Essa revolução tecnológica foi caracterizada pelo avanço nas pesquisas em tecnologia da informação, onde considera-se a mente humana como uma força direta de produção. Com isso, as descobertas tecnológicas foram desenvolvidas a partir dos estudos científicos realizados pelos muitos estudiosos e cientistas que habitaram esta região dos Estados Unidos. (CASTELLS, 2011)

Assim, de acordo com Castells (2011), é com o surgimento dos computadores logo após a Segunda Guerra Mundial, através do investimento feito pelo e para o militarismo com o objetivo de buscar soluções para problemas estratégicos de comunicação e conseqüentemente do desenvolvimento das telecomunicações, que surge a era do computador em rede. O surgimento do computador interligado em rede expandiu a comunicação eletrônica ao conectar vários computadores, o que favoreceu a comunicação imediata entre as pessoas e fomentou o uso daquilo que chamamos hoje de Internet, antes chamada de ARPANET.

Por volta dos anos de 1990, um novo salto tecnológico permitiu a difusão da internet na sociedade em geral com a criação de uma nova forma de se comunicar, a teia mundial (world wide web – WWW), que oferecia aos usuários um sistema fácil de pesquisa para procurar informações desejadas. (CASTELLS, 2011)

Deste modo, Castells (2011, p. 89) destaca que “logo surgiram novos navegadores, ou mecanismos de pesquisa, e o mundo inteiro abraçou a Internet, criando uma verdadeira teia mundial”. Esta teia permitiu variadas formas de comunicação através de *softwares* que evoluíram desde a criação

da internet, se tornando parte do cotidiano dos indivíduos. Assim, de acordo com Giddens (2007),

A comunicação eletrônica instantânea não é apenas um meio pelo qual notícias ou informações são transmitidas mais rapidamente. Sua existência altera a própria estrutura de nossas vidas, quer sejamos ricos ou pobres. (GIDDENS, 2007, p. 22)

Já no final da década de 1990, a comunicação via internet, juntamente com o avanço tecnológico dos estudos realizados nos ramos da computação e das telecomunicações, produziu um aparato tecnológico de grande utilidade: o microcomputador, que permitiu a sua instalação em lugares variados, principalmente nos domicílios particulares. Tal aparato foi inventado na década de 1970, e só no final dos anos de 1990 que o grande público teve acesso a ele, permitindo assim o uso da grande rede, denominada internet. (CASTELLS, 2011)

De certo, Castells (2011) afirma que os avanços tecnológicos tornaram o mundo mais dinâmico e rápido, desenvolvendo também outras áreas como a microeletrônica, a telecomunicação por radiodifusão e a optoeletrônica e a engenharia genética. Portanto, é com a tecnologia que a mente humana se torna uma força direta de produção, e não mais um elemento decisivo no sistema de produção. Sendo assim,

computadores, sistemas de comunicação, decodificação e programação genética são todos amplificadores e extensões da mente humana. O que pensamos e como pensamos é expresso em bens, serviços, produção material e intelectual, sejam alimentos, moradia, sistemas de transporte e comunicação, mísseis, saúde, educação ou imagens. (CASTELLS, 2011, p. 69)

Ou seja, tudo o que a mente humana pensa, hoje pode se transformar em realidade a partir do momento que o indivíduo tiver acesso à tecnologia em suas mãos. Com isso, o poder da inteligência humana modifica as formas de ser e estar no mundo moderno, no qual o indivíduo é detentor das novas tecnologias. (CASTELLS, 2011)

Assim, Castells (2011) destaca que a expansão atual da tecnologia provocou uma transformação na vida e no cotidiano das pessoas, caracterizando-se por

estar cada dia mais presente nos processos de aquisição da informação, pois a partir de agora toda “informação se utiliza de uma mesma linguagem digital para ser gerada, armazenada, recuperada, processada e transmitida”. (CASTELLS, 2011, p. 68)

Do mesmo modo, “O século XX assistiu ao surgimento de um fenômeno desconcertante: os meios de comunicação de massa baseados em tecnologias eletrônicas”. (SIBILIA, 2016, p. 18) Assim, as redes de comunicação passaram a ser mais dinâmicas e rápidas através da tecnologia digital, que possibilitou o aumento da comunicação entre os indivíduos. Com isso, as cartas escritas a mão se tornaram cada vez mais obsoletas e deram lugar a uma comunicação virtual, que trouxe praticidade e comodidade às relações interpessoais. (SIBILIA, 2016)

Primeiro foi o correio eletrônico, uma poderosa síntese entre o telefone e a velha correspondência, que se espalhou com força nos últimos anos do século XX, incrementando enormemente a quantidade e a agilidade dos contatos. Em seguida, popularizaram-se os canais de bate-papo ou chats, simbolizados pelo bem-sucedido *ICQ*, que logo evoluíram nos sistemas de mensagens instantâneas do tipo *MSN* ou *Hangout* e nas populares redes de interação social como *Orkut*, *MySpace*, *Facebook*, *Twitter*, *LinkedIn*, *Instagram*, *Pinterest* ou *Snapchat*. (SIBILIA, 2016, p. 19)

Dessa maneira, a autora destaca que todo o trajeto de modernização que os meios de comunicação passaram nos últimos anos foram favorecidos pelas novas tecnologias da informação, transformando a vida das pessoas através da informatização dos processos comunicativos. Mas, as tecnologias não vieram para robotizar o mundo e alienar as pessoas. Elas foram inventadas para fornecer ferramentas a fim de atender as necessidades que a sociedade e o mercado precisam. (SIBILIA, 2016)

Na pesquisa realizada com os jovens de Vitória-ES, foi evidenciado que todos os jovens entrevistados possuíam *smartphones* e, a partir dele, se comunicavam através das tecnologias digitais propiciadas pela internet, como por exemplo o uso do *WhatsApp*, além de utilizarem este aparelho para se conectarem à internet e às redes sociais digitais e de fazerem ligações telefônicas. O uso deste aparelho é de extrema importância para esses jovens,

pois permite que eles tenham o acesso às informações e a possibilidade de comunicação com os outros em qualquer lugar.

Esse fato se evidencia na entrevista com a Maria ao ser perguntada sobre qual ou quais equipamentos são usados por ela para acessar a internet. Ela afirma que usa *“Atualmente bem o celular, tudo, pra tudo, tanto pra pesquisa...pra pra... Até pra trabalho. Às vezes eu pesquiso mais pelo celular do que pelo notebook.”*

Também percebe-se a preferência pelo uso do celular como meio de acesso à internet na fala da estudante Carla, quando ao ser perguntada sobre qual equipamento ela usa para acessar a internet, a mesma diz que usa *“Meu celular, no wi-fi, né?”*.

2.3 Tecnologias digitais e novas formas de interação

Com o mundo conectado através das novas tecnologias e da internet, as distâncias foram encurtadas e as fronteiras se tornaram abertas, facilitando os fluxos de informações e de pessoas. Com isso, as pessoas se transformaram em usuários de uma tecnologia cada vez mais avançada e passaram a se utilizar de toda essa dinamicidade tecnológica para estreitar as relações com as pessoas com as quais convivem no seu dia a dia e com o mundo. (CASTELLS, 2011)

Thompson (1998, p. 77) destaca que “durante a maior parte da história humana, a grande maioria das interações foram face a face”. Ou seja, as pessoas se relacionavam presencialmente, dentro de um mesmo ambiente físico a fim de trocar ideias, contar histórias e relatar acontecimentos. Com a modernidade, as relações sociais passaram a se utilizar de novos meios para se comunicar e, conseqüentemente, novas formas de se relacionar com o outro.

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação, a interação se dissocia do ambiente físico, de tal maneira que os indivíduos podem interagir uns com os outros ainda que não compartilhem do mesmo ambiente espaço-temporal. (THOMPSON, 1998, p. 77)

Com isso, as interações face a face não deixaram de existir, só passaram a propiciar outras oportunidades de interação, o que facilitou a vida dos indivíduos. As relações a distância passaram a existir e a tornar a vida mais dinâmica, o que permitiu que os “indivíduos dirijam suas ações para outros, dispersos no espaço e no tempo, como também responderem as ações e acontecimentos ocorridos em ambientes distantes”. (THOMPSON, 1998, p. 78)

Sendo assim, é fato que dentro de uma sociedade, tradicionalmente os indivíduos estão sempre se relacionando. Para tanto, a reflexividade é o que define essa característica humana, na qual os indivíduos se relacionam e se espelham em seus comportamentos. E com a modernidade, Giddens (1991, p. 39) destaca que “a reflexividade assume um caráter diferente. Ela é introduzida na própria base da reprodução do sistema, de forma que o pensamento e a ação estão constantemente refratadas entre si.”

Ou seja, na sociedade moderna a ação e o pensamento se reconstroem a todo momento, renovando a maneira como os indivíduos pensam e praticam suas ações. Eles modificam a forma como as práticas sociais são estabelecidas perante a aquisição de novas informações que passam a alterar o seu caráter. Assim, a sociedade moderna é marcada pela introdução do novo nas práticas sociais, modificando a forma de pensar e agir dos indivíduos e alterando as características de suas próprias práticas. (GIDDENS, 1991)

Desta forma, Castells (2011) parte do princípio de que, no final do século XX, vivemos um intervalo na história, cuja característica se dá através de um novo paradigma tecnológico no qual os indivíduos passam a ser usuários de uma comunicação eletrônica que transforma os meios de interação social.

Consequentemente, a difusão da tecnologia amplifica seu poder de forma infinita, à medida que os usuários apropriam-se dela e a redefinem. As novas tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos. Usuários e criadores podem tornar-se a mesma coisa. Dessa forma, os usuários podem assumir o controle da tecnologia como no caso da Internet. (CASTELLS, 2011, p. 69)

Desse modo, os indivíduos passaram a ser usuários das novas tecnologias e a aplicá-las nas suas tarefas habituais. O mundo interligado em rede passou a

ser “virtual” e com isso os encontros presenciais diminuíram ou até mesmo deixaram de existir, sendo substituídos por encontros virtuais cada vez mais frequentes, o que indica que a necessidade do estar junto já não é tão importante assim. (RECUERO, 2009)

A forma como os indivíduos passaram a aplicar as novas tecnologias em suas vidas se torna diferente diante das várias gerações que integram a nossa sociedade, pois nem todos têm a mesma facilidade ao agregar a tecnologia no seu dia a dia. Daí advém a relação do estranhamento geracional perante os novos modos de se comunicar, diferenciando os comportamentos de jovens e adultos mediante a aquisição dessas novas tecnologias. (PALFREY e GASSER, 2011)

Com isso, Castells (2011) destaca que, é com os computadores, logo após a Segunda Guerra Mundial e, conseqüentemente, do desenvolvimento das telecomunicações, que surge então a Internet, expandindo a comunicação entre as pessoas e conectando o mundo através de computadores interligados a uma rede mundial, facilitando o processo comunicativo. Do mesmo modo, Giddens (2007) destaca que

A comunicação eletrônica instantânea não é apenas um meio pelo qual notícias ou informações são transmitidas mais rapidamente. Sua existência altera a própria estrutura de nossas vidas, quer sejamos ricos ou pobres. (GIDDENS, 2007, p. 22)

Assim, o mundo em que vivemos hoje se tornou digital, no qual as informações são divulgadas ao mesmo tempo para diferentes lugares, as relações sociais são realizadas pela tela do computador e os processos são dinamizados. De fato, Palfrey e Gasser (2011, p. 13) concordam que “o mais incrível, no entanto, é a maneira em que a era digital transformou o modo como as pessoas vivem e se relacionam umas com as outras e com o mundo que as cerca”.

Dessa forma, o século XXI consolidou o mundo digital com o objetivo de mudar radicalmente as relações sociais modernas. Assim, o mundo passou a estar conectado através de uma rede de comunicação que permite a realização de

conversas entre pessoas que estão distantes. Com isso, Castells (2011) nos explica que

o sistema de comunicação em rede nasceu em ampla escala na forma de redes de área local e redes regionais ligadas umas às outras, e começou a espalhar-se por toda parte onde houvesse linhas telefônicas e os computadores estivessem equipados com *modems*. (CASTELLS, 2011, p. 85)

Os modems são equipamentos que fazem a conversão da rede telefônica convencional para redes de dados, pois nos primórdios da Internet, as operadoras ofereciam os serviços de Internet via linha telefônica. Estes equipamentos, portanto, ficavam localizados na ponta da rede interna das residências, no ponto onde eram ligadas às operadoras de telecomunicações, que se encarregavam de distribuir estes serviços. Assim, a internet funcionava de forma diferente do que é hoje. (CASTELLS, 2011) Nesse sentido, Castells (2011) destaca que

o extraordinário aumento da capacidade de transmissão com a tecnologia de comunicação em banda larga proporcionou a oportunidade de se usar a Internet, ou tecnologias de comunicação semelhantes à Internet, para transmitir voz, além de dados, por meio da troca de pacotes, o que revolucionou as telecomunicações e sua respectiva indústria. (CASTELLS, 2011, p. 90)

Entretanto, a presença da internet proporcionou na vida dos indivíduos uma transição de fases, na qual hoje se vivencia, de acordo com Berardi (2005, p.14), uma fase de “reprogramação neurológica, psíquica, relacional” dos seres humanos. Com isso, nas relações humanas modernas, a comunicação afetiva diária se encontra menos prazerosa e menos tranquila, pois as novas tecnologias da informação provocaram uma diminuição do tempo na vida das pessoas. (BERARDI, 2005)

Deste modo, houve uma transformação na percepção do tempo entre os indivíduos, no qual “o tempo se tornou o principal terreno de batalha” (BERARDI, 2005, p. 18). Pois, da mesma maneira que o tempo facilita os processos, ele também nos causa transtornos pelo fato de acelerar os acontecimentos da vida cotidiana. Portanto, como a utilização da internet acelera os processos e aumenta a produção da informação, há um

empobrecimento da experiência dos seres humanos, provocando o distanciamento entre as pessoas e a ausência de sentimentos nas relações. (BERARDI, 2005)

Com isso, a maioria das interações entre os jovens passaram a ser realizadas nas redes sociais digitais logo após os primeiros contatos se efetivarem presencialmente. Nas entrevistas realizadas com os jovens de Vitória-ES, foi perguntado se eles fazem parte de grupos nas redes sociais digitais e se eles se encontram presencialmente com as pessoas desses grupos:

Sim, por exemplo, eu tenho um grupo no WhatsApp que toda segunda-feira a gente se encontra em algum lugar, na casa da minha amiga e tal. Aí hoje ela até tá me mandando: – Você vai vir?
(CAROLINA)

Assim, a internet propicia aos indivíduos uma forma estendida da comunicação através de um contato virtual realizado simultaneamente com um grupo de pessoas a fim de agendar um encontro real, provocando assim uma ideia de que a internet aproxima as pessoas. Deste modo, percebe-se que as novas tecnologias da informação estão apagando a nostalgia de uma autenticidade humana, pois “o discurso público de nosso tempo (que traduz, no processo de globalização, o êxito da economia liberal) está impregnado de ideologia da felicidade”. (BERARDI, 2005, p. 27)

De acordo com Berardi (2005), a aplicação das novas tecnologias na vida dos indivíduos apresenta uma proposta de felicidade para a resolução de todos os problemas, no qual há uma promessa de sucesso garantido, ampliando os horizontes da experiência e do conhecimento. O autor afirma também que “nenhuma ciência e nenhuma técnica pode propor-se a procura da felicidade” (BERARDI, 2005, p. 22), pois o tempo se tornou cada vez mais concorrido de acordo com a aceleração frequente dos processos, fazendo com que o distanciamento se tornasse cada vez maior nas relações humanas presenciais.

E isso pode ser exemplificado na fala da estudante Carolina quando diz que “Acho que... hoje em dia não não tem mais essa questão de ligação, então pra

“você falar com as pessoas mais fáceis, quando elas estão longe, é mais fácil ter internet, com a internet.”

Contudo, as relações de interação humana continuaram a ser presenciais, porém sua continuidade passou a existir no mundo virtual. Ou seja, mesmo que as pessoas passem a interagir virtualmente, os encontros presenciais ainda continuarão a existir entre elas, pois as pessoas que mais usam os meios de comunicação são aquelas que mais se encontram pessoalmente. Deste modo, Lévy (2011, p. 23) destaca que o “aumento da comunicação e generalização do transporte rápido participam do mesmo movimento de virtualização da sociedade, da mesma tensão em sair de uma “presença”.”

Lévy (2011, p. 19) define a virtualidade como algo que “não está presente”. Com isso, o autor nos explica que “quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não-presentes”, se desterritorializam.” (LÉVY, 2011, p. 21) Dessa maneira, a virtualização se faz presente dentro das novas tecnologias da informação na vida das pessoas, ultrapassando as fronteiras do real e do atual.

Mas, afinal, o que é virtualização? Lévy (2011, p. 17) define virtualização como “o movimento inverso da atualização. Consiste em uma passagem do atual ao virtual.” Sendo assim, ela significa uma forma de existência dada na ausência da existência material, que se relaciona em um outro patamar de ideias, onde seu endereço é transitório e sem importância. Desse modo, o autor nos explica que

A virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto, a constituição do “nós”: comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia virtual... Embora a digitalização das mensagens e a extensão do ciberespaço desempenhem um papel capital na mutação em curso, trata-se de uma onda de fundo que ultrapassa amplamente a informatização. (LÉVY, 2011, p. 11)

Sendo assim, a virtualização faz parte das novas tecnologias digitais, facilita a vida do sujeito moderno e torna as relações mais próximas e mais frequentes. Esse novo comportamento adquirido pela sociedade chama-se Cibercultura, que é definida por Rüdiger (2013, p. 297) como o “conjunto de práticas e

representações que surge e se desenvolve com a crescente mediação da vida cotidiana pelas tecnologias de informação [...]"

Lévy (2011, p. 11) afirma que “estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano.” E assim, a cibercultura passa a fomentar um movimento generalizado de interconexão cada vez mais fácil, amplo e rotineiro, acelerando a difusão das informações entre os indivíduos. (RÜDIGER, 2013)

Quando Lévy (2011, p. 129) afirma que a “conexão é um bem em si”, ele nos faz entender que a cibercultura contribui para a construção de laços sociais que partilham conhecimentos através de uma vontade coletiva. Deste modo, a cibercultura promove a criação do ciberespaço, que é

o espaço criado artificialmente pela convergência entre o mundo *on-line* gerado pelas redes telemáticas e as projeções digitais e imaginárias dos sujeitos que, direta ou indiretamente, interajam por seu intermédio. (RÜDIGER, 2013, p. 297)

No entanto, o ciberespaço é “também chamado de “rede”.” (LÉVY, 2011, p. 17) Ele dá suporte técnico para que uma grande quantidade de informações possam circular dentro de um universo tecnológico-virtual, fazendo com que seus usuários passem a se utilizá-lo a fim de obter um novo tipo de comunicação. Com isso, houve uma forte adesão ao mundo virtual pela sociedade contemporânea, principalmente pelos jovens nascidos desde o início do século XX, já que “o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem”. (LÉVY, 2011, p. 11)

De fato, a internet inaugura um novo espaço de comunicação e de liberdade de expressão, no qual fornece a infraestrutura necessária para ser utilizado a serviço do crescimento das pessoas e da consciente percepção do mundo coletivo e espiritual. Deste modo, a virtualidade hoje é praticada por uma

civilização de telepresença mediada, mas que não afasta os indivíduos e nem substitui o contato humano. (RÜDIGER, 2013)

A virtualidade não tem absolutamente nada a ver com aquilo que a televisão mostra sobre ela. Não se trata de modo algum de um mundo falso ou imaginário. Ao contrário, a virtualização é a dinâmica mesma do mundo comum, é aquilo através do qual compartilhamos uma realidade. Longe de circunscrever o reino da mentira, o virtual é precisamente o modo de existência de que surgem tanto a verdade como a mentira. (LÉVY, 2011, p. 148)

No entanto, da mesma forma que sabemos que a difusão da tecnologia da informação nos causa dúvidas ao verificar se os fatos são reais ou não, cabe à nós sermos mais cautelosos e tomar medidas de segurança ao fazer uso das tecnologias digitais virtuais. Pois, não se pode voltar no tempo, uma vez que o mundo moderno incorporou as novas tecnologias digitais. Rüdiger (2013) critica todo um discurso celebratório ou catastrófico a respeito da difusão das novas tecnologias, pois afirma que “a internet não é neutra, porque seu uso, se não seu desenho, depende de condições sociais determinadas”. (RÜDIGER, 2013, p. 37)

Dessa forma, Negroponte (1995) apud Rüdiger (2013) destaca que

entramos em uma era digital que, como as forças da natureza, não pode ser detida e que, como processo, possuiria “quatro qualidades poderosas, que resultarão em seu triunfo final: a descentralização, a globalização, a harmonização e a capacitação [da humanidade]”. (RÜDIGER, 2013, p. 28)

Desse modo, com relação à criação de novas tecnologias, Sibilia (2016, p. 25) afirma que “as tecnologias são inventadas para desempenhar funções que a sociedade de algum modo solicita e para as quais carece das ferramentas adequadas.” Assim, uma das inovações tecnológicas que mais se desenvolveram junto aos computadores foi a telefonia móvel.

Originada no final da década de 1990, com o avanço da tecnologia no ramo das telecomunicações, a indústria de telefonia móvel se desenvolveu, tornando mais rápida a comunicação através de aparelhos celulares portáteis, ao passo que estes aparelhos foram ainda mais desenvolvidos e passaram a ter as mesmas funções de um computador. (SIBILIA, 2016)

Com isso, os telefones celulares passaram a ser estruturas computacionais móveis, chamados de *smartphones*, que foram considerados como uma quebra de paradigma no que diz respeito ao ambiente computacional e acesso à grande rede. (SIBILIA, 2016)

De fato, a Internet passou a ser usada não só por intermédio dos computadores, mas também através dos *smartphones*. Pois, de acordo com Passarelli et. al. (2014, p. 166), “desde então, telas têm se tornado cada vez mais inteligentes ao passarem por processos de inovação que lhes permitem a integração global com aplicações e múltiplos recursos.”

Com isso, os *smartphones* se caracterizaram por aglutinar em uma única tela, recursos de áudio, vídeo e dados, com diferentes dimensões de interação. Deste modo, Sibilia (2016) se refere aos *smartphones* como “telefones inteligentes” e ainda completa que

Não é por acaso que esses aparelhos fizeram um sucesso tão estrondoso na segunda década do século XXI, passando a integrar o equipamento básico de quase toda população mundial: eles conseguiram dar vazão à peculiares demandas e ambições que articulam as subjetividades contemporâneas, bem como ao tipo de sociabilidade por elas alicerçada.” (SIBILIA, 2016, p. 21)

Já para Berardi (2005), o telefone celular interfere sobre o controle dos processos da vida como um todo, que acaba por se incorporar ao fluxo da função produtiva pelo fato de ser alcançável em todos os momentos e lugares. Assim, “o celular é a realização do sonho do capital que consiste em sugar toda possível parcela de tempo produtiva no exato momento em que o ciclo produtivo tem necessidade dele”. (BERARDI, 2005, p. 53)

O telefone celular interrompe os processos relacionais entre os indivíduos e com o mundo do trabalho ao mesmo tempo que propicia novas formas de interação. E, com o acesso à internet a partir desses aparelhos, os *smartphones* “driblam quase todos os limites espaciais ou temporais – em janelas sempre abertas e ligadas a quantidades crescentes de indivíduos”. (SIBILIA, 2016, p. 20)

Deste modo, Prensky (2010, p. 185) afirma que “os celulares também são computadores.”, pois são aparelhos pequenos e cheios de funções que podemos carregar facilmente. Assim, são os *smartphones* que “permitem transmitir não apenas voz mas também pequenos textos, ícones, fotos e vídeos desde qualquer lugar e para toda parte.” (SIBILIA, 2016, p. 91)

E com o surgimento da TV digital e da tecnologia 3G e posteriormente 4G (geração de sistemas móveis de telecomunicações), os *smartphones* tornaram-se máquinas de conexão de internet banda larga, caracterizados na atualidade como a forma mais popular de navegação, pois permite que o usuário acesse a internet de qualquer lugar e a qualquer momento. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2016)

Assim, de acordo com o que diz Passarelli et. al. (2014, p. 166), “os celulares – ou dispositivos móveis em geral – detêm condições de lançar no mercado equipamentos com sistemas cada vez mais modernos, que acompanham as demandas de interação principalmente do público jovem.”

No entanto, o público jovem foi aquele que mais foi atingido pelas novas tecnologias das telecomunicações, mudando até mesmo o seu comportamento diante das relações sociais. Dessa forma, a respeito do comportamento dos jovens mediante o uso dos aparelhos celulares, Palfrey e Gasser (2011) afirmam que

Atualmente, a maioria dos jovens de muitas sociedades do mundo carrega seus dispositivos móveis – telefones celulares, sidekicks, iPhones – o tempo todo, para não apenas dar seus telefonemas, mas também enviar mensagens de texto, surfar na internet e baixar música. (PALFREY e GASSER, 2011, p. 13)

Os *smartphones*, ou melhor, “os telefones inteligentes” como destaca Sibilía (2016, p. 21), possuem diversas funções, além de realizar chamadas telefônicas e de propiciar o acesso as redes sociais. Uma das muitas funções é uma câmera digital que se encontra acoplada ao aparelho e permite que os usuários tirem fotos e façam vídeos de forma rápida e ilimitada, sem precisar do recurso de revelação, além de possibilitarem uma comunicação por vídeo em tempo real.

Com a câmera dos *smartphones*, os usuários destes aparelhos passaram a fazer autorretratos e pequenos vídeos a partir do próprio aparelho celular e publicar nas redes sociais. Esse comportamento denominou o vocábulo *selfie*, que viralizou em todo o mundo, se tornando uma prática comum entre os jovens.

As *selfies* se tornaram uma febre entre aqueles que possuem *smartphones* e os utilizam para se conectar às redes sociais e se comunicar com os amigos e familiares. Este fato modificou o comportamento dos usuários nas redes sociais, o que, segundo Brandão (2013, p. 8), provoca o surgimento de plateias, onde elas “muitas vezes são as próprias equipes das quais o indivíduo faz parte.”

Outra prática ainda mais atual e que também ocorre com muita frequência é a transmissão “ao vivo” de vídeos feitos através dos *smartphones*, facilitada pelos programas aplicativos digitais móveis, que segundo Lévy (2011, p. 42), “permitem ao computador prestar serviços específicos aos seus usuários.”

Assim, os aplicativos móveis são tipos de aplicativos desenvolvidos especificamente para os sistemas de tablets e smartphones. Esses aplicativos possuem um design diferenciado, baseado em telas reativas ao toque, e são também chamados de APPs (do inglês “applications”), considerados hoje o tipo de software mais utilizado mundialmente, haja visto a evidente disseminação dos equipamentos smartphones no mercado.

Deste modo, com o uso cada vez maior, as redes sociais sofreram um bombardeio de *selfies* e vídeos transmitidos “ao vivo”, provocando um grande número de comentários posicionados pelos juízos de valor daqueles que assistem toda essa exposição nas telas, intensificando assim os fluxos de mensagens que circulam pelas redes sociais. (SIBILIA, 2016) Neste ponto, Sibilía (2016) nos mostra que

a visibilidade e a conexão sem pausa constituem dois vetores fundamentais para os modos de ser e estar no mundo mais sintonizados com os ritmos, os prazeres e as exigências da

atualidade, pautando as formas de nos relacionarmos conosco, com os outros e com o mundo. (SIBILIA, 2016, p. 21)

Sibilia (2016, p. 24) ainda completa que nas redes sociais, atualmente saturadas de *selfies* e outras imagens instantâneas do cotidiano de seus usuários, instigam e convocam a todos, tanto leitores quanto expectadores, “a participar, compartilhar, opinar e se exibir de um modo considerado “proativo”, modificando assim o comportamento das pessoas perante a sociedade em que vivem.”

Hoje, pode-se afirmar que o uso dos smartphones superou o uso dos computadores convencionais, bem como afirma o site da Agência Brasil (2016), a partir de uma pesquisa realizada pelo IBGE, quando diz que “o uso do telefone celular para acessar a internet ultrapassou a do computador pela primeira vez no Brasil.” Como resultado, o número de aparelhos celulares nas residências se tornou maior do que o número de computadores. Pois, de acordo com os resultados da pesquisa do IBGE, realizada entre os anos de 2013 e 2014, “O celular para navegar na rede era usado em 80,4% das casas com acesso à internet, já o computador, para esse fim estava em 76,6% desses domicílios e sofreu queda, em comparação com o ano de 2013 (88,8%).”

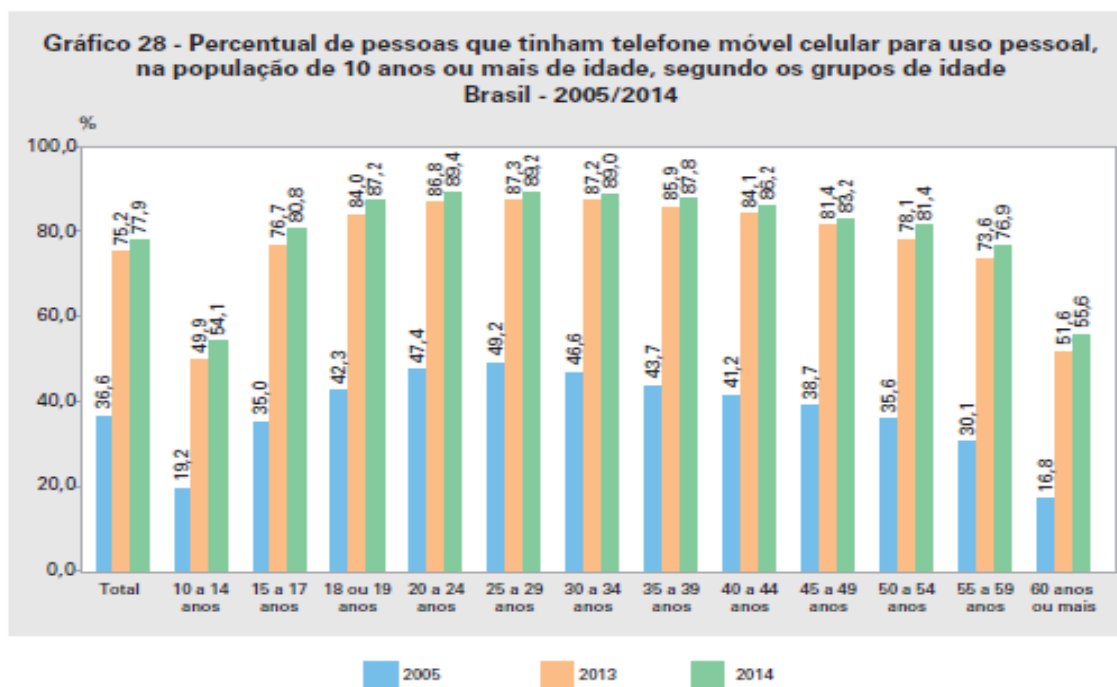
Deste modo, o uso dos *smartphones* como ferramenta computacional para acessar as redes sociais digitais e interagir com outras pessoas do seu círculo de amizades passou a ser o principal meio de acesso à Internet no Brasil, conforme pesquisa realizada pelo IBGE publicada pelo jornal Folha de São Paulo (06/04/2016):

O telefone celular tornou-se, pela primeira vez, o principal aparelho de acesso à internet nos domicílios brasileiros, superando os microcomputadores, segundo dados do IBGE. O número de domicílios com acesso à internet por meio de telefone celular saltou de 16,8 milhões em 2013 para 29,6 milhões em 2014. Dos lares conectados à internet, em 80,4% o acesso era feito pelo aparelho. (FOLHA DE S. PAULO, 2016)

Ainda segundo a pesquisa, conforme mostra o Gráfico 1 abaixo, é relatado um aumento da aquisição de celulares nos anos de 2013 e 2014, quando verificase um crescimento geral em todos os níveis de idade. Porém, os grupos de

idade que apresentaram os maiores aumentos entre 2013 e 2014 foram: 10 a 14 anos (4,2 pontos percentuais); 15 a 17 anos (4,1 pontos percentuais); e 60 anos ou mais (4,0 pontos percentuais).

Gráfico 1 – Percentual de pessoas que possuíam telefone celular entre 2005 e 2014.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005/2014.

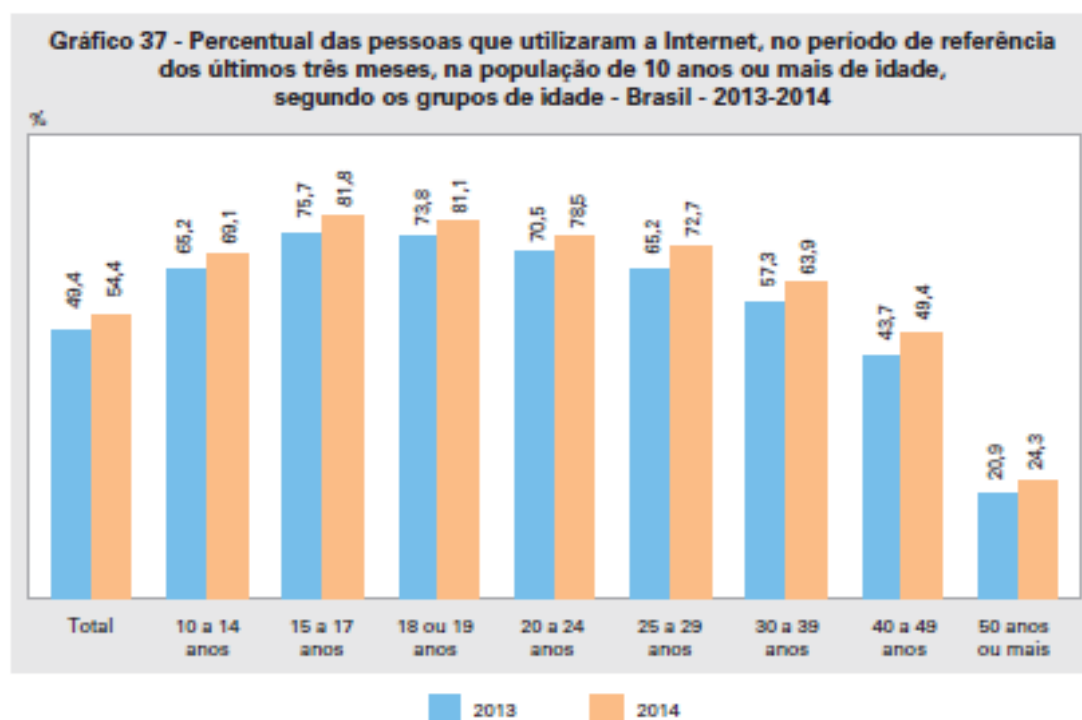
(Fonte: IBGE, 2016)

Assim, mediante esses dados, percebe-se que há uma aumento expressivo no uso de telefones celulares ou *smartphones* em todas as faixas etárias. De fato, os resultados da pesquisa surpreendem as estatísticas principalmente entre aqueles mais novos e os mais idosos, de acordo com os dados publicados acima pelo IBGE (2016).

A pesquisa vem confirmar a presença dos jovens cada vez mais marcante na utilização das novas tecnologias, em especial no uso da internet móvel, no seu dia a dia. Tal estudo, aponta também que entre os estudantes “o celular era um bem pessoal, para 93,4% dos estudantes da rede privada de ensino e para 66,8% dos da rede pública, que representavam 74,3% dos estudantes brasileiros em 2014.” (AGÊNCIA BRASIL-EBC, 2016, p. 2)

Com isso, a quantidade de usuários de internet no Brasil também aumentou, mais uma vez reafirmando seu impacto sobre o público jovem, conforme o Gráfico 2.

Gráfico 2 – Percentual de pessoas que utilizaram a Internet entre 2013 e 2014.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2013-2014.

(Fonte: IBGE, 2016)

O Gráfico 2 destaca, como os maiores usuários de internet no Brasil, aqueles que se encontram na faixa etária entre 15 e 29 anos. Desse modo, de acordo com Passarelli (2014) percebe-se que o uso da internet cotidianamente no ambiente familiar acaba sendo uma atividade solitária e individual para 76,5% dos adolescentes, que em sua maioria existe pouco ou nenhum controle de seus responsáveis no que se refere ao uso dessa tecnologia. Já no ambiente escolar, as deficiências socioeconômicas e de infraestrutura, bem como as dificuldades dos professores em lidar com tais tecnologias, acaba por limitar o uso da internet nas práticas escolares, sendo, na maioria dos casos, restringido o uso dos smartphones dentro do ambiente escolar.

Mas, o que se percebe com relação aos jovens, é que eles estão utilizando mais a internet para interagir nas redes sociais digitais e se comunicar nos seus momentos de lazer. Com isso, Abramo (2005) destaca que o uso da internet é considerado uma opção de escolha para o lazer como tempo sociológico, que na fase da juventude se transforma num campo de grande potencial para a construção de identidades, fazendo o jovem descobrir suas potencialidades humanas no exercício da sua inserção na sociedade. Com isso, “os jovens consolidam relacionamentos, consomem e (re)significam produtos culturais, geram fruição, sentidos estéticos e processos de identificação cultural”. (BRENNER et al. 2005, p. 177)

Sendo as redes sociais digitais, capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais através da comunicação mediada pelo computador, Recuero (2009) destaca que a internet contribuiu para que esses espaços de socialização sejam também laboratórios privilegiados para análise das sociabilidades juvenis. Com isso, a internet trouxe para os seus usuários a possibilidade de se expressar e de se socializar através da comunicação mediada pelo computador.

Essas ferramentas proporcionaram, assim, que atores pudessem construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais através desses rastros. (RECUERO, 2009, p. 24)

Assim, Recuero (2009) afirma que foi a partir dos anos de 1990 que as redes sociais passaram a ser objeto de estudo a fim de compreender as interações e conversações de grupos que se expressam na internet. Para a autora, o estudo das redes sociais na internet procura entender a origem das estruturas sociais, seus tipos, como se compõem e de que forma são realizadas para gerar fluxos de informações e trocas sociais que realmente influenciam nessas estruturas.

O comportamento dos indivíduos se modificou com essa nova interação tecnológica. Os usuários das redes sociais digitais passaram a assumir atitudes desconhecidas anteriormente, perdendo o engajamento com pessoas reais nas interações espontâneas. Neste sentido, Bauman (2005) destaca que

Expostos aos “contatos facilitados” pela tecnologia eletrônica, perdemos a habilidade de nos engajar em interações espontâneas com pessoas reais. Na verdade, ficamos com vergonha dos contatos frente a frente. Tendemos a pegar os celulares e apertar furiosamente as suas teclas e escrever mensagens a fim de escapar-mos de ser transformados em reféns do destino – no intuito de escaparmos de interações complexas, confusas, imprevisíveis, difíceis de interromper e de abandonar com as “pessoas reais” que estão fisicamente à nossa volta. (BAUMAN, 2005, p. 101)

Com isso, mediante as interações facilitadas tecnologicamente, o autor afirma que as pessoas passaram a preferir as interações mediadas pelo computador do que as presenciais, a fim de evitar interações embaraçadas. Hoje, muitas pessoas conversam e interagem mais virtualmente do que pessoalmente, e mesmo quando estão lado a lado num mesmo ambiente social, usam os seus *smartphones* para interagirem virtualmente entre si e com os outros. (BAUMAN, 2005)

Para Brandão (2013, p. 2), apesar dos perfis individuais serem vistos por diferentes grupos, “as redes sociais são vistas como um lugar onde é possível criar avatares, perfis falsos, ou que mostrem uma personalidade diferente da “real”.” Por consequência, a manipulação dos perfis adquire uma intensidade muito grande na comunicação virtual, tornando as redes sociais espaços onde as identidades podem não ser confiáveis.

Assim, sobre a reflexão que Goffman (2011) faz sobre os papéis na vida social aplicada às redes sociais, a autora destaca que “ele parte do termo *self*, cunhado por Mead, para estudar a vida social a partir da perspectiva dos indivíduos que interagem com diversos grupos de formas diferentes.” (BRANDÃO, 2013, p. 2). No entanto, a autora ressalta que a teoria de Goffman (2011) analisa a interação presencial face a face, sendo reproduzida na interação dos indivíduos dentro das redes sociais através de uma forma imediata de comunicação propiciada pela internet.

Por outro lado, e na mesma perspectiva, é possível pensar que

em função do crescente aspecto interacional que ocorreu a partir da comunicação propiciada pela internet, seus usuários – mesmo que não estejam desenvolvendo uma interação de co-presença – passaram a realizar um trabalho de apresentação do eu, de

preservação de fachada e de manipulação da impressão que desejam projetar de si, tal como acontece nas relações em que os atores se encontram presentes fisicamente. (MARTINS, 2010, p. 236)

Deste modo, os indivíduos passaram a se preocupar com a maneira como se apresentam nas interações virtuais dentro das redes sociais digitais, preservando e/ou manipulando a imagem projetada de si para os outros. Com isso, o comportamento estabelecido do usuário ao projetar a sua imagem nas redes sociais digitais pode adquirir intensidade na comunicação virtual pelo fato de ser mais fácil alterar dados e informações de si mesmo, já que não há como verificar a veracidade das informações divulgadas. (MARTINS, 2010)

Dessa maneira, além de os jovens apresentarem imagens de si, cultivadas através das suas interações mediadas pela tecnologia, eles se identificam por colocar suas predileções, seus gostos e seus interesses nas redes sociais digitais, formando comunidades virtuais. Com isso, Lévy (2011) destaca que

Uma comunidade virtual pode, por exemplo, organizar-se sobre uma base de afinidade por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos. Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais nem um ponto de partida, nem uma coerção. Apesar de “não-presente”, essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades. Ela vive sem lugar de referência estável: em toda parte onde se encontrem seus membros móveis...ou em parte alguma. (LÉVY, 2011, p. 20)

Sendo assim, “as redes sociais são tipos de sites que atuam como espaços de interação, lugares de fala, construídos por atores de forma a expressar elementos de sua personalidade ou individualidade”. (RECUERO, 2009, p. 25) Com isso, a autora destaca o *Fotolog*, o *MySpace*, o *Orkut*, o *Flickr*, o *Twitter* e o *Facebook* como algumas das redes sociais digitais consideradas de maior popularidade entre os internautas brasileiros. Acrescenta-se ainda o *Instagram*, o *Snapchat* e o *LinkedIn* como redes sociais de relacionamentos também muito utilizadas.

Nas entrevistas realizadas com os jovens de Vitória-ES, observou-se que a grande maioria faz uso das redes sociais digitais a fim de interagir com seus amigos e parentes. Este trabalho propõe uma reflexão sobre o uso que esses

jovens fazem, conhecendo a forma como se comportam e, conseqüentemente, seus efeitos sobre suas práticas sociais.

2.4 As redes sociais digitais como meio de interação e de influência social

A internet trouxe muitas mudanças para a sociedade moderna. Uma das mais significativas é a de possibilitar ao indivíduo, se expressar e socializar com base nas ferramentas de comunicação. Esse processo se intensificou a partir da criação das comunidades virtuais interligadas via rede: as redes sociais. (SIBILIA, 2016)

As redes sociais digitais são definidas por Recuero (2009, p. 24) como “um conjunto de dois elementos: os *atores* (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas *conexões* (interações ou laços sociais).” Além disso, a autora se propõe a pensar reconhecendo as redes sociais como “agrupamentos complexos instituídos por interações sociais apoiadas em tecnologias digitais de comunicação.” (RECUERO, 2009, p. 13) Assim, as redes são pensadas através dos aspectos individuais, coletivos e tecnológicos dos agrupamentos humanos na Internet.

As redes sociais provocaram uma mudança no comportamento dos usuários a partir do momento que elas começaram a acessar seus perfis com mais intensidade através dos *smartphones*. Com isso, o acesso às redes sociais através do computador passou a ser menos frequente, já que os *smartphones* possibilitaram uma maior acessibilidade por ser um aparelho de tamanho mais condensado, o que favorece na praticidade do dia a dia. (SIBILIA, 2016)

Criado em 2002, mas adotado no Brasil em 2003 e 2004 sem grande expansão de interesse, o *Fotolog* surgiu com o objetivo de possibilitar ao usuário a publicação de fotografias acompanhadas de pequenos textos e receber comentários. (RECUERO, 2009)

Lançado em 2003, o *MySpace* é um sistema que permite uma mostra das redes sociais a partir da interação com outros usuários através da construção de perfis, blogs, grupos, fotos, músicas e vídeos. O diferencial do *MySpace* é

ser um site de rede social que permite a criação de comunidades nas quais se personaliza os perfis a partir de dicas e informações. (RECUERO, 2009)

Já em janeiro de 2004, adquirindo grande popularidade no Brasil em fevereiro do mesmo ano, cria-se o *Orkut* (hoje já extinto) lançado pela empresa *Google*, definido como um site que permitia a criação de perfis individuais e de comunidades para interação social através de mensagens. (RECUERO, 2009)

O *Flickr*, que foi criado em 2004 e posteriormente adquirido pelo site *Yahoo!* no ano de 2005, é um site que permite a publicação de fotos e vídeos acompanhados de comentários. O *Flickr* é um site que funciona a partir de imagens publicadas e classificadas a partir de palavras-chave que servem como objeto de busca e organização mediante essas classificações. (RECUERO, 2009)

Já o *Twitter*, criado em 2006, é um site que oferece um serviço quase que semelhante a um blog, porém de pequenas proporções, pois permite a escrita de pequenos textos de até 140 caracteres. O *Twitter* é estruturado por usuários que seguem e são seguidos por outros usuários com a finalidade de enviar mensagens a partir da pergunta “O que você está fazendo?”. (RECUERO, 2009)

Temos ainda o *Instagram*, que surgiu em 2010 e se consolidou no mercado em 2011, como um (App) aplicativo de smartphone que funciona como um álbum de fotos *on-line*, no qual podem ser aplicados filtros às fotos que ali são postadas, podendo também ser compartilhadas em outras redes sociais, como por exemplo o *Facebook*. (G1, 2012)

Já o *Snapchat*, que surgiu no ano de 2011, tem como função a publicação de fotos e vídeos curtos por um período limitado no site, no qual seus usuários ocupam a função de seguidores diretos de outros usuários através das postagens pessoais de cada um. Pelo fato de o *Snapchat* ser um site no qual os usuários colocam fotos e vídeos que ali permanecem durante um período curto, “o envio de mensagens efêmeras com informações que deixam de existir

permite aos usuários a captura e compartilhamento de momentos temporários ao invés de imagens permanentes.” (CHARTERIS, 2014, p.1)

O *LinkedIn* surgiu no ano de 2002 como uma rede social profissional a nível mundial, que tem a função de fazer a conexão entre profissionais das mais diversas áreas. É um site que funciona através de vínculos estabelecidos pelos próprios usuários dentro de suas linhas de pesquisa, áreas de atuação, interesses e outros pontos em convergência. (CAMPOS et al., 2016)

A rede LinkedIn®, propõe a formação de perfil profissional e a exposição deste ao inserir o seu proprietário em um ambiente de competição e cooperação entre os laços que ele irá estabelecer em favor de si próprio ou das alianças estratégicas que formará no decorrer do tempo (essa é a proposta do site). Ao discutir o perfil profissional, atualmente, podemos dizer que esta exposição é volátil dentro das relações de competitividade e cooperação.(CAMPOS et al., 2016, p. 12)

E o *Facebook*, que foi lançado em 2004 pelo americano Mark Zuckerberg, sendo considerado hoje como um dos sistemas com maior base de usuários no mundo inteiro. O *Facebook* funciona a partir de perfis pessoais e de comunidades, onde em cada perfil tem a liberdade de postar fotos, vídeos e mensagens de todo tipo, interagindo através de curtidas, realizando comentários e compartilhando posts. (VEJA, 2016)

Construído através das ideias do americano Mark Zuckerberg no ano de 2004, tem a sua origem pelo nome de como era chamado o livro escrito artesanalmente pelos calouros das universidades americanas que passava de mão em mão e que servia para que os universitários começassem a conhecer seus colegas na instituição. Tal livro, com o nome original de *Facemash*, é composto de fotos de estudantes e algumas informações sobre cada um deles. (O GLOBO, 2012)

Chegando ao Brasil em 2006 e também em outros países, abriu sua rede de usuários para mundo, destronando o *Orkut*, que foi a primeira rede social a fazer sucesso entre os internautas brasileiros. O *Facebook* também possibilitou estratégias de marketing ao permitir que, nas trocas de informações entre os amigos, “os usuários mantenham seus amigos mais bem informados sobre

seus próprios interesses, além de servir como referentes confiáveis para a compra de algum produto.” (SIBILIA, 2016, p. 36)

De fato, o Brasil já é considerado o segundo país no mundo em quantidade de assinantes, com mais de 47 milhões de usuários ativos, atrás apenas dos EUA, segundo o site do jornal *O Globo* (2012). O *Facebook* tem hoje 23,38% de adeptos no total da população brasileira, sendo 61,90% de toda a população *on-line* do país.

Assim, a partir do grande interesse dos brasileiros pelo *Facebook*, Raquel Recuero (2014) se propõe a pensar sobre a evolução das redes sociais digitais na Internet, quando a mesma se refere a uma publicação do jornal *Folha de São Paulo* do ano de 2013, dizendo que

o avanço dos sites de rede social é hoje uma realidade. Apenas o Facebook, por exemplo, congregava, em maio de 2013, mais de 1,1 bilhões de usuários ativos (Protalinski, 2013) dos quais mais de 70 milhões deles estão no Brasil hoje (*Folha de S. Paulo*, 2013). RECUERO, 2014, p. 114)

Deste modo, percebe-se um aumento da população brasileira quanto ao uso das redes sociais como forma de conversação mediada pelos computadores, usando não só a escrita como também alguns elementos de fala que criam semelhanças com a conversação, como por exemplo os emoticons, que são figuras que expressam certas falas e sentimentos que substituem o que se deseja falar. (RECUERO, 2014). No entanto, sobre esta nova forma de conversação, a autora destaca a ideia de que

a conversação mediada pelo computador é, assim, uma apropriação, ou seja, uma adaptação de meios que originalmente são textuais e não propícios às interações orais para um fim, que é aquele da conversação. (RECUERO, 2014, p. 115)

Os sites de redes sociais favorecem as práticas conversacionais, que surgem das apropriações mediadas por ferramentas disponibilizadas para os usuários que se encontram conectados à internet. Como Recuero (2009) reconhece as redes sociais como um conjunto de atores e suas conexões, a mesma autora (2014) nos afirma que os sites de redes sociais são compreendidos como aqueles que permitem

(i) que os atores sociais criem perfis individualizados, que vão funcionar como representações de si; (ii) que suas redes sociais sejam publicizadas pelas ferramentas (Boyd e Ellison, 2007); e (iii) que esses atores possam ainda utilizar esses sites como plataformas de conversação e interação uns com os outros. (RECUERO, 2014, p. 115)

Assim, a conversação nas redes sociais se dinamiza a partir do momento que um “amigo” é adicionado à sua página e este passa a fazer parte da sua lista de amigos a partir de uma conexão permanente no site, não havendo distanciamento quando este estiver *off-line*. Além disso, Recuero (2014, p. 116) ainda acrescenta que “essas conexões tornam-se canais permanentes de informação entre os atores, pois cada um que acrescenta outro a sua rede passa a ter acesso a tudo aquilo que o “amigo” publica na rede.”

Dessa forma, as conversações que são criadas nos espaços de interação dos sites de redes sociais permanecem ali, armazenadas dentro do que chamamos de “*timeline*” (linha do tempo), para serem buscadas e replicadas independentemente da presença online dos participantes. Com isso, ao abordar o esquema de funcionamento dos sites de redes sociais, classificando as interações como conversações em rede, Recuero (2014) afirma que

as conversações tomam outra dimensão: elas são reproduzidas facilmente por outros atores, espalham-se nas redes entre os diversos grupos, migram e tornam-se conversações cada vez mais públicas, moldam e expressam opiniões, geram debates e amplificam ideias. (RECUERO, 2014, p. 116)

Sendo assim, quando os usuários estão interagindo nas redes sociais digitais, as suas conversações se tornam públicas, pois elas se tornam acessíveis a todos os outros amigos espalhados pela rede. Isso faz com que as conversações se abram para outras participações que não estão conectados diretamente aos atores que iniciaram a conversa. (RECUERO, 2014)

Recuero (2014) classifica as conversações em rede como assíncronas, pois elas permitem que outras pessoas, temporalmente distantes, recuperem as conversações e deem continuidade nas conversas, reproduzindo-as em suas redes de amigos, fazendo com que outros usuários também possam participar.

Deste modo, verifica-se que as publicações realizadas pelos usuários assumem grande amplitude nas redes sociais digitais, sendo objeto de discussão e avaliação por seus pares a respeito de como eles expressam seus comportamentos nas redes. Assim, para Brandão (2013),

um mesmo usuário do *Facebook* (ou de qualquer outra rede social) que tente mostrar constante bom-humor pode ser interpretado de formas diferentes por seu grupo de amigos de infância, familiares, colegas de trabalho. Conseguir sustentar um papel que seja apresentável nos diferentes níveis de relação parece ser um desafio para os usuários. (BRANDÃO, 2013, p. 2)

Com isso, é importante ressaltar a questão da identidade pessoal dos usuários dessas tecnologias. Sabe-se que há um fator que unifica as condutas entre os participantes de uma comunicação mediada pela internet, mas a todo momento cabe aos usuários regular suas atitudes dentro das redes sociais, pois os seus posicionamentos incidirão sobre suas reputações, pois “está na reputação, ou seja, a legitimação obtida pelos atores da face que apresentam nessas ferramentas, que acrescenta valores positivos ao ator e à identidade.” (RECUERO, 2014, p. 118)

Dessa maneira, a questão da identidade social dos jovens usuários dessa tecnologia é colocada à prova pelo fato de eles estarem inseridos num mundo virtual tecnológico, pois, como explicam Palfrey e Gasser (2011),

Na era digital, sua identidade social (dos jovens) pode ser descrita pelas pessoas com as quais ela se associa de maneiras que são visíveis para os espectadores a qualquer momento, através de conexões em redes sociais como o *MySpace*, *Facebook*, entre outros, ou ainda através de links em seu *blog* para os *blogs* de outros. Além disso, as ações de seus amigos, e suas reputações mutantes, podem afetar sua identidade e sua reputação de tal forma que terceiros podem observá-las. (PALFREY e GASSER, 2011, p. 29)

Portanto, as identidades sociais dos jovens usuários de redes sociais digitais são variáveis, pois podem ser classificadas e sofrer avaliações de seus amigos, tendo a sua reputação as vezes questionada por outros participantes da mesma rede de interação social. Assim, as redes sociais digitais acabam se tornando campos de experimentação subjetivos, nos quais os usuários passam a utilizá-las como termômetro de suas reputações. (SIBILIA, 2016)

No entanto, se nas redes sociais digitais todos podem participar da criação e do fornecimento de informações em seus grupos, algumas pessoas comuns acabaram se tornando famosas por postarem diariamente sua rotina, suas preferências e seu modo de pensar a partir da postagem de vídeos e fotos nas redes sociais. Essas pessoas são chamadas de influenciadores digitais, ou *digital influencers*. (SIBILIA, 2016)

Os influenciadores digitais são famosos por atuarem constantemente e terem popularidade nas redes sociais digitais, como por exemplo o *Instagram*, o *Youtube* e o *Snapchat*. Com isso, o influenciador digital acaba por influenciar o modo de vida dos jovens ao expor seus estilos de vida, experiências, opiniões e gostos nas redes sociais digitais. Deste modo, Sibilía (2016) destaca que os influenciadores digitais são “celebridades da internet”, pois

sem fazerem nada em particular, mas aquilo que todos costumam fazer – exhibir sua vida e seu corpo nas redes sociais –, conquistam muitos seguidores e, portanto, despertam o interesse de muitas empresas, que lhes oferecem dinheiro para postar fotos promovendo seus produtos de modo mais ou menos velado. (SIBILIA, 2016, p. 38)

E como os jovens de hoje estão muito presentes na internet, em especial nas redes sociais digitais, eles acabam por curtirem cada vez mais as atuações desses influenciadores que acabam se tornando fontes de inspiração como referência de comportamento. Os jovens conectados se espelham nessas pessoas, que possuem milhões de seguidores em seus perfis, e passam a querer usar o que eles usam. “Ter um visual parecido ou usar o mesmo tênis que aquele influenciador digital usa representa muito para esses seguidores”. (SILVA e TESSAROLO, 2016, p. 6)

Deste modo, nas entrevistas com os jovens de Vitória-ES, quando perguntado para a Maria quem compõe a sua rede social digital, ela responde que “São, pessoas conhecidas e são pessoas famosas. Que eu gosto muito também de ver o dia a dia dos famosos que eu gosto, eu gosto de acompanhar.” O interesse pelo cotidiano dos famosos, tão mencionado quanto ao uso das redes sociais representam modalidades de se experimentar a identificação.

Com isso, percebe-se que os influenciadores digitais dialogam diretamente com os jovens atuantes nas redes sociais digitais por pertencerem ao mesmo meio e terem uma mesma linguagem. Assim, eles conseguem facilmente engajar-se nos mais diversos temas, exercendo influências sobre o que é e não é legal, desencadeando uma revolução nos comportamentos de consumo. (SILVA e TESSAROLO, 2016)

As muitas curtidas e os comentários dos jovens querendo saber a respeito da marca de uma blusa, o preço de um batom ou se vale a pena realizar aquele tratamento estético, aumentam significativamente a procura pelos produtos e serviços divulgados. E isso faz com que as empresas apostem nos influenciadores digitais como canais de propaganda. Assim, as empresas acabam usando essas pessoas que exercem influência sobre os jovens para “aproveitar a capacidade que elas têm para apresentar as novidades da moda na linguagem cotidiana das clientes, de um modo que pareça espontâneo e desinteressado”. (SIBILIA, 2016, p. 37)

Deste modo, percebe-se que há uma parcela considerável de pessoas que se tornaram famosas por exibirem nas redes sociais digitais dicas de mercadorias, hábitos e comportamentos e que obtiveram sucesso na forma como se apropriaram dos meios interativos de comunicação digital. Assim, Sibilia (2016, p. 47) destaca que os influenciadores digitais exercem sobre os jovens “um novo regime de poder: aquele que converteu *você*, *eu* e todos *nós* nas personalidades do momento”. Dessa maneira, a autora também destaca que

Ao longo das últimas duas décadas, a rede mundial de computadores tem dado à luz um amplo leque de práticas que poderíamos denominar “confessionais”, pois permitem a qualquer um dar um testemunho público e cotidiano de quem se é. (SIBILIA, 2016, p. 52)

Com isso, as formas de interação humana passam a ser, além de presenciais, também virtuais, tendo suas práticas definidas através das identidades reveladas e da percepção do comportamento do outro dentro de uma rede social digital. (RECUERO, 2014)

Nas entrevistas realizadas com os estudantes de Vitória-ES, foi observado que a maioria dos interlocutores se preocupam com a forma de como seus posts são interpretados nas redes sociais digitais. Eles evitam colocar mensagens racistas e preconceituosas, participar de debates políticos e de fazer críticas relacionadas a acontecimentos sociais.

A preocupação com a imagem colocada nas redes sociais digitais através de fotos foi um dos temas abordados nas perguntas da entrevista. Paulo diz que *“todo mundo se preocupa. Ninguém quer... tipo, né, não é que cuida da imagem pra deixar ela melhorada... Mas tipo,... Ninguém tenta, tipo... Vai tirar uma foto feia e vai... e vai postar.”*, demonstrando deste modo ter consciência de que a sua exposição na rede tem efeitos.

Seus relatos apontaram ainda para a sua preocupação com a qualidade da imagem que transmitem e que pretendem que seja positiva: *“Se for... se o que eu tiver postando na rede social for... mostrar pros outros que eu tenho algum tipo de preconceito com alguma coisa eu não posto.”* (PEDRO).

Perguntado sobre como eles gostariam que fossem vistos pelos outros, a maioria deles responderam que gostariam de ser vistos como eles realmente são : *“De maneira... como que eu posso dizer... Acho que do jeito que eu mesma sou né. Porque eu quero transmitir uma coisa que eu sou mesma”* (CARLA). A autenticidade, portanto, ou a sinceridade quanto ao modo de apresentar-se publicamente na rede, é também valorizada como um comportamento positivo.

Também é importante “ser legal” e, de acordo com isso, “ser legal” corresponde a um modelo de comportamento efetivado entre os meus interlocutores de pesquisa, refletindo certos parâmetros dados. Quando questionados quanto ao modo como não gostariam de ser vistos, são essas as referências acionadas:

Como... aquelas pessoas que gostam de publicar textões, de encher o saco. É mimimi, assim, esse mimimi que o pessoal diz hoje em dia, né? Que publica muitos textões, publica coisas desnecessárias, muita politicagem ali, que, hoje em dia os jovens não gostam muito disso, entendeu? Às vezes fica chato, então...(MARIA)

Eles também não gostariam de ser reconhecidos como pessoas chatas ou preconceituosas. Ser visto como intolerante ou fanático é outra imagem evitada: *“uma pessoa preconceituosa, desse tipo. Que escolhe um lado político e... e... só luta por ele, não muda de ideia.”* (PEDRO)

Também foi perguntado aos jovens entrevistados como eles acham que as suas opiniões são interpretadas pelos outros nas redes sociais digitais. Foi possível observar como esse contexto é compreendido por esses jovens, destacadas as especificidades das formas de interação disponíveis e as competências necessárias para um bom agir em público:

Na internet, tem essa questão do, dependendo do que você fala a pessoa te interpreta errado, porque ela não tá vendo como você tá falando, ou sua afeição, aí muitas vezes uma amiga minha pensa que eu tô sendo grossa, ou alguma coisa... mas na maior parte do tempo é normal. (CAROLINA)

Quando perguntado quem compõe a sua rede social digital, uma grande maioria respondeu que as suas redes sociais digitais são compostas por amigos, pessoas conhecidas e familiares. A exemplo disso, temos a fala da estudante Brunela que diz que a sua rede social é composta por *“Minha família e os meus amigos..”*

Outra pergunta que também foi feita aos jovens entrevistados foi o que os motiva a adicionar as pessoas nas suas redes sociais digitais. Percebeu-se, no entanto, que a afinidade e a opinião deles sobre as outras pessoas os influenciam na hora de aceitar um convite de amizade:

Ahmm, gostos são iguais, se a gente gosta das mesmas pessoas, se as pessoas... Eu nunca adicionei uma pessoa, ahh... essa pessoa... Eu nunca adicionei uma pessoa porque eu achei a pessoa bonita. Eu adicionava porque eu gostava dessa pessoa. (PAULO)

Em contrapartida, a estudante Ana diz que é motivada a adicionar as pessoas nas suas redes sociais logo após conhecê-las pessoalmente: *“São pessoas que eu conheço. Se eu já vi em algum lugar eu adiciono.”* Já para a estudante Brunela, a motivação ao adicionar uma pessoa se dá com o objetivo de saber mais da vida do outro: *“Ah... pra ver a opinião delas sobre certas coisas, pra ver as fotos...”*

Todos os jovens entrevistados disseram se limitar a inserir poucos dados pessoais nas suas redes sociais digitais, colocando somente o nome, a idade, a data de aniversário e o nome da cidade onde moram e evitando fornecer informações que julgam colocar sua integridade em risco. “*Se for nome e idade tudo bem. Agora... endereço eu deixo sigiloso.*” (JOÃO)

3. Os jovens e as novas tecnologias

O jovem contemporâneo, nascido no final do século XX e início do século XXI, usuário massivo das novas tecnologias da informação e seus pais e professores são os atores principais deste capítulo, que trata da interação nas relações sociais perante o comportamento entre as diferentes gerações marcadas pelo desenvolvimento da tecnologia na sociedade moderna. Morin (1984) apud Setton (2010) identifica o indivíduo moderno como

aquele que constrói sua identidade na relação que estabelece com seu próximo, um indivíduo que tem o gosto pelo jogo e divertimento, dotado de uma razão perceptiva e de inteligência, hábil com a compreensão dos símbolos. (SETTON, 2010, p. 57)

Deste modo, os jovens das novas gerações passaram a se apropriar das novas tecnologias do mundo digital desde muito cedo em suas vidas. A capacidade desses jovens de agregar conhecimentos, como a linguagem dos computadores e dos jogos eletrônicos, se desenvolveu juntamente com uma agilidade mental para utilizar, ao mesmo tempo, o telefone celular, assistir um filme na televisão e a conversar com amigos no computador através das redes sociais digitais. (SETTON, 2010)

No entanto, o jovem contemporâneo passa a ser reconhecido como “um sujeito criativo em potencial” (SETTON, 2010, p. 110), pois as novas tecnologias possuem um poder enorme na formação e na reconstrução de suas experiências identitárias. Com isso, as novas tecnologias propiciam a elaboração de espaços legitimados de criação de sentidos e de uma cultura juvenil. (SETTON, 2010)

De fato, os jovens de hoje entendem as novas tecnologias como partes integrantes de suas vidas, o que espanta os mais velhos, diante de tamanha capacidade para desenvolver várias atividades ao mesmo tempo e pelo modo como eles manuseiam os aparatos tecnológicos, com tanta facilidade. Assim, mediante esse estranhamento entre gerações, Prensky (2001) denomina os jovens do século XXI como Nativos Digitais e os seus antecessores – pais e professores – como Imigrantes Digitais.

Os Nativos digitais são aqueles que nasceram no meio dessa grande revolução tecnológica e desde cedo tiveram contato com as novas tecnologias, sendo estimulados pelas mesmas a pensar e a agir de forma diferente dos demais, assimilando naturalmente o mundo digital e virtual em suas vidas. Já os Imigrantes digitais são aqueles que nasceram bem antes do desenvolvimento das novas tecnologias e aprenderam a viver no modo analógico. Eles tiveram acesso ao mundo tecnológico digital bem mais tarde em suas vidas, sendo resistentes ao terem que se adaptar às grandes inovações no seu cotidiano.(PRENSKY, 2010)

Neste sentido, verifica-se que os jovens de hoje, considerados nativos digitais, segundo Prensky (2001), passam grande parte do seu tempo conectados à internet e que os aparatos digitais são os principais meios de suas interações com o outro, propiciando assim novas formas de socialização. Já as gerações anteriores, que tiveram que se adaptar ao mundo tecnológico digital, estabeleceram relações com a tecnologia e perceberam que a sociedade moderna se utiliza cada vez mais dos aparatos tecnológicos como meios propiciadores de novas formas de interação. (PALFREY e GASSER, 2011)

Assim, o jovem contemporâneo, além de interagir constantemente nas redes sociais digitais, atua também nos sites de jogos eletrônicos virtuais. Pois, “assim como nas redes sociais e nos ambientes de jogos, a internet possibilita aos jovens com interesses comuns encontrarem uns aos outros e se conectarem”. (PALFREY e GASSER, 2011, p. 293)

3.1 Os Nativos e os Imigrantes digitais

Os Nativos e os Imigrantes digitais são caracterizados por diferentes concepções e comportamentos relacionados às novas tecnologias digitais. A tecnologia digital se integrou à vida das crianças de modo que, desde o seu nascimento, elas pensam e processam informações diferentemente de como utilizam seus antecessores, que tiveram que se adaptar a um mundo completamente novo e dinâmico. (PRESNKY, 2010)

Analisando o público jovem norteamericano, Prensky (2001) destaca que os Nativos Digitais são todos aqueles que nasceram desde as últimas décadas do século XX, quando as tecnologias digitais, como a internet e todo o seu desenvolvimento digital e virtual, chegaram para fazer parte da vida de muitos estudantes. Assim, o autor destaca que

os estudantes de hoje – desde a pré-escola até a faculdade – são a primeira geração a crescer com essa nova tecnologia digital. Eles passaram a vida inteira cercados de computadores, *videogames*, DVD *players*, câmeras de vídeo, celulares, *sites* de leilões *on-line*, *iPods* e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital, usando todos eles. (PRENSKY, 2010, p. 58)

No caso brasileiro, com relação à visão estadunidense de Prensky (2001) que data o surgimento dos Nativos Digitais nas duas últimas décadas do século XX, Passarelli et al. (2014) afirmam que no Brasil, o reconhecimento da ascensão dos Nativos Digitais tornou-se evidente, sobretudo, a partir dos anos 2000, quando os professores puderam perceber o quão diferente era aquela geração de alunos que passaram a frequentar as escolas. Com isso, Prensky (2010, p. 60) relata que “os estudantes de hoje não são mais as pessoas para as quais nosso sistema educacional foi desenvolvido.”

Prensky (2001) denomina esses jovens como “Nativos Digitais”, pois eles fazem parte da população que cresceu em contato com as novas tecnologias da informação. A grande facilidade com que este jovem tem de manusear aparatos eletrônicos, como controles remotos, máquinas fotográficas e programas de computador, provocou uma grande mudança na forma como os adultos passaram a perceber o comportamento dessas novas gerações. (SETTON, 2010)

Deste modo, contrastando a relação dos jovens Nativos Digitais com os seus antecessores, Prensky (2001) também denominou como “Imigrantes Digitais” os pais e os professores dessa mesma geração, que são aqueles que não nasceram no mundo digital, mas que em alguma época de suas vidas, tiveram que aprender a lidar com as novas tecnologias adotando, obrigatoriamente, e assimilando essas inovações tecnológicas no seu cotidiano. Assim, diante de tamanha inovação, os Imigrantes Digitais tiveram uma certa dificuldade em

lidar com o mundo tecnológico e também compreender essa nova geração. (PRENSKY, 2010)

O choque de culturas entre Nativos e Imigrantes Digitais está visivelmente presente hoje nas nossas vidas através da expressão dos comportamentos, que se mostra por haver habilidades distintas de se fazer uma mesma coisa. E essa facilidade dos nativos digitais em lidar com as novas tecnologias e se utilizar delas para se relacionar com os seus semelhantes é o que mais assusta aos imigrantes digitais. (SOUZA, 2013)

Deste modo, as novas tecnologias da informação proporcionaram uma mudança no comportamento entre os indivíduos, contrastando assim a relação entre jovens e adultos – Nativos e Imigrantes Digitais – perante o uso e as habilidades adquiridas ao lidar com as tecnologias do mundo moderno e globalizado. Ou seja, o uso das novas tecnologias da informação teve seu reflexo na incompatibilidade dos comportamentos adotados pelas diferentes gerações. (SOUZA, 2013)

O novo significado dos estudos sobre juventude emerge ao que parece desse conjunto de transformações. Enquanto o adulto vive ainda sob o impacto de um modelo de sociedade que se decompõe, o jovem já vive em um mundo radicalmente novo, cujas categorias de inteligibilidade ele ajuda a construir. (PERALVA, 1997, p. 23)

Assim, esses jovens demonstram uma facilidade muito grande de se conectar ao mundo digital e fazer desse mundo tecnológico o seu lugar pra viver. Já os seus antecessores não compreendem muito bem esse tipo de comportamento, pois a tecnologia digital passou a modificar os processos na vida dos jovens de hoje, como por exemplo, diferenças cognitivas e nas formas de se relacionar com os outros. (PRENSKY, 2010)

Prensky (2010) destaca que pesquisas sobre neurobiologia afirmaram que existe uma certa plasticidade no cérebro humano, e que devido a isso, ele se reorganiza constantemente sob vários tipos de estímulos. Assim, a antiga ideia de que nossos neurônios se acabariam a medida que fomos envelhecendo estaria errada. De acordo com as novas pesquisas, nossos neurônios são continuamente repostos por outros, infinitamente. E esse processo de

reorganização e reabastecimento contínuo do cérebro é chamado de neuroplasticidade.

Com isso, a neuroplasticidade, interfere no processo cognitivo de pessoas que cresceram em ambientes e culturas diferentes. E isso incide nas diferenças entre Nativos e Imigrantes Digitais, que são pessoas que se desenvolveram através de estímulos culturais totalmente distintos. Mas, ainda que não tenha uma observação complexa dos cérebros dos Nativos Digitais a fim de afirmar que eles são realmente diferentes dos demais, existem fortes evidências de que isso seja verdade. “Ao que parece, muito provavelmente essa habilidade dos cérebros em se reorganizarem afetou profundamente a maneira como os jovens de hoje se comportam e pensam”. (PRENSKY, 2010, p. 66)

E para que haja uma reorganização do cérebro, é necessário que exista, por parte do jovem, um pensamento focado constantemente para remodelar o cérebro humano. Assim, percebe-se que as crianças de hoje em dia estão crescendo e ao mesmo tempo tendo que reprogramar seus cérebros para dar conta da velocidade das informações. Isso caracteriza os jovens de hoje como Nativos Digitais, pois eles são estimulados a terem habilidades diferentes de seus pais ao praticar o raciocínio. (PRENSKY, 2010)

Assim, o que caracteriza a diferença das crianças de hoje e de seus pais e professores, é a combinação e a intensidade emergente das habilidades cognitivas estimuladas durante toda a sua infância. E isso faz com que haja uma diferenciação na forma como o cérebro processa as informações adquiridas entre os Nativos e os Imigrantes Digitais. “Crianças que cresceram com o computador desenvolvem mentes hipertextuais. Elas se transformam. Suas estruturas cognitivas são paralelas, e não sequenciais”. (PRENSKY, 2010, p. 67)

As diferenças são tão nítidas e se manifestam na forma de pensar e agir de jovens e adultos ao introduzirem as novas tecnologias no seu cotidiano. Na visão de Prensky (2010), a grande diferença está na desconexão de formas de pensar e agir, pois os adultos pré-digitais estão tendo que se esforçar para

conviver com os jovens que nasceram na era digital. Assim, para Palfrey e Gasser (2011),

Aqueles que nasceram digitais não se lembram de um mundo em que as cartas eram datilografadas e enviadas, muito menos escritas a mão, ou em que as pessoas se reuniam em bailes formais em vez de no *Facebook*. A face em mutação dos relacionamentos humanos é uma segunda natureza para alguns, e um comportamento aprendido para outros. (PALFREY e GASSER, 2011, p. 13)

Com isso, ao relatar as diferenças de comportamento, Prensky (2001) denomina os jovens como “Nativos Digitais”, pois eles fazem parte da população que “representa as primeiras gerações que cresceram com esta nova tecnologia.” Pois, “os jogos de computadores, e-mail, a Internet, os telefones celulares e as mensagens instantâneas são partes integrais de suas vidas.” (PRENSKY, 2001, p. 1)

Já com relação aos pais e professores dessa geração, Prensky (2001, p. 2) os denomina como “Imigrantes Digitais”, pois eles não nasceram no mundo digital, mas em alguma época de suas vidas, ficaram fascinados com tamanha inovação, adotando muitos ou a maioria deles, aspectos da nova tecnologia em suas vidas, expressando uma certa dificuldade em lidar com o mundo tecnológico.

Ao contrário de muitos Imigrantes Digitais, os Nativos Digitais passam grande parte da vida online, sem distinguir entre o online e o offline. Em vez de pensarem na sua identidade digital e em sua identidade no espaço real como coisas separadas, eles têm apenas uma identidade (com representações em dois, três ou mais espaços diferentes). (PALFREY e GASSER, 2011, p. 14)

Partindo do princípio que os Nativos Digitais construíram as suas identidades em um modo conectado por computador através da internet, mesmo que exercitem modos de ser e agir simultâneos, *on* e *off-line*, estas construções identitárias estão ligadas umas às outras, se constituindo mutuamente. Com isso, “os Nativos Digitais estabelecem e comunicam suas identidades simultaneamente no mundo físico e no mundo digital, e suas representações múltiplas informam sua identidade total”. (PALFREY e GASSER, 2011, p. 30)

Na verdade, a natureza da identidade dos Nativos e dos Imigrantes Digitais, que estão conectados à internet, está mudando. Pois cada vez mais a identidade de cada um é compreendida pela forma como eles se apresentam tanto no ambiente real quanto no que dizem sobre si mesmos no ambiente virtual. (PALFREY e GASSER, 2011)

Já, com relação às diferenças etárias, percebe-se que há uma grande divergência entre pais e filhos e também entre professores e alunos com relação às experiências vividas no passado e a forma com que ambos se comportam diante das novas tecnologias. Dessa forma, Prensky (2010), destaca que

o ambiente e a cultura em que as pessoas são criadas afetam e até mesmo determinam muitos de seus processos de pensamento. A razão é o que acabamos de ver: cérebros submetidos a diferentes experiências de desenvolvimento se desenvolvem de maneira diferente. (PRENSKY, 2010, p. 66)

Deste modo, os aspectos culturais e o ambiente em que o indivíduo vive também influenciam nas habilidades do pensamento a partir da capacidade do cérebro em se reorganizar para pensar, afetando a maneira como os indivíduos se comportam e pensam. Um fator preocupante nisso tudo é que os jovens da era digital estão perdendo o poder de reflexão devido ao fato de terem que pensar muito rapidamente. (PALFREY e GASSER, 2011)

De certo, as relações sociais foram afetadas pela comodidade da tecnologia, transformando a maneira como os Nativos e Imigrantes Digitais se comunicam e realizam suas tarefas, causando diferenças na forma como as gerações lidam com as situações do dia a dia. Assim, os Nativos possuem uma agilidade maior ao se apropriar às novas tecnologias, basicamente por pensarem de forma mais lógica. (PRENSKY, 2010)

A exemplo disso, temos o abandono do papel e da caneta por parte dos Nativos Digitais, pois eles rapidamente assimilaram que estes objetos não são mais necessários, já que passou a existir o *e-mail* e outras formas de anotação no computador, com excessão de quando eles são obrigados a usá-los pelos pais ou professores. Já os Imigrantes Digitais ainda não conseguiram se

desprender do uso do papel e da caneta, questionando-se a todo momento sobre se o *e-mail* é mais importante do que a carta. (PRENSKY, 2010)

Com isso, a Internet mudou a maneira como os Nativos Digitais passaram a aprender e a conhecer o mundo. A relação com o saber a partir das novas tecnologias passou a ser rápida e dinâmica. (SETTON, 2010). E isso provoca um grande choque com relação à percepção que os Imigrantes Digitais têm quanto ao ato de aprender:

Aprender é muito diferente para os jovens de hoje do que era 30 anos atrás. A *internet* está mudando a maneira com que as crianças coletam e processam informações em todos os aspectos de suas vidas. Para os Nativos Digitais, “pesquisa”, muito provavelmente, significa uma busca no *Google* mais do que uma ida até uma biblioteca. [...] Eles raramente, se é que alguma vez, compram o jornal em papel; em vez disso, surfam por enormes quantidades de notícias e outras informações *online*. (PALFREY e GASSER, 2011, p. 269)

Desse modo, há um estranhamento muito grande na observação dos nativos digitais pelos imigrantes digitais. De fato, Prensky (2001) faz uma análise da observação de pais e professores imigrantes dizendo que “os Imigrantes Digitais não acreditam que os seus alunos podem aprender com êxito enquanto assistem à TV ou escutam música, porque eles (os Imigrantes) não podem.” (PRENSKY, 2001, p. 3) Ou seja, não se acredita na condição do aprender brincando, para eles a aprendizagem é algo sério e que exige muita prática.

Esse choque de culturas entre Nativos e Imigrantes Digitais está visivelmente presente hoje nas nossas vidas através da expressão dos comportamentos, que se exemplifica por haver habilidades distintas de se fazer uma mesma coisa. Desse modo, Prensky (2010) coloca o tipo de comportamento dos Nativos Digitais em confronto com o que pensam os Imigrantes Digitais, quando diz que os jovens Nativos

estão acostumados ao imediatismo das mensagens instantâneas e baixar músicas; têm celulares com câmera em seus bolsos, uma biblioteca em seus *laptops*, mensagens e gratificações imediatas em constante transmissão. (PRENSKY, 2010, p. 61)

Essa facilidade em lidar com as novas tecnologias é o que mais assusta os Imigrantes Digitais, pois os Nativos Digitais estão acostumados a estar sempre

em contato com o mundo digital, já que nasceram e estiveram por toda a vida conectados a uma rede de contatos virtual.

Dessa maneira, de acordo com Palfrey e Gasser (2011, p. 14), os Nativos Digitais “são completamente naturais na maneira de levar a vida, tanto nos espaços *online* quanto nos espaços *offline*.” E isso incide no que Passarelli et al. (2014, p. 162) apontam ao dizer que “se para os nativos digitais a apropriação de novas mídias se dá de maneira natural e fluida, as gerações mais velhas passam por um processo de aprendizagem de uma nova linguagem.” Daí advém a incompreensão dos Imigrantes Digitais ao tentar entender o comportamento dos jovens Nativos Digitais.

Assim, a questão da identidade social dos jovens é colocada a prova pelo fato de eles estarem inseridos num mundo virtual tecnológico onde é possível expor opiniões e relatar experiências vividas dentro da rede, afetando assim o seu comportamento e conseqüentemente a formação da sua identidade. Com isso, Palfrey e Gasser (2011) destacam que

Na era digital, sua identidade social (dos jovens) pode ser descrita pelas pessoas com as quais ela se associa de maneiras que são visíveis para os espectadores a qualquer momento, através de conexões em redes sociais como o *MySpace*, *Facebook*, entre outros, ou ainda através de links em seu *blog* para os *blogs* de outros. Além disso, as ações de seus amigos, e suas reputações mutantes, podem afetar sua identidade e sua reputação de tal forma que terceiros podem observá-las. (PALFREY e GASSER, 2011, p. 29)

De acordo com as entrevistas realizadas com os jovens de Vitória-ES, a forma como eles se identificam nas redes sociais digitais é sincera, por mais que supervalorizados aspectos positivos, em detrimento dos negativos: “*eu sou o chatinho que posta foto de flora, eu gosto de foto de paisagem... [...] Mas eu quero passar uma imagem boa, que eu não sou uma pessoa ruim.*” (PAULO).

Verificou-se que os jovens entrevistados têm muitos cuidados ao informarem seus dados, pois todos eles só colocam, além de seus nomes verdadeiros, suas idades e suas datas de aniversário. E isso foi percebido na fala do Luiz quando ele diz: “*Não boto meu endereço, essas coisas assim não, nem meu telefone. Só... coisas básicas.*”

Quanto às informações pessoais, todos disseram que não informam seus dados pessoais, como telefone e endereço, e que as poucas informações que são colocadas não se encontram de forma pública, somente para os amigos. A exemplo disso temos a fala da Ana que diz deixar que visualizem as suas informações pessoais somente para *“Meus amigos, assim, o público no perfil não.”*

Os jovens entrevistados, em geral, autorizam que todos vejam suas postagens e compartilhamentos, sem restrição de ninguém. Isso foi constatado na fala do Pedro quando diz que as suas postagens estão disponíveis *“Pra todo mundo que me segue.”*

Dentre os assuntos que eles mais curtem, estão os “memes”, que são caracterizados como os jargões do mundo digital, ou seja, são brincadeiras, frases, expressões ou pequenos vídeos que surgem na internet e se espalham de maneira muito rápida e fácil nas redes sociais digitais, ganhando vida repetindo-se incansavelmente dentro dos perfis sociais digitais. (OLHAR DIGITAL, 2011)

E com relação à postagem de fotos, alguns evitam e não gostam de postar fotos suas, como o Bruno que diz que *“Nunca na minha vida inteira.”* Já outros só postam quando estão com os amigos em algum evento, como o Luiz que diz que costuma postar fotos *“Só quando eu sou marcado com meus amigos, quando eu tô com eles. Mas eu sozinho, não.”*

Alguns deles não se sentem à vontade para colocar fotos quando estão desarrumados ou com roupas de banho, como por exemplo a fala da Maria que diz que *“Foto de biquini, eu já postei uma, mas não de corpo todo. Depende de como você está também, né... Eu acho que dependendo do lugar que você posta, dependendo da legenda que você vai por na foto...”*

Foi percebido também nas entrevistas com os jovens que, para aqueles que não têm nenhum problema de postar fotos, as fotos que são postadas são sempre quando eles estão em ambientes de festa e bem vestidos, ou seja, é

importante demonstrar uma boa aparência nas redes sociais. É o caso da fala do Paulo que diz que

Eu tiro muita foto, foto de coisa. Selfie eu posto, eu só posto selfie porque eu sei que eu que tem que tirar, pelo menos, mudar a foto de perfil a cada um tempo. Porque senão eu deixo ela pra sempre. Eu tô com uma desde o começo do ano, já faz uns 4, 5 meses, tipo... meu cabelo já mudou, eu já sou outra pessoa. Tipo, meu cabelo tava cortado pra cima, tava diferente... Então, tipo, eu acho que mudar a cara uns meses eu troco. (PAULO)

E, quando perguntado aos jovens sobre os que eles gostam de ver nas publicações dos outros, uma grande maioria diz que gosta de ver memes, fotos de viagens, vídeos e coisas engraçadas. A exemplo, temos a fala da Carla que diz que gosta de ver foto de “*Vídeo engraçado, lugares onde as pessoas passam pra viajar e memes.*”

3.2 As diferenças de comportamentos entre Nativos e Imigrantes Digitais

As diferenças entre nativos e imigrantes digitais são sentidas a partir de comparações feitas através de diferentes comportamentos tomados por eles. Souza (2013) diferencia esses comportamentos analisando as atitudes realizadas por ambos:

- Enquanto os Nativos nasceram num período digital, utilizando a tecnologia eletrônica, os Imigrantes cresceram no período analógico usando a tecnologia eletro-mecânica;
- Os Nativos utilizam-se de ferramentas on-line para se informar e buscar as informações, já os Imigrantes tem a preferência por papel, livros e jornais impressos;
- Os Nativos confiam no armazenamento de documentos on-line (arquivos com textos, músicas e vídeos salvos em computadores ou em nuvem), já os Imigrantes possuem a necessidade de guardar documentos físicos (pastas de documentos em papel e colecionam CD's e DVD's);

- Os Nativos realizam atividades simultâneas (assistem TV, falam ao telefone, estudam, trabalham e interagem com outros amigos no computador), já os Imigrantes concretizam uma atividade por vez;
- Os Nativos foram acostumados ao imediatismo das mensagens instantâneas e a aprender pela dinâmica da lógica, eles têm pouca paciência para aulas expositivas, instruções passo a passo e para o sistema de ensino “aula e prova”. Já os Imigrantes entendem que para qualquer tipo de aprendizado é preciso seriedade ao ler/ouvir, assimilar e exercitar para depois ser avaliado, não acreditando que a aprendizagem possa ser divertida.
- Os Nativos se utilizam de ferramentas para conhecer pessoas e se relacionar entre si através da internet, já os Imigrantes desconfiam das relações on-line e dão importância aos encontros presenciais;
- Os Nativos corriqueiramente trabalham à distância (*home office*), estudam e realizam reuniões on-line, e até mesmo dão palestras em vídeo-conferências, já os Imigrantes se deslocam para o local de estudo e/ou trabalho, realizam reuniões e frequentam palestras presencialmente.
- Os Nativos realizam compras virtuais com cartão de crédito normalmente, já os Imigrantes possuem um certo receio ao fazê-lo, e quando o fazem, preferem gerar um boleto e realizar um pagamento bancário ao invés de usar o cartão de crédito.

Em suma, de acordo com Prensky (2010, p. 87), percebe-se que, para os Nativos Digitais, “as normas e os comportamentos estão mudando com mais velocidade do que no passado” pois, as tecnologias estão se modificando rapidamente e eles demonstram estar preparados para acompanhar essas mudanças. Já para os Imigrantes Digitais, “valerá a pena imitar e adotar imediatamente algumas dessas novas normas e comportamentos”. (PRENSKY, 2010, p. 87)

O simples fato de os Nativos Digitais não aprenderem as coisas da mesma maneira que seus pais aprenderam não significa que eles não estejam aprendendo. Considere a maneira em que os Nativos Digitais

se informam sobre os eventos nos noticiários. Muitas pessoas mais velhas acham que, pelo fato de os Nativos Digitais não estarem lendo jornais e revistas, mas, em vez disso, absorvendo as notícias o dia todo em vários *websites* (e através de programas humorísticos ou outras fontes não convencionais), seu entendimento dos eventos atuais seja superficial e limitado às manchetes. (PALFREY e GASSER, 2011, p. 270)

Com isso, pode-se afirmar que as novas tecnologias da informação proporcionaram aos Nativos Digitais o acesso a um número muito maior de informações do que tiveram seus antecessores. E, de acordo com o comportamento dos Nativos Digitais, isso se torna real através da quantidade de buscas realizadas na internet, a partir de resultados imediatos, que fazem com que esses jovens tenham o acesso a várias notícias ao mesmo tempo, interagindo com as informações de maneira construtiva. (PALFREY e GASSER, 2011)

Portanto, as diferenças entre Nativos e Imigrantes Digitais são tão discrepantes que a tecnologia aos poucos está se encarregando de aproximá-los ao mundo tecnológico em que vivemos. Com isso, os Imigrantes Digitais acabam sendo vencidos pelas inovações do mundo moderno que tanto dominam os processos cognitivos dos Nativos digitais. Ou seja, “adultos Imigrantes inteligentes aceitam a ideia de que não sabem tanto a respeito desse novo mundo e aproveitam a ajuda de seus filhos para aprender e integrar-se”. (PRENSKY, 2010, p. 61)

3.3 Os nativos digitais e sua relação com os jogos on-line

A vida moderna pode ser caracterizada pela inserção das tecnologias digitais como a internet em nosso cotidiano, bem como todo o desenvolvimento digital e virtual que dá origem a estas tecnologias. Porém, “antes da disseminação dos jogos eletrônicos pela internet, o jovem sempre demonstrou interesse por jogos, de um modo geral, seja pelo simples entretenimento ou por competitividade”. (SOUZA et al., 2015, p. 47)

Como os Nativos digitais estão acostumados com a rapidez e a simultaneidade da difusão de informações propiciadas pela internet, eles passaram a conduzir

um mercado para os jogos digitais a partir de suas práticas cada vez mais intensas nesse ramo. (SETTON, 2010; PALFREY e GASSER, 2011)

Assim, os jogos eletrônicos passaram a fazer parte das atividades de lazer de muitos jovens na sociedade atual. De acordo com Prensky (2010, p. 82), “os *games* são hoje jogados por jovens de todas as idades e grupos sociais”. Mediante isso, percebe-se que há um grande número de jovens que se utilizam da internet para interagir com os amigos através dos jogos virtuais.

Como brincar, os jogos virtuais surgem nos moldes da nossa cultura como sinônimo de prazer, de atualidade, e de inclusão social. O jogo, em sua essência, conduz o jogador a uma realidade paralela à sua, ou uma segunda realidade onde ocupa uma postura de fantasia lúdica. (CAVALLI et al., 2013, p. 156)

Assim, relacionados às práticas do lazer, os jogos virtuais de hoje contribuem para o desenvolvimento social, cognitivo e afetivo dos jovens, além de atuarem nos processos educacionais, de treinamento de profissionais e como meio de divulgação de marcas. Eles também são considerados como elementos de uma cultura interativa que provocam no jogador a construção de hipóteses, a resolução de problemas, o desenvolvimento de estratégias, o ensinamento de regras e a simulação do real, deixando de ser apenas uma brincadeira de criança. (SOUZA et al., 2015)

Porém, Cavalli et al. (2013) destaca que os jogos virtuais também possuem características negativas, que preocupam por haverem neles questões distorcidas de gênero, por incentivarem o sedentarismo, à agressividade e à violência, causando vícios e dependências psicológicas. É necessário então, que se tenha uma orientação maior e uma vigilância por parte dos pais sobre a forma como os jovens introduzem e trazem os jogos virtuais para suas práticas cotidianas. Pois, de acordo com a autora,

O jogo dá ao jogador a possibilidade de construir representações do cotidiano ou da fantasia em um mundo virtual em que se podem expressar desejos internos desenvolvendo realidades subjetivas que o influenciam fazendo que sua relação com o outro e com as regras morais sejam flexibilizadas. (CAVALLI et al., 2013, p. 158)

Mas, com a tendência de crescimento da indústria de jogos virtuais *online* atuante hoje na cultura global emergente, os jovens Nativos Digitais de todo o mundo estão conectados por intermédio dos jogos digitais e de ferramentas de interatividade presentes dentro dos jogos, atuando com certa frequência, para competirem entre si à distância, principalmente pelos aplicativos de seus *smartphones*. (PALFREY e GASSER, 2011)

Flanagan (2009) apud Mello (2016, p. 17), “aponta que certas pessoas, ao jogarem juntas, formam comunidades e desenvolvem uma identidade de grupo com grande senso de pertencimento”. Assim, o ato de jogar se caracteriza como uma ferramenta de autoconhecimento e reflexão do eu. (MELLO, 2016)

De acordo com Mello (2016, p. 67), “os games são produtos simbólicos e culturais que geram experiências sociais carregadas de sentidos para seus usuários”. Deste modo, os jogos assumem um papel social importante ao promoverem uma participação coletiva entre os jogadores. (MELLO, 2016)

Atualmente, a maioria dos jovens utiliza os seus *smartphones* como plataforma para jogar, pois são tecnologias mais acessíveis e fáceis de manusear no dia a dia. Souza et al. (2015) destacam que os jogos digitais estimulam inúmeras habilidades nos jovens de hoje, como agilidade, criatividade, raciocínio lógico, memória, concentração, pensamento estratégico, entre outras, mesmo para os jogos caracterizados pela crítica como violentos.

Nas entrevistas realizadas com os estudantes de Vitória-ES, foi identificado que uma boa parte desses jovens faz uso de jogos virtuais como diversão. Com relação à pergunta sobre a participação deles em grupos de redes sociais digitais, o Luiz diz que participa de “*Grupos de jogos que meus amigos criam.*” E, quando perguntado sobre a quais os aplicativos eles estão conectados nas redes sociais digitais, o Bruno diz que está conectado a “*alguns jogos meio aleatórios assim... e... também eu uso frequentemente o Youtube.*” Já o João se diz interessado em outros aplicativos além do Facebook e do WhatsApp, como por exemplo aplicativos que “*São mais de jogo, LoL, Steam*”.

Os jogos digitais são classificados por temas como: ação, estratégia, luta, tiro, RPG (Role-playing game, é um jogo no qual demanda alcançar níveis para melhorar a sua habilidade), simuladores, de plataformas e Puzzle (quebra-cabeça). (CAVALLI et al., 2013)

Deste modo, observa-se que os jovens de hoje se articulam dentro dos jogos de forma interativa, através de aplicações de comunicação que usam áudio e vídeo, bate-papo e ranking, que propiciam estas ações interativas dos jogadores dentro do ambiente virtual. Com isso, “um game existe em função de *players*, que se organizam em comunidades cercadas de tecnologia, mídia, comunicação e consumo”. (MELLO, 2016, p. 16)

Assim, a importância dos jogos digitais se torna cultural e econômica, pois a sua adesão cresce consideravelmente na mesma proporção que o seu público aumenta e se diversifica devido a competitividade provocada, e ao contato direto entre os *players*. Portanto, os jogos digitais acabaram se tornando importantes meios de comunicação, no qual realizam a interação entre os jogadores sociabilizando-os mediante a cultura contemporânea. (REGIS (2014) apud MELLO (2016))

Portanto, o interesse dos jovens pelos jogos virtuais passa a ser cada dia maior, pois eles exigem, de forma lúdica e prática, que o jogador aprenda a pensar, articular e tomar decisões rapidamente, sendo que todas essas capacidades já são exigidas pelo mundo moderno contemporâneo. Deste modo, o que se percebe é que o mundo de hoje solicita que as pessoas saibam aprender técnicas e coisas novas bem e rapidamente, e que saibam também colaborar com diferentes pessoas e pensar de forma estratégica, linear e logicamente. (PRENSKY, 2010)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os grandes avanços tecnológicos que surgiram desde o final do século XX transformaram a ação dos indivíduos diante das pessoas e provocaram uma grande mudança na forma como a sociedade passou a interagir. Com isso, a criação e o desenvolvimento da internet permitiu que as informações fossem transmitidas mais rapidamente, aproximando ainda mais as relações entre pessoas de diferentes países e culturas. (CASTELLS, 2011)

As redes sociais digitais surgiram como uma nova forma de interação social e fizeram com que as pessoas, principalmente os jovens, se apropriassem delas a fim de se comunicar entre eles e criar um novo ambiente de socialização. Deste modo, as redes sociais digitais promovem práticas inovadoras que dão novos significados ao uso da conversação, que passa a ser virtual e adaptada a partir de textos, dando novos sentidos à dinâmica da troca de informações entre as pessoas. (RECUERO, 2014)

O público jovem, receptivo às novas tecnologias, se adaptou rapidamente aos novos modos de interação e passou a usá-los no seu dia a dia a fim de conferir novas possibilidades de convivência, assim como toda e qualquer forma de aplicação tecnológica nos processos que são usados para melhor desenvolver as necessidades dos indivíduos na sociedade contemporânea. Esses jovens foram caracterizados por Prensky (2001) como Nativos Digitais, pois desde crianças conheceram as novas tecnologias da informação e passaram a pensar e agir de acordo com o novo pensamento tecnológico.

Já o público adulto sentiu a chegada das novas tecnologias com uma certa desconfiança e por isso teve dificuldades ao atribuir o sentido da eficácia que as inovações tecnológicas impactaram na vida de todos. Porém, eles tiveram que se adaptar, já que os processos do dia a dia foram submetidos pela ação da tecnologia. Prensky (2001) os denominou como Imigrantes Digitais, pois eles não nasceram no mundo digital e tiveram que entender e se ajustar ao novo ambiente tecnológico, mas que ainda mantêm características que remetem ao seu passado, assim como todo imigrante.

No entanto, tratar dos processos de socialização entre jovens Nativos Digitais mediante o uso que eles fazem das redes sociais digitais no seu cotidiano e procurar entender o significado que essas redes de relacionamento conferem ao seu comportamento foram os propósitos desta pesquisa, que teve como foco estudar a atuação nas redes sociais digitais dos jovens estudantes do Ensino Médio das escolas públicas e privadas na cidade de Vitória-ES.

Deste modo, realizaram-se 12 entrevistas com jovens estudantes da cidade de Vitória-ES a fim de conhecer os comportamentos assumidos por eles em suas redes sociais digitais. Assim, verificou-se que os jovens analisados usam mais os seus *smartphones* do que o computador para acessar essas redes sociais, as quais são utilizadas como meios de interação para conversar, trocar informações, marcar encontros presenciais e jogar. Todavia, eles relatam ter aprendido, com a experiência, a não informar seus dados pessoais e nem descrever a sua rotina diária, também não fazem *check-in* nos lugares que frequentam e não gostam de participar de discussões polêmicas. Esse comportamento possibilita a reflexão sobre o reconhecimento de suas identidades e sobre a forma como gostariam de ser vistos.

As entrevistas revelaram também que estes jovens, além de utilizarem seus *smartphones* para ouvir música, estão cada vez mais interessados naquelas redes sociais digitais que permitem que eles participem de jogos virtuais *on-line* como forma de interação nos momentos de lazer. Observou-se também que eles gostam de ver memes e coisas engraçadas nas postagens dos amigos, além de vídeos interessantes e fotos de paisagens, destacando o caráter lúdico que as redes assumem em suas práticas cotidianas.

Foi percebido nas entrevistas que a rede social *Facebook* já não é mais utilizada por eles com tanta frequência e alguns jovens entrevistados relataram que nunca estiveram conectados a esta rede social digital. Já as redes sociais como o *Instagram* e o *Twitter* são utilizadas por todos os jovens entrevistados, pois estas redes sociais digitais permitem o acesso às informações mais diretamente, através de fotos e mensagens curtas. Esse fato demonstra que os jovens entrevistados preferem as formas mais rápidas de interação nas redes

sociais digitais, e que o excesso de informações já não é mais o que se espera ver nos perfis dos seus amigos.

Os dados obtidos derrubaram a hipótese de que as redes sociais serviam aos jovens analisados como ferramenta para a exibição do eu, assim como sugerido por Sibilia (2016). Ao contrário do que fora sugerido pela autora, eles declaram não utilizar suas redes para a postagem de fotos pessoais e selfies em suas publicações. Deste modo, foi percebido através de suas falas que, além deles se envergonharem de suas fotos postadas no passado, eles só colocam fotos nos seus perfis para serem identificados pelos outros, sempre preocupados com o modo como suas imagens são apresentadas.

Uma netnografia de seus perfis nas redes sociais utilizadas seria necessária para contrapor possíveis incoerências entre o que dizem que fazem, e pudemos captar nas entrevistas, e o que realmente fazem em suas redes sociais. Mas os dados obtidos sugerem, ao menos, que os comportamentos demonstrados não são percebidos como modalidades de auto exibição e que esta não é valorizada como uma função central das formas de interação mediadas pelo computador.

Outro ponto que foi observado e que causou surpresa quanto aos relatos dos jovens entrevistados é o crescimento pelo interesse na participação dos jogos digitais *on-line*, no qual eles se reúnem em grupos de amigos para jogar virtualmente em plataformas interativas. Essas plataformas possuem ferramentas com as mesmas características de interatividade das redes sociais digitais, permitindo conversas, formação de grupos, trocas de arquivos, visualização de vídeos, entre outros.

Finalmente, os relatos obtidos não apresentaram diferenciações entre estudantes de escolas públicas ou privadas, moradores de bairros nobres ou socioeconomicamente vulneráveis da cidade de Vitória-ES. Todos os jovens entrevistados dispõem do acesso à internet *wi-fi* em suas casas e possuem *smartphones* para se comunicar, porém o uso da tecnologia 4G nos aparelhos móveis não foi evidenciado por alguns estudantes da rede pública de ensino

por se tratar de um serviço com um preço mais elevado. Trata-se de moradores de uma capital do Estado, com acesso ao Ensino Médio e habitantes de uma área metropolitana, o que certamente incide sobre os seus acessos à informação e tecnologia. Ainda assim, foi possível observar que não apresentam variações significativas em termos das suas práticas ou mesmo dos sentidos conferidos a elas.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo M. (Org). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRANTES, Pedro. **Identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade**. In: Revista Sociologia, Problemas e Práticas, nº 41, 2003. p. 93-115. Disponível em: <<http://sociologiapp.iscte-iul.pt/pdfs/41/454.pdf>.> Acesso em: jul. 2016.

AGENCIA BRASIL - EBC. **Celular é principal meio de acesso à internet no Brasil, mostra IBGE**. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2016-04/celular-e-principal-meio-de-acesso-internet-na-maioria-dos-lares>.> Acesso em: ago. 2016.

ARAUJO, Julia R.; SILVEIRA NETO, Raul da M. **Efeito-vizinhança e o desempenho escolar: o caso dos estudantes da rede pública de ensino do Recife**. ANPEC, 2016. Disponível em: <https://www.anpec.org.br/encontro/2016/submissao/files_l/i104b62024ce3f9b59e5aff5fca7f96e677.pdf.> Acesso em: jun. 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A juventude é apenas uma palavra**. In: Questões de Sociologia. Lisboa: Fim de século, 2003.

BRANDÃO, Ana Paula Daudt de Lima. **Facebook como palco**: Goffman e a apresentação do self em redes sociais. X POSCOM (Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2013. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/2465310-Facebook-como-palco-goffman-e-a-apresentacao-do-self-em-redes-sociais-1.html>.> Acesso em ago. 2016.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. 4ª Ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.

BERARDI, Franco. **A fábrica da infelicidade**: trabalho cognitivo e crise da *new economy*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

BLANC, Manuela Vieira. **O desafio de vir a ser: jovens universitários, moradias coletivas e identidades**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo M. (Org). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 175-214.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutemberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

BURKE, Peter. **Problemas causados por Gutemberg**: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. Tradução de Almiro Piseta do original *Coping with Gutenberg: the information explosion in early modern Europe*. In: Revista Estudos Avançados, Vol. 16, n. 44, Jan, 2002, p. 173-185. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v16n44/v16n44a10.pdf>> Acesso em: fev. 2017.

CAMPOS et al. **Aliança, reciprocidade e cooperação estratégica**: análise da rede virtual LinkedIn®. Revista Foco. v. 9, n. 2, p. 156-175, ago./dez. 2016. Disponível em: <<http://revistafocoadm.org/index.php/foco/article/view/304/182>> Acesso em: mai. 2017.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

CASTRO, Jorge Abrahão; AQUINO, Luseni Maria C. de; ANDRADE, Carla Coelho. **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=564> Acesso em: dez. 2016.

CAVALLI et. al. **Influência dos jogos eletrônicos e virtuais no comportamento social dos adolescentes**. Revista Psicologia Argumento. Curitiba, v. 31, n. 72, p. 155-163, jan./mar. 2013. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=7616&dd99=view&dd98=pb>> Acesso em: abr. 2017.

CHARTERIS et al. **Snapchat 'selfies': The case of disappearing data**. In B. Hegarty, J. McDonald, & S.-K. Loke (Eds.), *Rhetoric and Reality: Critical perspectives on educational technology*. Proceedings Ascilite. Dunedin-NZ, 2014 p. 389-393. Disponível em: <<https://epublications.une.edu.au/vital/access/services/Download/une:17616/SOURCE02?view=true>>. Acesso em: abr. 2017.

ERIKSON, Erik. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FOLHA DE S. PAULO. 2013. **Brasil chega a 76 milhões de usuários no Facebook**: mais da metade acessa do celular. Caderno Tec. 14/08/2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2013/08/1326267-brasil-chega-a-76-milhoes-de-usuarios-no-facebook-mais-da-metade-acessa-do-celular.shtml>> Acesso em: jul. 2016.

FOLHA DE S. PAULO. 2016. **Celular se torna principal meio de acesso à internet nos lares, diz IBGE**. Caderno Mercado 06/04/2016. Disponível em: <<http://tools.folha.com.br/print?site=emcimadahora&url=http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/04/1757972-celular-se-torna-principal-meio-de-acesso-a-internet-nos-lares-diz-ibge.shtml>> Acesso em: ago. 2016.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. **Mundo em descontrole**: o que a globalização está fazendo de nós. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. _____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. _____. _____. **Sociologia**. 6ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Comportamentos em lugares públicos**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da.; WOODWARD, Kathryin; HALL, Stuart (Orgs.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBGE. **Acesso à Internet e à Televisão e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal – PNAD 2014**. Disponível em: <<http://www.mcti.gov.br/documents/10191/0/pnad-tic-2014.pdf/74864e5f-4ccd-41fa-bb96-b436d5a8a78a>> Acesso em: Out. 2016.

_____. **Pnad – Síntese de Indicadores 2014**. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94935.pdf>> Acesso em: Out. 2016.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 2011.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 2011.

MARTINS, Carlos Benedito. **A contemporaneidade de Erving Goffman no contexto das ciências sociais**. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 26 nº 77. Outubro, 2011. p.231-240. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v26n77/19.pdf>>. Acesso em: jul. 2016.

MASCARENHAS, Maíra. **Simmel e Goffman**: contribuições para o estudo das relações sociais no ambiente escolar. In: *Revista Intratextos*, vol. 4, n. 1, 2012. p.240-257. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intratextos/article/view/2101/3369>>. Acesso em: jun. 2016.

MELLO, Felipe C. **Game cultura**: comunicação, entretenimento e educação. São Paulo: Cengage Learning, 2016.

MÜLLER, Elaine. **A idade do olhar**: implicações da condição etária do/a pesquisador/a de juventudes. 30º Encontro anual da ANPOCS. Out., 2006. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=3576&Itemid=232>. Acesso em: ago. 2016.

_____. **Repensando a problemática da transição à adultez**: contribuições para uma Antropologia das Idades. Revista Política & Trabalho, nº 31, set. 2009. p. 107-125. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/6824/4259>>. Acesso em: ago. 2016.

_____. _____. **O conceito de transição e o curso da vida contemporâneo**. Revista Feminismos, vol. 1 nº 3, set.-dez. 2013. Disponível em: <<http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista/article/viewFile/82/80>>. Acesso em: ago, 2016.

O GLOBO. **A origem do Facebook**. Sociedade e Tecnologia. 18 jun. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/a-origem-do-facebook4934191>>. Acesso em: out. 2016.

OLHAR DIGITAL: o futuro passa primeiro por aqui. **Você sabe o que são memes na internet? Eles vão virar até livro**. 2011. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/video/voce_sabe_o_que_sao_os_memes_na_internet/18003>. Acesso em: jul. 2017.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de Nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PASSARELLI, B.; JUNQUEIRA, A.; ANGELUCI, A. **Os nativos digitais no Brasil e seus comportamentos diante das telas**. In: Revista Matrizes – USP, vol. 8, n. 1, jan./jun. 2014. p. 159-178. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/404/pdf>>. Acesso em: jun. 2016.

PERLES, João Batista. **Comunicação**: conceitos, fundamentos e história. In: Biblioteca on-line de ciências da comunicação, 2007. ISSN: 1646-3137. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=990>. Acesso em mar. 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA-ES. **Vitória bairro a bairro**. Disponível em: <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/geral/publicacoes/Vitoria_bairro_bairro/Vit%C3%B3ria_bairro_%20a_bairro.pdf>. Acesso em: ago. 2017.

PRÊMIO INFLUENCIADORES DIGITAIS. **Revista Negócios da Comunicação**. São Paulo, 3 jul. 2017. Disponível em: <<http://premioinfluenciadores.com.br/indicados/>> Acesso em: jul. 2017.

PRENSKY, Marc. **Nativos digitais, Imigrantes digitais**. On the Horizon (MCB University Press, vol. 09 nº 05). Outubro, 2001. Disponível em: <http://www.colegiongeracao.com.br/novageracao/2_intencoes/nativos.pdf>. Acesso em: nov. 2015.

_____. **“Não me atrapalhe, mãe – Eu estou aprendendo!”**: como os videogames estão preparando nossos filhos para o sucesso no século XXI – e como você pode ajudar! São Paulo: Phorte, 2010.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre-RS: Sulina, 2009.

_____. **Curtir, compartilhar, comentar**: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. Verso e Reverso, XXVIII (68): 114-124. São Leopoldo-RS: Unisinos, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/viewFile/7323/4187>> Acesso em: dez. 2016.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura**: perspectivas, questões e autores. 2ª Ed. Porto Alegre-RS: Sulina, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. 4ª Ed. São Paulo: Paulus, 2010.

SANT'ANA, Ruth Bernardes de. **O processo de formação do sujeito e o self na psicologia social de G. H. Mead**. Revista Psicologia Política, 4(7). 17-44. São Paulo: Sociedade Brasileira de Psicologia Política, 2005. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~psicopol/psicopol/artigos_pub/artigo_25.pdf> Acesso em: fev. 2017.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e educação**. São Paulo: Contexto, 2010.

SIBILIA, Paula. **O show do Eu**: a intimidade como espetáculo. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SILVA, Cristiane R. M.; TESSAROLO, Felipe, M. **Influenciadores digitais e as redes sociais enquanto plataformas de mídia**. In: XXXIX Congresso brasileiro de ciências da comunicação, 39, 2016, São Paulo. Anais eletrônicos da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2104-1.pdf?>> Acesso em: jun., 2017.

SOUZA, Marcos. **O real conceito de nativos e imigrantes digitais nas redes sociais digitais**: conceitos, vivências e comportamento. 2013. Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem) – Programa de Pós-graduação em

Cognição e Linguagem, Universidade Estadual Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2013.

SOUZA et al. **Os significados dos jogos eletrônicos para jovens de uma escola técnica de Campinas - SP**. Revista Brasileira de Estudos do Lazer. Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 44-63, jan./abr. 2015. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/1171/1055>> Acesso em: mai. 2017.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo M. (Org). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-127.

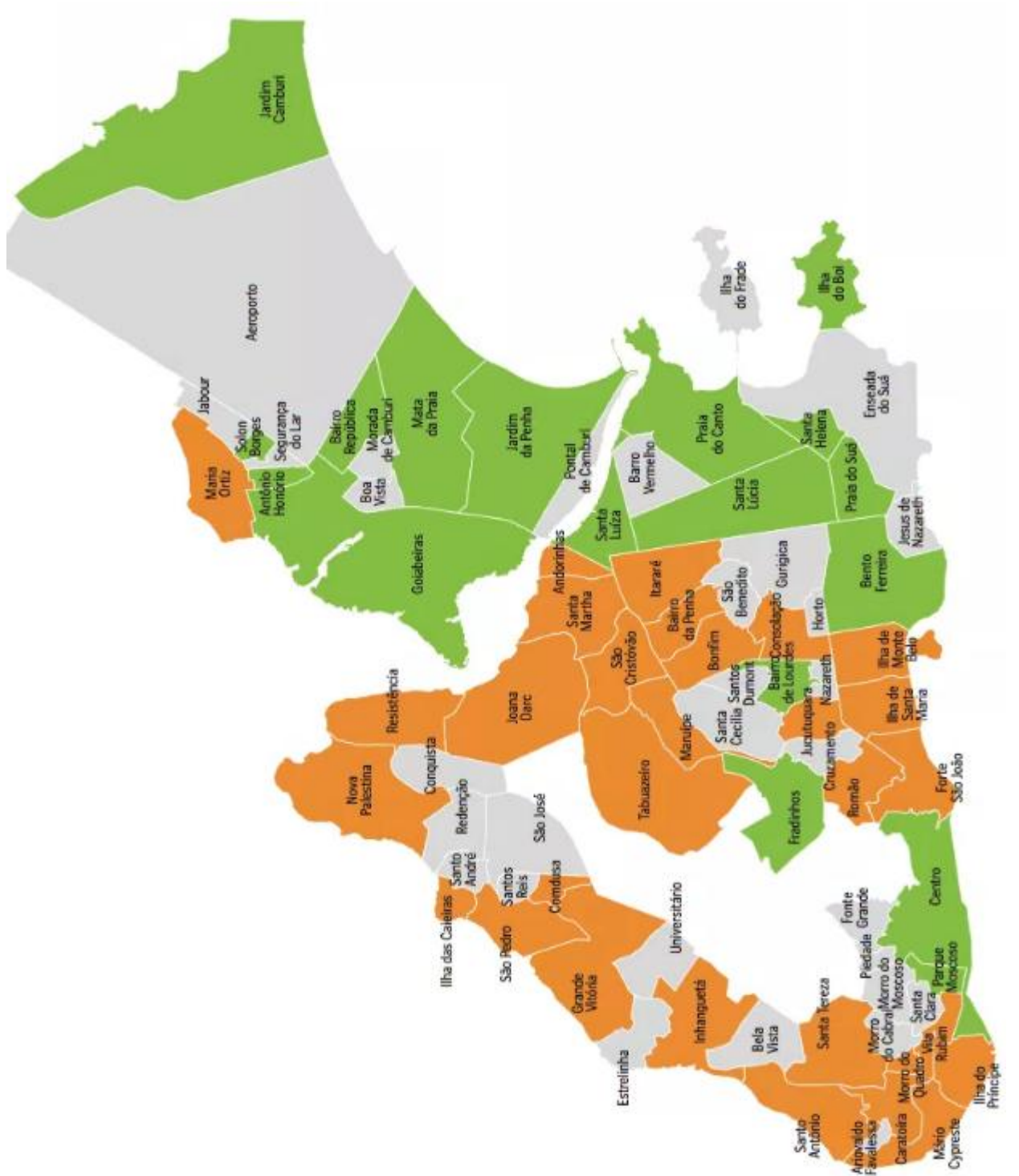
THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 3ª Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

VEJA, Revista. **Facebook 10 anos**. Veja reportagens especiais. <<http://veja.abril.com.br/reportagens-especiais/10-anos-facebook/>> Acesso em: out. 2016.

WHATSAPP. **Sobre o WhatsApp**. Disponível em: <<https://www.whatsapp.com/about/>>. Acesso em: out. 2016.

ANEXO

MAPA - Limite de bairros da cidade de Vitória-ES



(Fonte: PREFEITURA DE VITÓRIA-ES, 2013)

APÊNDICE**QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO****ENTREVISTA COM JOVENS DO ENSINO MÉDIO**

1. Qual é o seu nome?
2. Você tem que idade?
3. Aonde você mora? Em qual bairro? Com quem?
4. Você estuda em que escola?
5. Você está em que série na escola?
6. Você tem internet em casa? Se não, aonde acessa?
7. Qual equipamento você usa para acessar a internet?
8. Em que lugares você acessa?
9. Você já frequentou lan-houses?
10. Pra que você usa a internet?
11. Quais aplicativos você usa?
12. Como você acessa a internet? Aonde você tem wi-fi?
13. Quais redes sociais você está conectado?
14. Quem compõe a sua rede social? São conhecidos? São pessoas conhecidas na internet? O que te motiva a adicionar pessoas? Você rejeita algum tipo de convite? Tipo qual?
15. Já conheceu alguém especial na rede social? De que forma? Já namorou alguém conhecido assim?
16. O que você curte na rede social?

17. Você costuma compartilhar coisas de outras pessoas? O que? O que não curte/compartilha?
18. Que tipo de informações você disponibiliza na sua rede social? Você classifica seus amigos e postagens, limitando quem os vê?
19. Se sim, que tipo de pessoas você deixa que vejam os seus posts? Que tipo de posts prefere manter em segredo para alguns?
20. Você deixa seus dados de forma pública?
21. Você costuma postar fotos? Que tipo de fotos? Selfie? Com quem? Evita postar algum tipo de foto? Que tipo? Porque?
22. Você se preocupa com a imagem que você transmite na rede social? De que forma?
23. Como você (não) gostaria que as pessoas te vissem?
24. O que você gosta de ver nas publicações dos outros?
25. Que tipo de postagens você não gosta de ler ou discutir nas redes sociais?
26. Você marca e é marcado nas postagens dos seus amigos?
27. Em quê você (não) gosta de ser marcado?
28. Você já fez alguma transmissão “ao vivo”? Se sim, do quê? E se fizesse, do que faria?
29. Você costuma participar de algum grupo? De que tipo? Quem faz parte? Como é participar desse grupo? Vocês se encontram pessoalmente? Vocês se conhecem pessoalmente? Gostaria? Você conversa com algum membro de algum desses grupos em outras redes ou de outro modo?
30. Você já criou algum grupo? Qual? De que? Porque?

31. Você costuma fazer postagens sobre o que está pensando/sentindo no momento?
32. Como você acha que as suas opiniões são interpretadas?
33. Você já teve algum problema com alguma pessoa na rede social? Se sim, que tipo de problema? Foi resolvido? De que modo? Você já bloqueou ou sabe se já foi bloqueado por alguém?
34. Já teve vergonha de ter postado algo? O que? Porque? Já postaram algo de você ou para você que te incomodou? Quem, o que, quando e o que aconteceu.
35. Já teve alguma amizade desfeita por razões contrárias às suas postagens?
36. Para quem são dirigidas a maior parte de suas postagens?
37. Você costuma responder a brincadeiras através de questionários de aplicativos sobre a sua pessoa? Se sim, de que tipo
38. Você normalmente autoriza o *Facebook* a fazer postagens no seu perfil, utilizando suas fotos e comentários, como aniversário e mensagem de fim de ano?
39. Que tipo de postagem você (não) confia?
40. Você coloca informações sobre a sua rotina no *Facebook*?
41. Você faz questão de fazer “*check-in*” nos lugares que frequenta? Que tipo de lugar?
42. A rede social é útil para que você saiba e convide os amigos para os eventos?
43. Você costuma confirmar presença em eventos publicados pelo *Facebook*?